

TAMI OLDHAM ASHCRAFT
COM SUSEA MCGEARHART

VIDAS À DERIVA

(ADRIFT)

A HISTÓRIA REAL QUE DEU ORIGEM AO FILME





TAMI OLDHAM ASHCRAFT
COM **SUSEA MCGEARHART**

VIDAS À DERIVA

(ADRIFT)

A HISTÓRIA REAL QUE DEU ORIGEM AO FILME



VIDAS À **DERIVA**

A HISTÓRIA REAL QUE DEU ORIGEM AO FILME

TAMI OLDHAM ASHCRAFT
COM **SUSEA MCGEARHART**

VIDAS À **DERIVA**

A HISTÓRIA REAL QUE DEU ORIGEM AO FILME

TRADUÇÃO
CLÁUDIA MELLO BELHASSOF



Copyright de novo posfácio © 2018, Tami Oldham Ashcraft
Copyright © 2002, Tami Oldham Ashcraft
Originalmente publicado como *Red Sky in Mourning* em 2002 pela Hyperion Books. Direito de tradução de Jill Grinberg Literary Management LLC e Sandra Bruna Agência Literária, SL.
Tradução para Língua Portuguesa © 2018, Cláudia Mello Belhassof
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora. Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora responsável Tainã Bispo
Produção editorial Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa, José Cleto, Luiza Marcondes e Natália Ortega
Preparação de texto Juliana Araújo Revisão de texto Jonathan Busato
Revisão de termos técnicos Maria Inês Nascimento
Capa Agência MOV Foto da autora Southbay Photography

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A851v

Ashcraft, Tami Oldham
Vidas à deriva : A história real que deu origem ao filme / Tami Oldham Ashcraft e Susea McGearhat ; tradução de Cláudia Mello Belhassof. — Bauru, SP : Astral Cultural, 2018.
272 p. : il.

Título original: *Adrift*
ISBN: 978-85-8246-734-3

1. Naufrágios 2. Naufrágios - Sobreviventes 3. Naufrágios - Oceano Pacífico 5. Ashcraft, Tami Oldham, 1960 - I. Título II. McGearhat, Susea III. Mello Belhassof, Cláudia

18-0466

CDD 910.9164

Índice para catálogo sistemático:
1. Naufrágios - Sobreviventes - Oceano Pacífico 910.916



astral
cultural

ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS
DA EDITORA ALTO ASTRAL

BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO
Rua Tenerife, 31 - Conj. 21 e 22
CEP 04548-904
Telefone/Fax: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralcultural.com.br

*Para meu avô Watty J. Oldham,
a base sólida da minha vida,*

*e a Richard Sharp... que sempre
esteve em meu coração.*

NA LINHA DE FOGO

Ouvindo o tinido da haste da âncora enquanto batia na roldana de proa, voltei minha atenção para Richard. Com um gesto grandioso, ele acenou para mim...

— Vamos!

Coloquei o motor em propulsão. Conforme eu empurrava levemente o acelerador, o *Hazana* ganhava velocidade e nós saíamos do porto Papeete na ilha do Taiti. Era 22 de setembro de 1983, às 1330¹. Depois de um mês estaríamos de volta a San Diego, Califórnia. Se ao menos eu estivesse mais animada. Odiava sair do Pacífico Sul. Não que eu não quisesse ver minha família e meus amigos, mas era cedo demais. Tínhamos saído da Califórnia apenas seis meses antes, e originalmente havíamos planejado navegar pelas ilhas do Pacífico Sul e pela Nova Zelândia antes de visitar nossa casa de novo. Essa mudança nos planos me deixou com uma sensação ambígua. Mas, como Richard havia observado, esse trabalho de entrega do iate era um sonho realizado — bom demais para dispensar.

Gritos na orla chamaram minha atenção. Virando para trás, vi alguns dos nossos amigos acenando em despedida. Fiquei de pé no assento do timão e acenei com os dois braços bem altos enquanto pilotava com meu pé esquerdo descalço. Senti um beliscão no dedão do pé quando Richard assumiu o timão com um braço e colocou o outro na minha cintura. Olhei para os seus olhos azul-escuros. Estavam cheios de

alegria. Ele me puxou para perto e beijou minha barriga coberta por um pareô. Não consegui evitar um sorriso: ele era como um menininho em sua empolgação.

— Âncoras suspensas, meu amor.

— É, âncoras suspensas! — concordei.

Meus olhos ficaram marejados quando acenei pela última vez para os amigos no cais que agora pareciam postes de iluminação no desembarcadouro. O nó familiar na garganta era um lembrete de como é sempre difícil ir embora, a ideia de que as pessoas podem nunca mais se encontrar. Apesar de estarmos de volta em pouco tempo, lembrei a mim mesma, nossos amigos provavelmente não estarão lá. Navegantes não ficam muito tempo em um lugar — eles seguem viagem.

Assumi o timão quando Richard içou a vela mestre. Respirando fundo, vasculhei o horizonte. A ilha de Moorea se destacava a noroeste. Ah, como eu amava o mar! Pilotei o barco em direção ao vento, e a vela mestre estalou e chicoteou quando Richard lançou a lona para cima no trilho da vela. Com o barco virado a sotavento, a bujarrona enroladora escapou de um jeito escorregadio, como uma gota de chuva no vidro. O *Hazana* adernou de um jeito tranquilo. Que belo iate esse Trintella, pensei. Quarenta e quatro pés de precisão. Tão luxuoso em comparação com o nosso *Mayaluga*.

Observando Richard trimar as velas do *Hazana*, refleti sobre como tinha sido difícil para ele se despedir do *Mayaluga*. Ele o havia construído na África do Sul e lhe deu esse nome por causa da palavra suázi que significava “alguém que ultrapassa o horizonte”. Fora sua casa durante muitos anos, e ele havia navegado com o barco de ferrocimento de trinta e seis pés por metade do mundo.

As linhas do *Mayaluga* eram elegantes e agradáveis aos olhos, seu interior era o sonho de um artífice, com vigas de mogno laminado no convés reluzindo com as camadas de verniz aveludado e um piso — feito de teca e ilex.

Para evitar pensar muito no que estávamos deixando para trás, nós dois nos ocupamos nos últimos dias a bordo do *Mayaluga*. Eu estava preocupada arrumando todas as roupas e objetos pessoais de que íamos precisar nos dois hemisférios a velejar e visitar durante os próximos quatro meses: camisetas para o outono em San Diego. Jaquetas para o Natal na Inglaterra. Casacos de moletom para o inverno precoce em San Diego. Pareôs e shorts para o nosso retorno ao Taiti no fim de janeiro. Richard tinha se concentrado em preparar o *Mayaluga* para os meses seguintes sem nós dois.

Ele ficaria seguro na baía de Mataiea. Haipade, nosso amigo, que mora na baía com a esposa Antoinette e seus três filhos, prometeu ligar o motor uma vez por semana. Tivemos o cuidado especial de escorar todas as almofadas e tábuas para que

o ar úmido do Taiti pudesse circular. Deixamos o grande toldo aberto para ajudar a proteger a madeira envernizada do sol intenso e abrimos uma gaiuta de escotilha sob o toldo.

Quando saímos do *Mayaluga*, minhas costas estavam voltadas para o barco enquanto Richard remava para nos levar até a orla. Não consegui ver seus olhos por trás dos óculos escuros, mas eu sabia que estavam marejados.

— Eu sei que Haipade vai cuidar bem dele — garanti.

— Vai, sim. Esta baía é totalmente protegida.

— Além do mais, voltaremos em pouco tempo. Certo?

— Certo. — Ele sorriu para mim por ter imitado seu sotaque britânico.

Agora, a bordo do *Hazana*, o vento mudou, e eu alterei o curso em dez graus. Richard se inclinou na minha frente, bloqueando minha visão.

— Você está bem?

— Claro.

Indo para trás de mim, ele desenganchou a adriça para levantar a vela da mezena.

— Isso não é ótimo?

Era ótimo mesmo. Ótimo clima, ótimo vento e ótima companhia. Seu otimismo era contagiante. *Velejar é isso mesmo, não é?*, pensei. Aventura. Mergulhar de cabeça. Que inferno... o tempo voava.

...

O registro no diário de bordo do nosso primeiro dia no mar dizia: “Dia perfeito. Tetiaroa pelo través. Lua cheia. Fazendo cinco nós no mar calmo com todas as velas”.

Dia Dois, estávamos fazendo seis nós com a vela mestre e duas velas de proa. Mais tarde, naquele dia, tivemos que caçar todas as velas para combater o vento norte-nordeste.

No Dia Três, ainda estávamos golpeando o vento. O *Hazana* aguentou bem, mas ficamos fatigados. Uma borrasca de trinta e cinco nós nos atingiu mais tarde no mesmo dia. Enrolamos a genoa, soltamos a vela mestre e navegamos com a vela de estai e a mezena.

A batida de uma onda contra a proa a bombordo me assustou. Abaixei a cabeça para bloquear o borrifo. De jeito nenhum íamos folgar as escotas — tirar o vento das velas para tornar a viagem mais tranquila —, pois tínhamos nos comprometido

a entregar o *Hazana*, e era San Diego ou o fracasso.



Observei as cores azul-piscina e azul-petróleo do oceano se mesclarem e se dissolverem no azul-meia-noite dos mares mais profundos. *San Diego ou fracasso*, refleti. Eu sempre retorno a San Diego — lar, doce lar. Parecia que fazia tanto tempo que eu tinha trabalhado na loja de comida saudável e me formado na Pt. Loma High. Eu me lembro de como agarrei aquele diploma e fui embora — cortei todos os cabos que me mantinham ancorada. Tudo que eu queria fazer era atravessar a fronteira para o México e surfar nas suas ondas fantásticas. Naquela época, era México ou fracasso. Sorri me lembrando de como, para mim, era importante estar livre, sozinha. Comprei uma Kombi 1969, dei a ela o nome de *Buela* e convenci minha amiga Michelle a partir comigo. Jogamos nossas pranchas de surfe no bagageiro do teto e passamos rapidamente pela alfândega de Todos Santos com sua promessa de ótimas ondas para surfar e aventuras para realizar. Isso foi no outono de 1978.

Cortesia de Trintella Yachts, Holanda



Michelle e eu acampamos na praia de Todos Santos com outros surfistas americanos. Durante um mês, tudo que fizemos foi surfar, comer, festejar e dormir. Mas, quando Michelle não conseguiu mais fugir das obrigações que a aguardavam em casa, ela foi embora, relutante, pegando carona para o norte.

Fiz amizade com uma família local, os Jimenez. Apreendi o suficiente de espanhol para me virar e me diverti ensinando inglês para os cinco filhos do casal. Eles moravam e cultivavam uma terra alugada. Eu os ajudava a colher tomates e coentro e, em troca, eles me deixavam ficar com os tomates maduros demais, para fazer molho e vender para os gringos na praia. Meu pequeno negócio era lucrativo o suficiente para subsistir, de modo que eu não precisava usar as minhas economias.

Com tantos americanos indo e vindo, nunca me senti solitária e nunca tive medo de ficar sozinha. Toda semana, eu dirigia até Cabo San Lucas ou La Paz em busca de suprimentos.

Em Cabo, havia um pequeno “pé-sujo” de calçada que servia um ótimo café da manhã mexicano. Muitos dos gringos que saíam de navios de cruzeiro iam lá. O restaurante era uma descolada construção de tijolos de cimento com um guichê de pedidos na lateral. Todos os assentos ficavam do lado de fora. Havia um cardápio perto do guichê e ao lado dele um enorme quadro de avisos do tamanho de uma folha de compensado. Havia todo tipo de mensagem e aviso nesse quadro.

Certa manhã, vi um anúncio que chamou minha atenção. “Preciso de tripulantes. Não é necessário ter experiência em velejar. Cozinhar é uma vantagem. Sigo para a Polinésia Francesa no fim do mês.” Eu nem sabia onde ficava a Polinésia Francesa, mas o som do nome me seduziu. “Entre em contato com Fred B/V *Tangaroa*.”

— Ei — gritei para Drew, um passageiro de cruzeiro que eu tinha conhecido —, o que significa b-barra-v?

— B-barra-v? Significa barco veleiro, *baby*.

— Obrigada, *baby*.

Ah, então o *Tangaroa* era um veleiro. Sem ter um rádio VHF para chamá-lo, andei até a praia e analisei os diversos veleiros ancorados. Conforme eles balançavam com a corrente, eu conseguia ler os nomes, e logo avistei o *Tangaroa*. Seu bote estava amarrado à popa, por isso eu sabia que o proprietário ainda estava a bordo. Relaxei na areia quente e esperei alguém vir remando até a orla. Depois de um tempo, vi um homem mais velho entrar no bote e remar.

Depois que ele prendeu o esquife à praia, eu me aproximei.

— Você é o Fred?

— Sou — disse ele, me dando uma olhada rápida.

— Vi seu anúncio pedindo tripulação e estou interessada.

Ele me convidou para tomar uma *cerveza* gelada na cabana Muy Hambre. Durante a *cerveza*, contei que o único barco em que eu tinha velejado era o *Hobie Cat* do meu pai na baía de San Diego, de modo que eu não sabia nada de velejar, muito menos de atravessar o oceano velejando até um porto estrangeiro. Fred me contou que seu barco era um *Dreadnought* 32 personalizado. Discutimos quais seriam minhas responsabilidades a bordo, ou seja, cozinhar e ficar de vigia. Falei que, se o que ele realmente queria era uma “parceira”, eu não estava interessada. Ele me contou que estava se recuperando de um divórcio carregado de Tabasco e a última coisa que queria ou precisava naquele momento era uma parceira. Tudo que eu precisaria fazer era cozinhar e ficar de vigia.

Com todas as cartas na mesa, concordamos em fazer uma viagem de teste — para saber se eu ia gostar de velejar. Velejamos até La Paz, a cento e setenta milhas de distância.

Foi uma viagem fabulosa de dois dias. Fred foi o cavalheiro que prometeu ser, e eu gostei de velejar como um peixe gosta de água. Fui contratada para o *Tangaroa*. Minha mãe ficou mais preocupada com minha viagem de veleiro para o mundo azul e selvagem do que meu pai, mas ela sabia que não podia me impedir, assim como não conseguia me impedir de ir para o México nove meses antes.

Quando voltei a Todos Santos, os Jimenez disseram que eu poderia deixar minha Kombi estacionada lá. Anos depois, descobri que tinha virado um alimentador de animais. Eles jogavam a comida no teto solar e abriam as portas laterais, de modo que ela transbordava de maneira conveniente, alimentando os porcos.

Fred e eu deixamos Cabo em março de 1979. A descida até as Marquesas foi uma experiência de aprendizado maravilhosa para mim. Passei muito tempo no timão aprendendo a sensação de manobrar uma embarcação através do mar denso. O único contratempo era que Fred e eu éramos como óleo e água. Ele, com cinquenta e poucos anos, gostava de música clássica. Eu, com dezenove, gostava de *rock’n’roll*. Ele gostava de cozinha *gourmet*, eu gostava de refeições vegetarianas. Ele era disciplinado. Eu era despreocupada. Ele era um homem impressionante, com postura perfeita, corpo perfeito, bronzado perfeito. Tudo isso era perfeito demais para mim.

Certo dia, o horizonte revelou picos vulcânicos. Perdi o fôlego ao ver terra depois

de passar trinta e dois dias cercada de nada além de mares azuis e céu azul. Picos densos se destacavam no que antes era uma linha monótona do horizonte. Foi uma visão mística que provocou lágrimas nos meus olhos. Me perguntei se foi assim que Cristóvão Colombo se sentiu quando viu terra pela primeira vez. Fred e eu mal estávamos nos falando quando isso aconteceu. Eu mal podia esperar para saltar do *Tangaroa*, embora meu desejo de velejar e explorar tivesse apenas começado.

Fred tinha me falado que teríamos de deixar uma garantia de 850 dólares na alfândega de Nuku Hiva, uma das ilhas Marquesas da Polinésia Francesa. Mas, por ser uma viajante novata, nunca sonhei que meu dinheiro, que estava em pesos, fosse algo que os marquesanos não reconheceriam como moeda de câmbio. Fred pagou a garantia por mim, mas isso significava que eu tinha que continuar cozinhando e pilotando para ele. Mandeï todos os meus pesos para minha mãe em San Diego, que disse, por telefone, que ia convertê-los em dólares americanos e enviá-los de volta aos cuidados de Posta Restante, Papeete, Taiti.

Durante esse período, conheci Darla e Joey, que também faziam parte da tripulação de um iate. Fizemos amizade rapidamente. Um pequeno grupo de tripulantes, todos mais ou menos da mesma idade, acabou confraternizando e, para nos impedir de fazer um motim, nossos capitães decidiram navegar juntos pelo conjunto de ilhas Marquesas.

Fred e eu fomos o primeiro barco no nosso grupo a deixar as Marquesas e seguir para o arquipélago de Tuamotu. Seria uma viagem de três dias, e cronometramos deliberadamente para chegar lá na lua cheia, o que nos daria a luz mais vantajosa à noite para navegar pelos atóis caso chegássemos mais tarde do que planejavamos. Atóis são recifes de corais rasos em formato de anel com uma lagoa no meio. Como os atóis não são visualizados com facilidade e são cercados por recifes de corais submersos, são perigosos para os marinheiros. Encalhar em um deles pode destruir a parte inferior do casco e afundar o barco em minutos. A parte memorável de um atol são as palmeiras de doze metros de altura balançando aos ventos alísios. Devido à curvatura da terra e ao fato de que você está em um barco ondulado com o mar, doze metros não são tão evidentes quanto um prédio de quatro andares. As palmeiras são a primeira indicação para um navegante de que há terra firme por perto.

Sugeriram que Fred e eu procurássemos certos navios e barcos que haviam encalhado nesses atóis e usássemos os velhos cascos como pontos de navegação. Velejar pelas ruínas nos recifes me fez perceber como é importante que todos a bordo de um barco estejam conscientes dos perigos e saibam navegar por áreas perigosas. Isso era algo que eu achava que Fred sabia.

Nosso primeiro porto de escala seria Manihi. Fred calculou que amanheceria

antes de vermos o atol, nos dando tempo suficiente e uma boa luz para encontrar a entrada da lagoa. Quando a manhã já estava adiantada e ainda não tínhamos visto nada, comecei a ficar preocupada. Só à uma da tarde, quando vimos as pontas das palmeiras soprando ao longe, foi que eu consegui suspirar de alívio. Em pouco tempo estávamos perto o suficiente para tentar localizar a entrada mostrada na carta de navegação. Procuramos uma calmaria nas correntes de água branca, mas tudo que vimos foi um longo vagalhão. Fred explicou que muitas vezes as ondas quebram nos dois lados do canal de uma lagoa, dificultando a distinção do corte nos pólipos do coral.

Fred e eu nos revezamos olhando pelo binóculo, vasculhando com voracidade os vagalhões ao longo da costa. Finalmente, escalei os degraus do mastro até as cruzetas — as barras atravessadas no mastro — e envolvi as pernas e um braço no mastro, inspecionando a ilha tropical através do binóculo. A terra apareceu contínua, sem corte. Velejamos completamente ao redor do atol e, mesmo assim, não encontramos uma entrada. Meus nervos estavam tensos, e Fred se recusava a admitir que estávamos perdidos. O sol estava se pondo rapidamente.

Por meio de palavras enfurecidas, nós dois concordamos que devíamos ter sido conduzidos — isto é, empurrados — para oeste, e que havíamos circum-navegado o atol Ahe, e não o Manihi. Assim, concordamos em velejar à noite até Rangiroa.

Nós estávamos nervosos naquela noite. Ficamos acordados, observando e ouvindo para identificar quaisquer ondas que poderiam estar estourando em um recife. Foi naquela noite, no meu medo, que percebi que nunca mais queria estar naquela posição. Eu precisava aprender a navegar.

Na primeira luz, vimos nosso destino. Era como se as palmeiras estivessem acenando um alô especial para mim. Mais ou menos no meio da manhã, localizamos a passagem. Dessa vez, foi fácil ver onde a água branca se exauria e depois se agitava de novo. A mudança na cor ao longo da costa tornava óbvio o canal. Vimos um iate com uma bandeira americana amarrado à doca de carga do povoado. Manobramos até a doca, com ajuda do casal do outro barco. Pulei para a doca e, exausta, disse à mulher:

— Olha, estou feliz de estar aqui em Rangiroa.

— Rangiroa? Você não está em Rangiroa. Você está em Apataki!

Fiquei chocada. Embarquei de novo no *Tangaroa* e desci para olhar a carta de navegação. Tínhamos sido conduzidos mais de cem milhas a sudeste. O que achávamos que era o atol de Ahe na verdade era o atol Takapoto, um dos atóis sem entrada.

Agora eu tinha perdido toda a confiança em Fred. Aguentei a passagem de cinco

dias até o Taiti fervendo de raiva por ele. Minhas malas estavam prontas dois dias antes de chegarmos. Eu estava ansiosa para desertar e deixar o *Tangaroa* bem para trás.

No Taiti, vi meu amigo Joey em um café ao ar livre; ele me disse que tinha se alistado na escuna *Sofia* como cozinheiro. Perguntei sobre o *Sofia*. Não era um transatlântico luxuoso de jeito nenhum, disse ele, tendo sido construído em 1921, mas era incrível: uma escuna de três mastros com velas de gávea e de propriedade cooperativa. Ele acrescentou que as acomodações do *Sofia* eram horríveis: o banheiro, por exemplo, era um vaso sanitário montado em um receptáculo de metal localizado no convés da popa, que fazia o descarte no mar. A galé tinha quatro queimadores a querosene e um grande forno a diesel, e a pia só bombeava água salgada. A água doce só era permitida para beber e cozinhar, não para ser desperdiçada em coisas frívolas como enxaguar pratos.

A taxa para se juntar à cooperativa de velejo era de três mil dólares. Os cozinheiros tinham que pagar apenas mil e quinhentos dólares.

Joey armou a isca quando me disse que a tripulação do *Sofia* estava procurando alguém para ocupar o outro cargo de cozinheiro em meio expediente. No dia seguinte, fui até a escuna, me inscrevi e consegui o cargo, me tornando uma tripulante permanente.

Apesar de ser primitivo, o *Sofia* tinha personalidade. Carregava uma tripulação de dez a dezesseis pessoas. Suas cavernas rangiam pela história e pela aventura. Estava indo para a Nova Zelândia passando por todos os conjuntos de ilhas do Pacífico Sul. Aqueles dias no *Sofia* foram melhores do que eu poderia imaginar. A liberdade de estar sobre a água azul e cristalina enquanto velejava uma escuna sob a gloriosa luz do sol era mágica. A camaradagem da tripulação era bem equilibrada. Consegui aprender minhas habilidades de velejar e o básico de navegação, além de cozinhar e como ajudar a organizar e instruir pessoas na arte de velejar. Foi como estar em uma das maiores faculdades do sul da Califórnia: *Sofia* — U.S. “Sea”.

Quando chegamos à Nova Zelândia, nos dirigimos a uma pequena cidade chamada Nelson, localizada na ponta norte da ilha Sul, no estreito de Cook.

Como nosso *Sofia* estava destinado a ficar mais de um ano em Nelson para ser consertado, me ofereceram um emprego de pescadora em um barco chamado *Pandora*. Era de propriedade e administrado por um ex-tripulante do *Sofia* que passou no barco procurando tripulantes. Eu me inscrevi para uma temporada de albacora e acabei pescando durante duas temporadas de albacora e uma temporada de garoupa. O pagamento era bom, e eu adorava a vida desafiadora da pesca — o mar estourando como pipoca com peixes em todas as linhas.

Enquanto eu estava pescando, o *Sofia* recebeu uma oferta da indústria cinematográfica, e o produtor queria o barco em Auckland para a filmagem. Deixei a maioria das minhas coisas — fotos, cartas e roupas — a bordo, porque planejava me reunir com o *Sofia* em Auckland quando a temporada de albacora terminasse.

O *Sofia* não conseguiu chegar lá. Afundou em uma tempestade terrível perto da ponta mais ao norte da ilha Norte da Nova Zelândia — cabo Reinga. Uma mulher se afogou quando o navio afundou. Os dezesseis sobreviventes ficaram no mar em duas balsas salva-vidas por cinco dias. Eles finalmente foram resgatados por um cargueiro russo que estava passando, que os localizou graças ao último foguete sinalizador.

Eu estava no mar pescando quando fui notificada do naufrágio. O barco em que eu estava me levou de volta ao litoral, e eu voei para encontrar a tripulação do *Sofia* em Wellington. Todos os meus planos tinham acabado de naufragar, junto com uma mulher inocente e um belo barco, em um estalar de dedos.

Não sabia muito bem o que fazer a seguir. Meu visto, junto com o de outros tripulantes do *Sofia*, tinha expirado. Eu não tinha mais nada além das roupas que levei para pescar e algumas coisinhas. Mesmo naquela época, minhas raízes estavam em San Diego. Só eu estava fora do país havia três anos, não apenas seis meses como agora.

Richard colocou a cabeça para fora no porão e disse:

— ETA² trinta dias, meu amor.

Dei um sorriso largo, porque, depois de ter recordado meu início desfavorável como marinheira profissional, eu me tranquilizei pela fé que sentia em Richard. Richard fazia valer a pena estar em qualquer lugar, mesmo no meio desse mar turbulento.

No quinto dia saindo do Taiti, o *Hazana* singrava os mares com a genoa e a mezena, fazendo seis nós. Um acessório do convés se soltou e a água salgada vazou para o rádio de banda lateral única, provocando um curto circuito. A ondulação constante dos ventos nordeste nos roubou o sono. Nossos corpos estavam tensos por causa do barulho dos mecanismos do convés e da viagem difícil.

O dia seguinte nos deu um alívio. O vento mudou de direção no nosso casco e nos empurrou para leste, exatamente o que precisávamos. Richard escreveu “PARAÍSO” no diário de bordo. Decidimos folgar as velas e flutuar um pouco.

Relaxando no sol, girei o anel de nó amor perfeito que Richard tinha feito para mim. Olhando para o outro lado da cabine de pilotagem, deixei meus olhos passearem pelo seu corpo musculoso. Admirei seu cabelo cor de topázio, ondulado

como o mar, e sua barba cheia e curta, pintada de dourado pelo sol.

Richard escreveu no diário de bordo do *Hazana* no dia seguinte: “Abri mão das ilusões de que os ventos alísios sudeste um dia serão melhores que os ventos alísios leste! Agora, sob a segunda principal rizada, vela de estai, genoa enrolada (V_2) & mezena — voando a 6 nós.”

O indicador de vento da Brooks & Gatehouse parou de funcionar no Dia Oito.

— Espero que mais nenhuma porcaria de equipamento quebre! — exclamou Richard para mim.

— Pode ser corrosão ou...?

— Corrosão irritante. São as porcarias de eletrônicos de alta tecnologia. O sol pode não brilhar todo dia, mas, quando brilha, pelo menos ele diz exatamente onde você está.

— Então são as porcarias de eletrônicos de alta tecnologia irritantes! — provoqueei, batendo a palma da mão no compartimento do assento.

Nos três dias seguintes, o *Hazana* voou. As velas cheias refletiam o sol, e nós curtimos lendo, relaxando e conseguindo o sono mais que necessário.

...

Domingo, 2 de outubro, Dia Onze no *Hazana*, foi especial para Richard e para mim. Ao entardecer, o fitoplâncton reluziu no mar azul-turquesa. Abrimos uma garrafa de vinho e brindamos ao cruzar o Equador naquele dia e entrar no hemisfério norte.

Diante de nós, um gêiser de borrifos prateado e verde-translúcido: um grande bando de baleias-piloto estava vindo brincar com o *Hazana*. Ligamos o leme automático e fomos para a proa observá-las saltando e cantando seu cumprimento agudo. Segurando o púlpito de aço inoxidável, Richard se apoiou nas minhas costas, a bochecha barbada perto da minha enquanto as baleias criavam faixas cruzadas verde-amareladas diante de nós.

— As baleias são mágicas, não são, meu amor? — perguntou ele, fascinado. — Olha como elas flutuam e mergulham — disse enquanto ondulava lentamente apoiado nas minhas costas. Quando o *Hazana* subiu na vaga seguinte, ele sussurrou no meu ouvido: — Flutuam... — E, quando a proa afundou no cavado da onda, ele disse: — Mergulham.

— Você podia ser uma baleia, Richard — provoqueei.

— Eu sou uma baleia, meu amor. Olha, estou flutuando. — Ele me empurrou delicadamente para a frente, o ritmo das baleias desencadeando alguma coisa

amorosa nele. — E agora vou mergulhar.

Quando o *Hazana* deslizou para o cavado da onda, Richard estendeu a mão e desamarrou meu pareô enquanto grudava em mim com os joelhos. Ele amarrou o material no púlpito com um nó direito e envolveu meus seios com as mãos quentes. Soltei o púlpito da proa e estendi bem os braços, como a bela carranca do *Hazana*.

— Hmmm — gemi.

— Quero mergulhar com você, Tami — murmurou Richard no meu ouvido. — Quero flutuar e mergulhar como esses mamíferos selvagens fazem. — Estendi a mão para trás e desamarrei seu short. Ele caiu no convés de teca.

Com um impulso crescente, nós flutuamos e mergulhamos, flutuamos e mergulhamos, intensamente, selvagens e livres como as baleias fazem, diante de Deus, do paraíso e do céu. *Hazana*, a baleia rainha, estabeleceu o ritmo de ondulação que imitamos.

Mais tarde, escrevi no diário de bordo: “PARAÍSO!”.

...

Dia Doze, içamos a vela multiuso, a MPS, que é muito leve, e fizemos quatro nós com os ventos alísios sudeste finalmente nos alcançando. Os ventos alísios ficaram conosco durante vários dias, nos empurrando para leste. Víamos baleias com frequência, e agora os golfinhos estavam mostrando suas carinhas alegres.

...

A aurora de 8 de outubro surgiu cinza, chuvosa e deprimente. Os ventos eram imprevisíveis. Eles sopravam de sudeste a sudoeste e voltavam do norte. Estávamos perto da proa verificando o equipamento quando um pequeno pássaro terrestre caiu na cobertura de proa. O pobrezinho ofegava, instável sobre as pernas curtas de palito. Richard pegou uma toalha e a colocou sobre o pássaro. Ele o levantou e levou até a cabine de pilotagem, para longe da chuva e do vento. Por trás do para-brisa, em cima do telhado da cabine, ele se agachou, sacudindo as penas molhadas para aquecer o corpo cansado. Esfarelei um pedaço de pão, mas o pássaro parecia estar com medo demais para comer. Os ventos absurdos devem ter soprado o pássaro minúsculo para muito longe da costa. Mais tarde, Richard escreveu no diário de bordo: “CICLÔNICOS?”.

Quando li a palavra “Ciclônicos?” na entrada do diário de bordo, me perguntei o que significava para ele. Será que íamos velejar no meio de redemoinhos de vento perigosos? Isso era possível? Será que o passarinho tinha ficado preso no vento violento sem a força ou os meios para se libertar? Será que Richard tinha medo de ficarmos presos também? Eu tinha estado em muitos ventos violentos nos últimos

anos e nunca os considerei ciclônicos. Richard não parecia excessivamente preocupado, então também me mantive calma.

No dia seguinte, o canal meteorológico wwv nos informou que a tempestade que eles estavam rastreando na costa da América Central agora estava sendo classificada como Depressão Tropical Sonia. Disseram que estava localizada em 13°N por 136°W e indo para oeste a sete nós de velocidade. Isso a colocava a mais de cem milhas de nós.

O wwv também alertou sobre uma tempestade tropical diferente se formando ao longo da costa da América Central. Estavam chamando de “Raymond”. Comparando o nosso curso, 11°N e 129°W indo para norte-nordeste, com o curso no qual Raymond estava se movendo, 12°N e 107°W indo para oeste a doze nós, Richard escreveu: “DE OLHO NESTA”.

“De olho nesta?” *Tempestades vão e vêm*, pensei, muitas vezes se dissolvendo. Eu tinha aprendido isso enquanto pescava na Nova Zelândia. Fazer anotações sobre isso era o jeito de Richard ficar no controle. Inabalável, simplesmente continuei com as atividades da nossa rotina, como cozinhar, limpar, pilotar e ler. Era especialmente prazeroso sentar na cabine de pilotagem para escrever uma ou duas cartas para amigos que deixei no Taiti e que eu enviaria mais tarde, em San Diego.

Perto da meia-noite, o vento desapareceu. Depois, virou para leste-nordeste, o que alimentou a fúria do Raymond. Fomos atingidos por ventanias e chuvas.

...

Segunda-feira, 10 de outubro, o vento desviou para o norte. Às cinco da manhã, mudamos nosso curso para norte-noroeste para ganhar velocidade. Nosso objetivo era ir para o máximo possível a norte do rastro do Raymond.

O vento diminuiu para um ou dois nós, e nós acabamos usando o motor durante quatro horas. Mas, ao meio-dia, quando o vento começou a gritar, desligamos o motor e colocamos dois rizes na principal. Era o mínimo que conseguíamos deixar a vela sem arriá-la, e precisávamos de toda velocidade possível. Estávamos com a vela de estai levantada, e a genoa também estava rizada. Estávamos singrando para longe a cinco nós para norte-noroeste. A Tempestade Tropical Raymond agora estava em 12°N e 111°W, indo para oeste. O pássaro tinha ido embora; fugiu da gaiola.

Decidimos levantar mais velas, em uma tentativa de correr para o norte da tempestade que se aproximava. Cabos esticados, também conhecidos como cabos de segurança, corriam pelos dois lados do barco, da proa à popa. Isso nos dava algo para prender os cabos dos nossos coletes de segurança enquanto trabalhávamos no convés. Forçamos o *Hazana* ao seu limite máximo. Não havia escolha: tínhamos que sair do caminho da tempestade. Essa tempestade estava superando rapidamente

as duas tempestades horrendas que vivenciei no Pacífico antes de conhecer Richard. Eu sabia que ele tinha se ferrado ao atravessar o golfo de Tehuantepec no México, a caminho de San Diego. Mas essa tempestade estava se transformando rapidamente nas piores condições que já tínhamos vivenciado juntos.

Richard e eu nos ocupamos esvaziando o convés só para o caso de as condições continuarem a piorar; não precisávamos de objetos pesados voando para todo lado. Arrastamos os recipientes provisórios de cinco galões de diesel extra para baixo e os peamos no banheiro. Eram pesados, e foi difícil movê-los no mar agitado.

Às 0200 da manhã seguinte, a genoa foi destruída. O material rasgado batia violentamente ao vento, e seus estalos e explosões destacados eram ensurdecedores. Ligando o motor e colocando no piloto automático, Richard e eu subimos com cuidado no mastro principal, prendendo os coletes de segurança no cabo de segurança enquanto seguíamos.

— Você afrouxa a...

— O QUÊ? — gritei acima do gemido do vento.

— VOCÊ AFROUXA A ADRIÇA QUANDO EU CHEGAR LÁ EM CIMA, E EU A PUXO PRA BAIXO.

— ESTÁ BEM — gritei em resposta, afrouxando o cabo.

Richard lutou para chegar à proa. Fiquei apavorada ao vê-lo resvalar para a frente. Litros de água fria explodiam por sobre a proa em cima dele, me molhando também. O *Hazana* empinava sobre as vagas crescentes. A vela destruída batia com violência e de um jeito perigoso ao vento.

Richard não conseguia baixar a vela. Ele finalmente voltou.

— ELA NÃO QUER CEDER. TRAVE A PONTA DA ADRIÇA E SUBA COMIGO PRA ME AJUDAR A ARRIÁ-LA.

Fiz o que ele disse e lentamente segui para a frente de quatro, abaixando a cabeça a cada borribo de água salgada. Puxamos com força a vela enquanto ela batia loucamente ao vento. Finalmente, depois que meus dedos estavam cheios de bolhas por tentar agarrar a lona, a vela desceu com uma pancada, quase nos enterrando. Nós a pegamos rapidamente e a amarramos de um jeito negligente. Em seguida, deslizamos a bujarrona número um para dentro da capa de metal, e eu amarrei a escota — o cabo — no punho da escota da vela. Voltei para a cabine de pilotagem, assegurando-me de que o cabo não estava enrolado — obstruído — em alguma coisa.

Richard foi para o mastro principal, enrolou a adriça ao redor do molinete e levantou o máximo da vela que conseguia na mão. Eu engatinhei até o mastro principal e puxei o excesso de cabo enquanto ele girava o molinete, levantando o

restante da vela. Ela açoitava furiosa, como roupas penduradas na corda durante uma borrasca súbita de verão. Estávamos com medo de que essa vela também rasgasse. Quando a vela estava quase completamente içada, deslizei o mais rápido possível para a cabine de pilotagem enquanto Richard peava a adriça. Girei o molinete como o inferno para conseguir trazer a vela para dentro. Richard voltou para a cabine de pilotagem e me deu uma mão para trimar a vela. A troca da vela levou quase duas horas. Richard e eu estávamos exaustos e molhados, e precisávamos comer. Entre um grupo de vagas e outro, abri a gaiuta da escotilha e desci rapidamente para o camarote antes que o borrifo gelado do mar pudesse me seguir para dentro.

Estava quente dentro do *Hazana*, com todas as escotilhas fechadas. O barco estava se movendo como uma balsa em uma corredeira. *O que seria simples de preparar*, perguntei a mim mesma: *sopa instantânea de frango*? Quando coloquei a panela de água no fogão de propano para ferver, usei as braçadeiras para prendê-la. Tirei meu equipamento de clima ruim, que estava pingando, e sentei, exausta, no beliche do alojamento.

...

Sete horas mais tarde, depois da horrenda troca de vela, Raymond ainda estava seguindo para oeste na latitude 12°N. Richard escreveu no diário de bordo: “ESTAMOS BEM”. Obviamente, nossa ida para o norte estava nos levando para longe do rumo oeste do Raymond, de modo que parecíamos estar saindo do caminho.

Durante todo o resto do dia, o vento e o tamanho das vagas aumentaram constantemente. Uma água branca soprava das cristas das ondas, criando um borrifo constante de água salgada. O oceano parecia salpicado como se penas brancas tivessem explodido de um travesseiro de penas de ganso. A Tempestade Tropical Raymond agora estava sendo classificada como Furacão Raymond. Isso significava que o vento estava no mínimo a 75 milhas por hora.

Às 0930 de 11 de outubro, a previsão atual colocava o furacão Raymond a 12°N e girando em um curso oeste-noroeste. Richard gritou com o rádio:

— POR QUE DIABOS VOCÊ ESTÁ indo PARA O NORTE? FIQUE LONGE DE NÓS, CARAMBA!

Ele havia relaxado o lábio superior rígido, e mais do que raiva surgiu em uma explosão: era medo, puro medo. Minhas costelas se contraíram: um instinto para proteger meu coração e minha alma. Richard registrou apressadamente: “Estamos na linha de fogo”. Colocamos todas as velas em sua capacidade máxima. Lamentei em silêncio a inútil genoa rasgada; era uma vela que realmente poderíamos ter usado agora, porque era maior do que a bujarrona número um. Richard me disse para alterar o curso para sudoeste. Se não conseguíamos nos situar acima do

Raymond, talvez nas próximas vinte e quatro horas conseguíssemos nos esgueirar para o sul do centro e alcançar o semicírculo navegável — o quadrante mais seguro, que nos empurraria para fora do vórtice giratório em vez de nos puxar para dentro. Não havia muitas opções; tínhamos que fazer alguma coisa. Seria inútil dar partida no motor, porque neste momento estávamos velejando bem além da velocidade de casco.

O nervosismo e o medo de Richard eram óbvios. Eu nunca o tinha visto daquele jeito. Ele resmungava muito para si mesmo e, quando eu perguntava o que ele havia dito, ele balançava a cabeça e respondia:

— Nada, meu amor, nada.

Mas como eu poderia ignorar o modo como ele vasculhava o mar a leste e ajustava repetidamente as velas, desesperado para ganhar um pouquinho de velocidade para se distanciar do Raymond, que avançava rapidamente? A adrenalina se agitou em mim — luta ou fuga. De jeito nenhum dava para fugir dessa confusão, então era luta. Luta, luta, luta.

Às três horas daquela tarde, o relatório meteorológico atualizado nos disse que o Raymond havia alterado sua direção de oeste-noroeste para oeste, com lufadas de 140 nós. A visão do sol da tarde nos deu uma segunda linha de posição. Isso indicava que íamos colidir com o Raymond se continuássemos na direção sudoeste. Reagimos imediatamente e seguimos para nordeste de novo, tentando nos afastar o máximo possível do Raymond. As condições já estavam suficientemente difíceis. Mas ser fustigado por um furacão significava que poderíamos perder o equipamento e ficar realmente incapacitados no meio do nada. Não temíamos pela nossa vida, porque sabíamos que os Trintellas eram construídos para suportar as piores condições marítimas, mas o fato de um de nós poder se ferir seriamente se assomava em silêncio em nossa cabeça. Com a mão trêmula, Richard escreveu: “Tudo que podemos fazer é rezar”.

Mais tarde naquela noite, a conexão superior do mastro da vela balão se soltou do mastro principal e o pau quebrou e caiu, ficando inclinado na água. Richard e eu nos arrastamos até o mastro principal tentando salvar o mastro da vela balão. Ele o pegou antes que a força da água quebrasse a conexão inferior e puxasse o pau para o mar. Precisou de nós dois para amarrar seus quatro metros e meio no convés. Rastejando de volta para a cabine de pilotagem, vimos que uma parte da vela da mezena tinha escapado das fivelas e agora estava chicoteando freneticamente ao vento.

— JESUS CRISTO, O QUE MAIS AGORA? — rosnou Richard. Ele saiu da cabine de pilotagem, prendeu seu colete de segurança no mastro da mezena e soltou a adriça

da mezena. Quando a mezena estava arriada, ele a amarrou no enrolador da mezena.

Quando ele voltou para mim no timão, percebi como suas olheiras estavam escuras. Ele tentou não parecer sarcástico quando disse:

— Não tem muita coisa pra dar errado, agora.

— Nós vamos ficar bem. Vamos ficar bem, meu amor — falei, tentando convencer a nós dois.

Na escuridão, o oceano era marcado por capas densas de espuma branca — um caldeirão em ebulição. O barômetro tinha descido muito na escala conforme o gemido do vento aumentava constantemente, o mar ficando ainda mais escarpado, mais raivoso, mais agressivo. Estávamos apavorados de o Raymond estar nos alcançando, mas não havia uma maldita coisa que pudéssemos fazer em relação a isso, exceto velejar e ligar o motor e seguir com o máximo de força e velocidade possível.

Ficamos de vigia, nos alternando em turnos para descer e descansar quando podíamos. Nossos músculos doíam da luta contra o timão enquanto tentávamos negociar com o mar instável e agressivo. A noite nunca durou tanto tempo.

A manhã seguinte nasceu cinza, com pontos de luz do sol lançando um tom melancólico sobre o mar pesado. O borrifo do mar batia constantemente em nosso rosto. O vento estava invariavelmente com quarenta nós. Rizamos todas as velas e galopamos com um lenço de bujarrona e vela mestre. Pelo menos isso ajudou a estabilizar o barco.

Mais ou menos às 1000, o mar se arqueou e se transformou em arranha-céus se assomando sobre o barco. O anemômetro — o medidor de velocidade do vento — agora marcava invariavelmente sessenta nós, e fomos forçados a arriar todas as velas e manter nossa posição sob os mastros nus com o motor ligado. Ao meio-dia, o vento estava se mantendo a cem nós. O borrifo turbulento era incessante. Richard veio até o tombadilho e me deu o EPIRB (radiobaliza indicador da posição de emergência) enquanto assumia o timão.

— AQUI, QUERO QUE VOCÊ COLOQUE ISTO.

— E VOCÊ?

— TAMI, SE TIVÉSSEMOS DOIS, EU COLOCARIA UM. DEIXA EU ME SENTIR MELHOR, COLOQUE ESSA PORCARIA LOGO.

Então eu coloquei. Prendi o cabo do meu colete de segurança à bitácula e pilotei enquanto Richard descia para tentar descobrir nossa localização agora e obter uma posição atualizada do furacão. Tudo que ele conseguia escutar entre as pancadas e

os rangidos do vento era estática. De jeito nenhum ele podia arriscar levar o rádio para fora, com o mar ondulando constantemente sobre o barco.

Richard veio até o tombadilho, prendeu seu colete de segurança e assumiu o timão. Sentei encolhida apoiada na braçola da cabine de pilotagem, me segurando com todas as minhas forças ao mordedor onde meu cabo estava preso. Estávamos impotentes encarando a cena enfurecida ao nosso redor. O som dos gritos do vento era enervante. O casco subia a alturas estonteantes e mergulhava em abismos. Será que o mar poderia nos engolir? A subida do barco sobre as ondas monstruosas lançava o casco para o ar em uma queda livre que terminava com um tremor. Eu estava apavorada de o *Hazana* rachar. Finalmente, gritei para Richard:

— ISSO É TUDO? AINDA PODE PIORAR?

— NÃO. AGUENTE FIRME, MEU AMOR; SEJA MINHA GAROTA CORAJOSA. UM DIA VAMOS CONTAR AOS NOSSOS NETOS COMO SOBREVIVEMOS AO FURACÃO RAYMOND.

— SE SOBREVIVERMOS — gritei em resposta.

— VAMOS SOBREVIVER. DESÇA E TENTE DESCANSAR.

— O QUE ACONTECE SE VIRARMOS? NÃO QUERO TE DEIXAR SOZINHO.

— O BARCO VAI SE ENDIREITAR. OLHE, ESTOU SEGURO... — disse ele, dando um puxão forte no cabo. — EU VOLTARIA IMEDIATAMENTE PRA CIMA COM ELE.

Olhei para seu cabo preso ao gancho da braçola da cabine de pilotagem.

— VÁ LÁ PRA BAIXO — insistiu ele. — FIQUE DE OLHO NO BARÔMETRO. ME AVISE ASSIM QUE ELE COMEÇAR A SUBIR.

Relutante, eu me levantei, me encurvei e apertei o dorso da mão de Richard. O vento soava como motores de avião em reverso. Olhei para o anemômetro e ofeguei quando vi 140 nós. Com a boca entreaberta, olhei para Richard e segui seus olhos até o mastro principal a tempo de ver o transdutor do anemômetro voar pelos ares.

— SEGURE AQUI — gritou ele, e girou o timão. Cambaleei para o lado quando o casco adernou. Caí em cima da braçola da cabine de pilotagem. Uma avalanche de água branca nos atingiu. O barco estremeceu de um jeito sinistro da proa à popa.

Richard me olhou com ansiedade, a água escorrendo do seu rosto, o medo saltando de seus olhos azuis intensos. Atrás dele se erguiam montanhas escarpadas de água branca, os topos soprados em ciclones de borribo pelo vento feroz. Meus olhos questionaram os dele — não consegui disfarçar meu pavor. Ele hesitou, depois piscou para mim, erguendo o queixo, um sinal para eu descer. Seu sorriso forçado e seu contato visual demorado desapareceram quando fechei a gaiuta de escotilha.

Eu me agarrei ao corrimão da escada da gaiuta de escotilha enquanto descia para o camarote. A cadência frenética do movimento do *Hazana* me impediu de fazer qualquer coisa além de me largar na rede, amarrada à mesa, e eu automaticamente prendi o cabo do meu colete de segurança no pé da mesa. Olhei para o relógio do barco: eram 1300. Meus olhos foram até o barômetro; estava apavorantemente baixo: menos de setenta e um centímetros. O pavor me engoliu. Abracei a coberta bolorenta junto ao peito enquanto era jogada de um lado para o outro na rede. Assim que fechei os olhos, todo o movimento parou. Alguma coisa parecia muito errada; estava tranquilo demais — o cavado da onda era profundo demais.

— AIMEUDEUS — ouvi Richard gritar.

Meus olhos se abriram de repente.

POF!

Cobri a cabeça enquanto mergulhava na inconsciência.

¹ Grafia das horas em termos náuticos.

² Estimated Time of Arrival — tempo estimado de chegada

UAAAAA, UAAAAA.

- Debbie, diminui essa lixadeira, senão você vai queimar a ferramenta.
- Tami, ela não está cortando.
- Então troque a lixa, Senhorita Preguiçosa.
- Preguiçosa! É um trabalho difícil, e eu estou morrendo de fome.
- Está bem, vamos parar pra almoçar.

O dia estava quente como a maioria dos dias de verão em San Diego. O ruído do pátio tinha diminuído por causa do almoço, e isso dava ao estaleiro uma paz que valia a pena saborear. Tirei a poeira dos compartimentos do assento da cabine de pilotagem com um pano. Deb e eu sentamos sob o toldo, na sombra morna. A brisa marítima estava fraca, espetando nossa pele quente e bronzeada. Peguei um sanduíche de atum na minha sacola de almoço e uma maçã Red Delicious reluzente.

- Atum de novo? — perguntou Debbie.
- Sim, albacora branca. É cheio de proteína. Você devia experimentar. Isso aí é manteiga de amendoim de novo?
- É, cheio de proteína também. *Você* devia experimentar, um dia. — Debbie

deu a maior mordida humanamente possível e depois mastigou com a boca aberta para me irritar. De repente, ela quase engasgou. — Falando em proteína, dá uma olhada nesse cara que está vindo — murmurou.

Virei e vi um leão louro-mel subindo na doca. Gostei da sua passada e de como seus ombros fortes e quadrados se movimentavam com determinação.

Ele usava short, camiseta e sapatos Topsider sem meias. Brilhos dourados reluziam no pelo cacheado queimado de sol nas pernas compridas e fortes. Conforme ele se aproximava, percebi que a barba cheia e aparada era cor de âmbar como um campo de trigo. Era agradável — atraente, o modo como emoldurava seu rosto. Gostando da sua aparência, eu rapidamente disse para Debbie:

— Não fale nada, ok?

— Cara, você é tão paranoica. O que vou dizer? “Oi, bonitão?”

— Só não...

Debbie e eu éramos velhas amigas, e eu sabia que seria um milagre se ela conseguisse manter a boca grande calada. Mas ele começou, e ela se soltou.

— Está ficando bonito, garotas — O sotaque britânico me surpreendeu.

— Obrigada. — Debbie deu um sorriso largo, depois acrescentou de um jeito paquerador: — Madeira envernizada pela Tami. Todo trabalho fica bonito. Sou Debbie, e essa é Tami. Estamos disponíveis para contratação.

— Certo, Debbie. — Ele deu um sorriso tímido. — Vou manter isso em mente, que vocês duas alegram um barco de várias maneiras.

— Isso é verdade, é apenas um dos nossos diversos talentos. Não é, Tami?

Senti o rosto ficar vermelho como a minha maçã e murmurei:

— É verdade, Deb.

Vi que ele percebeu minha vergonha pelo modo como inclinou a cabeça e sorriu para mim.

— Outros talentos? Isso parece intrigante.

Eu não aguentava mais a conversa íntima. Debbie sempre começando alguma coisa. Ele provavelmente achava que éramos uma dupla de coelhinhas de barco. Eu poderia estrangulá-la. Sem saber como mudar de assunto com tato, soltei:

— Temos que voltar ao trabalho.

— Ei... — Debbie protestou, olhando para o relógio.

— Temos um prazo a cumprir — murmurei, guardando o resto do sanduíche na sacola de papel marrom.

— Não quero prendê-las. Foi um prazer, que eu espero repetir quando não estiverem tão ocupadas. Até, Debbie. Até, Tami.

Eu virei, olhei para ele e fui recebida com um sorriso enorme. Meu coração deu um salto. Seus olhos azul-bebê pálidos me hipnotizaram.

— Ei, camarada, qual o seu nome? — Debbie interrompeu o feitiço.

— Richard. Richard Sharp, às suas ordens. Vocês podem me encontrar no *Gypsy*, na doca D.

— Então “até” pra você também, Richard da doca D... — Debbie riu.

Ele sorriu cordialmente para ela e me disse:

— Te vejo mais tarde... — Fiquei vermelha de novo e sorri como uma menina de catorze anos antes de conseguir me obrigar a virar o rosto. Seus passos ecoaram na doca comprida de madeira.

— Você viu o jeito que ele olhou pra você? — Debbie gorjeou. — Ele te ama.

— Ah, dá um tempo. Você me envergonhou como o diabo dizendo: “um dos nossos muitos talentos!”. Somos profissionais, não garotas bonitas de doca. Estou tão envergonhada que poderia te demitir.

— Ah, isso de novo, não — Debbie suspirou, jogando o saco plástico do sanduíche no balde de cinco galões que usávamos como lata de lixo. — Esse não foi um intervalo decente de almoço, mereço ganhar horas extras hoje. — Ela sempre tinha que ter a última palavra.

Durante toda aquela tarde, pensei em Richard. Eu estava saindo com alguns caras, mas eram só conhecidos. Ele devia ser talentoso, para ter sido contratado para o *Gypsy*. Pensei no seu sotaque britânico; era tão exótico. Não conseguia parar de ver sua imagem no reflexo dos guinchos de aço inoxidável enquanto passava verniz ao redor deles. Eu sabia que queria vê-lo de novo, mas não tinha desenvolvido a habilidade de pescar — puxar os caras, como Debbie e outras amigas minhas faziam. Conhecê-lo me fez sentir tão bem, tão viva. Eu esperava vê-lo de novo em breve. Me perguntei que tipo de ferramenta poderia pegar emprestada na doca D.

Fui para casa naquela tarde com uma sensação de euforia. Quando passei pela porta da frente, o telefone estava tocando.

— Tami, é Bridget. Menina, eu tenho um belo bico pra você.

— É mesmo, Bridge-doca? Que ótimo! — falei ao telefone. — Pra onde, agora?

— Eu sabia que era trabalho: ela sempre pensava em mim primeiro quando não podia aceitar um trabalho de entrega de barco. Mas dessa vez meu entusiasmo foi menor, porque a imagem de Richard piscou na minha mente, e eu sabia que, se aceitasse a entrega, não o veria durante um bom tempo.

— Essa entrega parece divertida — disse Bridget. — É uma chalupa de corrida moderníssima indo para Big Boat Series, no St. Francis Yacht Club, em São Francisco. Eu bem queria poder aceitar.

— Bem, obrigada por pensar em mim de novo.

— O capitão é um sul-africano chamado Eric. Ele é alto, moreno e bonito, mas legal, nada de promiscuidade, a menos, é claro, que você comece.

— Eu não; não no trabalho.

— Garota esperta. Ele quer te encontrar às sete e meia, amanhã de manhã, no restaurante do Red Sails Inn pra discutir os detalhes. Pode ser?

— Claro que sim, Bridge-doca, obrigada pela indicação.

— Nós, primeiras marinheiras, temos que nos unir. Até mais.

Quando entrei no restaurante, reconheci Eric pela descrição de Bridget ao telefone. Eric estava sentado com outros dois caras, que estavam de costas para mim. Eu me aproximei e me apresentei. Eles estavam ali havia algum tempo e tinham quase terminado de comer.

Eric me apresentou a Dan, o americano, e depois a Richard, o britânico.

Achei que eu ia adernar. O sangue correu para as minhas bochechas. *Ah, não esse vermelho revelador de novo*, pensei. Mas não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-lo. Richard sorriu de um jeito sagaz e se levantou enquanto eu sentava em frente a ele. Estando tão perto dele, longe do sol forte, percebi que seus olhos não eram exatamente azul-bebê, mas mais escuros — lápis-lazúli. Tive que desviar o olhar, porque, se o encarasse por mais tempo, iria desmaiar. Ele, definitivamente, me afetava de um jeito que nenhum homem jamais fizera.

Eric me perguntou sobre meu histórico na vela.

— Velejei da Califórnia por todo o Pacífico Sul até a Nova Zelândia — respondi.

Quando Richard pegou o último pedaço de omelete, percebi que suas mãos eram ásperas, calejadas. Ele comia do jeito europeu, o garfo de cabeça para baixo na mão esquerda, a faca na mão direita. Era mais velho do que eu pensava — tinha uns trinta anos. Que beleza.

A tripulação de entrega seria composta por Eric, Dan e eu, caso decidisse aceitar

o trabalho. Fiquei decepcionada ao saber que Richard não iria. Ele tinha um prazo de trabalho para cumprir no *Gypsy*.

Conforme conversávamos sobre a entrega, meus olhos verdes vagaram até os azuis de Richard e descobri que eles estavam me olhando. Quando a conversa relaxou, uma mulher loura e baixinha com uns trinta anos entrou. Ela ficou atrás de Richard e colocou a mão nas costas dele. Fiquei arrasada. Dava para perceber que ele se sentia atraído por mim, mas obviamente já estava comprometido. O que ele estava fazendo me paquerando?

Droga, eu detestava ser usada.

O nome dela era Lizzie, e também tinha sotaque britânico. Tinha vindo entregar uma mensagem de trabalho para Richard. Observei Richard e Lizzie saindo juntos e esperei que minha decepção não se revelasse. Eric, Dan e eu fizemos planos para a partida da viagem de entrega, que aconteceria dali a cinco dias.

Entregar o barco era moleza. Até mesmo contornando o notório Point Conception, a água era bem calma. Fiquei meio desestimulada, porque estava ansiosa para velejar essa chalupa de corrida incrível, já que nunca tinha velejado com hidráulica, muito menos com uma vela mestre clandestina. Dan e Eric eram encantadores: o senso de humor de Dan nos mantinha gargalhando, e o comportamento frio e os conhecimentos de Eric sobre barcos nos mantinham nos trilhos.

O elitista St. Francis Yacht Club ficava bem na baía no centro da cidade de São Francisco. A localização era espetacular, mas a atmosfera era inóspita — eu me sentia excluída. O clube era repleto de belezuras usando a última moda em termos de trajes náuticos. Por meio de conversas entreouvidas e algumas diretas minhas, não demorei muito para perceber que eu tinha mais milhas náuticas na água azul do que setenta e cinco por cento dos marinheiros dali. Refleti sobre a quantidade de dinheiro que as pessoas gastavam em bugigangas como anéis, brincos e pingentes de diamante. As réplicas de símbolos náuticos, pomposas e trançadas em ouro, deviam ter custado uma fortuna. Havia relógios Rolex em praticamente todos os pulsos. Surpreendente o espelho do banheiro feminino não ter quebrado com todos os olhares invejosos. Era evidente que a competição não era só na água. Não demorei muito para perceber que esses iates de corrida tipo *sled* e o estilo de vida que os acompanhava não eram para mim.

Durante toda a semana, não consegui tirar Richard da minha mente. Fiz perguntas sutis a Dan sobre Richard e descobri que ele tinha trinta e quatro anos, e que o relacionamento com Lizzie estava mal. Dan me contou que Richard tinha construído seu veleiro na África do Sul e estava circum-navegando pelo mundo

quando decidiu fazer uma parada breve em San Diego para fazer alguns reparos e ganhar alguma grana. Essas informações estimularam o meu interesse de novo.

Depois de navegar pelo Pacífico Sul, descobri que eu tinha um toque artístico no verniz. Quando voltei para casa da Nova Zelândia e descobri que havia uma demanda de envernizadores de iate, criei um negócio bem-sucedido. Quando a entrega terminou, Dan e eu voamos para casa. Ele estava desempregado, então o contratei para ajudar Deb e eu em meu negócio em expansão.

Cerca de uma semana depois de voltarmos da entrega, Richard apareceu no nosso trabalho e chamou Dan e eu para almoçarmos com ele. Deb estava de folga naquele dia. Guardei minha sacola marrom e respondi “claro” do jeito mais casual possível. Senti os olhos dele em mim enquanto eu descia a escada. Ele estendeu a mão e pegou meu cotovelo quando saí do último degrau. Que cavalheiro. Meu coração foi capturado — anzol, linha e peso.

Certa tarde, Richard apareceu no barco que eu estava envernizando e me chamou para jantar com ele naquela noite. Hesitei, depois disse que me sentiria desconfortável fazendo isso enquanto ele estava com Lizzie. Ele disse que estava me chamando para jantar para podermos conversar, e que ia me explicar o relacionamento com ela. Além disso, podíamos conversar sobre o Pacífico Sul. Ele ia velejar até lá no ano seguinte, sem ela, e adoraria ouvir minhas ideias sobre o assunto em um ambiente calmo — como um restaurante tranquilo.

Pensei em dizer não, mas, no fim das contas, eu realmente sabia muita coisa sobre o Pacífico Sul. E como diria não quando meu coração estava mandando um código Morse “S-I-M”? Concordei em jantar com ele mais tarde, naquela noite.

Eu mal podia esperar. Sonhei o dia todo com Richard, sua aparência atraente e seu corpo sarado. Decidi usar meu novo vestido cor de pêssego. Era simples, mas eu sabia que as alças finas mostravam meus ombros e braços esculpidos — características das quais me orgulhava.

Naquela noite, durante o jantar, Richard me explicou que Lizzie e ele tinham se separado, mas ela ainda estava morando em seu barco enquanto fazia planos para voltar para a Inglaterra. Disse que, depois de me conhecer, ele tinha se cansado de manter a vida e os sentimentos em suspenso. Depois que aceitei seu convite para jantar, ele contou a ela. Que não gostou, ele confessou, mas explicou-lhe que estava pronto para seguir com a própria vida, e que ela deveria seguir com a dela. Pediu desculpas por ela ter aparecido, e esperava que aquilo não tivesse me constrangido. Tenho certeza que dava para o restaurante todo sentir a eletricidade entre nós.

Eu me senti muito melhor. Na verdade, muito aliviada, porque ele não se envolveria com ninguém em breve. Tivemos uma noite maravilhosa e descobrimos

muito um sobre o outro. Ele era filho único, com uma meia-irmã, Susie, treze anos mais velha. Falei da minha família, e que eu tinha sido filha única até os vinte e dois anos, quando meu pai teve um filho, Dane. Mas o mais importante é que descobrimos a grande paixão que tínhamos pelo mar.

Richard nasceu na Inglaterra, em 1949, em uma família de classe média alta. Seu pai era um marinheiro aposentado que se deu bem depois da guerra. Sua mãe infelizmente cometeu suicídio quando ele tinha sete anos. Seu pai se casou depois de pouco tempo, e Richard considerava a madrasta como mãe.

Ele se inscreveu em uma academia naval perto de Londres para estudar e ser oficial da marinha. Mas, quando atingiu a maioridade, começou a se rebelar contra os desejos do pai e as ordens dos oficiais, e foi expulso por insubordinação. Terminou os estudos em outra escola particular, mas sentiu que o pai nunca o perdoou por ir contra seus desejos.

Depois que Richard se formou, foi trabalhar na Olivetti, uma fábrica e empresa de vendas de equipamentos eletrônicos para escritórios. Ele era bom em vendas e acabou comprando um apartamento em Londres. Comprou um excelente guarda-roupas e alguns carros caros (e algumas mulheres caras também, tenho certeza). Mas, com um olhar distante, admitiu que ainda não se sentia realizado. Quando a empresa abriu um cargo na África do Sul, Richard o agarrou. Ele se adaptou rapidamente à África do Sul e começou a prosperar em sua beleza e diversidade. Mas desprezava o *apartheid* e o modo como limitava as pessoas.

Enquanto estava na Olivetti, Richard conheceu um homem em um estaleiro que construía barcos de ferrocimento. Ficaram amigos rapidamente, e logo Richard recebeu uma oferta de sociedade no estaleiro. Aceitou o emprego com ansiedade, pedindo demissão da Olivetti sem arrependimentos. Ele adorou se envolver na construção de iates de trinta a cinquenta pés. Foi nessa época que Richard conheceu Eric, o capitão que tinha me contratado para ajudar a entregar o veleiro de corrida em São Francisco.

Perguntei quando Lizzie entrou no cenário. Richard disse que a conhecera no Caribe, enquanto esperava a temporada de furacões passar. Eles se deram bem, e Lizzie decidiu velejar com ele até San Diego. Escolheu San Diego depois de receber uma carta de Eric dizendo que era um ótimo lugar para passar o inverno. Richard também soube que poderia preparar seu barco para o Pacífico Sul lá e, com suas habilidades, facilmente encontraria trabalho em outros barcos.

Se Richard pudesse ler a minha mente naquele momento, teria me ouvido pensando: *Você veio para cá porque precisava me encontrar.*

Ele captou totalmente minha atenção quando seus olhos azuis penetraram os

meus e ele confessou que Lizzie simplesmente não era a mulher certa — eles não eram muito parecidos. Ele tinha nascido para ver o mundo, e nada — nem ninguém — ia impedi-lo. Estava claro que ele queria que eu soubesse disso desde o início.

Eu me perguntei quais seriam seus planos depois que ele velejasse pelo mundo. Ele simplesmente ia continuar dando voltas e voltas? Encontrei um jeito sutil de perguntar isso, e ele disse que não sabia ao certo, mas achava que um dia ia querer ter uma família. Talvez até comprasse um pequeno estaleiro que viu no sul da Inglaterra, se estivesse à venda. Mas, primeiro, o Pacífico Sul. E perguntou, de um jeito cavalheiresco, se eu gostaria de ir com ele. Eu ri, mas, bem no fundo, estremeci.

Ele estava falando sério?

— Está tarde; precisamos ir devagar — falei, apesar de uma parte de mim querer pular no barco dele e partir para o Pacífico Sul naquela noite.

Quando fomos até o meu carro, ele se inclinou e me deu um beijo leve de boa noite. Foi como o paraíso, mas também como o inferno. Eu estava morrendo de vontade de abandonar todo o protocolo de “boa menina”, e jogar os braços ao redor dele e nunca mais soltá-lo. Mas, para meu desalento, fui vencida pelo lado sensato, como sempre. Lizzie precisava estar fora da vida dele antes que eu pudesse entrar.

Enquanto dirigia para casa, estava sorrindo de orelha a orelha. Nunca tinha me sentido assim por nenhum homem. Eu sabia, naquele momento, que ia voltar ao Pacífico Sul.

— *Mauruuru, mauruuru, mauruuru roa, atua.* Obrigada, obrigada, muito obrigada, Deus.

Mais ou menos uma semana depois, Richard me contou que sua avó tinha falecido na Inglaterra e ele precisava ir ao funeral. Lizzie estaria no mesmo voo. Senti que ele estava tentando me contar que tudo havia terminado entre nós. Fechando os punhos, ofereci educadamente minhas condolências, virei as costas e fui embora. Ele me alcançou e explicou que Lizzie estava voltando para a Inglaterra e não voltaria para os Estados Unidos, mas ele voltaria em breve. Quando Richard se despediu de mim, disse:

— Tami, agora que eu te encontrei, nunca mais vou te soltar.

Abri os olhos e vi o céu azul e nuvens brancas delicadas. Minha cabeça latejava. Tentei tocar nela, mas coisas, não sei quais, estavam em cima de mim, me sufocando, me esmagando. O que estava acontecendo? Eu não conseguia pensar, não conseguia me lembrar. Onde eu estava? Minha rede estava pendurada de um jeito torto. Eu estava perto do chão. Uma lata de WD-40 retinia batendo no pé da mesa. Eu me mexi, e um livro caiu na água.

Eu me esforcei para me soltar. Um peso morto me prendia ao chão. Latas de comida, livros, almofadas, roupas, uma porta e painéis do revestimento do salão principal se espalharam quando me esforcei para sentar. Eu me encolhi, porque estava coberta de sangue. Dava para sentir um corte terrível queimando minha canela esquerda.

Onde eu estava? O que tinha acontecido? Eu estava confusa. Não conseguia me orientar. O relógio na parede fez tique-taque. Quatro da tarde? Isso não parecia certo... Meu cabo, ainda preso ao pé da mesa, me restringia. Eu obviamente estava em um barco — qual barco? Minhas mãos enfraquecidas tentaram freneticamente soltar o cabo.

Depois que me soltei, eu me estiquei para olhar ao redor. Minha visão estava borrada; a dor na cabeça era excruciante. Levando a mão à sobrancelha, eu me encolhi. Olhei para minha mão e vi vermelho. Tremores incontrolláveis me engoliram.

Com dificuldade, engatinhei para fora do labirinto de escombros e me levantei, cambaleante. Minhas costas estavam molhadas, e a água estava acima do joelho. Eu me senti fraca. Devagar, um passo cuidadoso por vez, andei com dificuldade, transpondo meu caminho através dos obstáculos flutuantes nos sessenta centímetros de água que batiam acima da estrutura do piso. Aquilo era uma loucura.

O interior do barco estava caótico. Meu Deus, o que tinha acontecido? Livros, cartas de navegação, almofadas, talheres, pisos, canecas, roupas, latas de comida, peças soltas, feijões, farinhas, aveia — tudo estava flutuando ou preso no compartimento superior, nas anteparas ou no casco. O fogão tinha sido arrancado do lado a estibordo do barco, e agora estava calçado na estante da estação de navegação a bombordo. Que barco é este? Onde estou?

Fui para o camarote da frente; a cabine-V.

— Olá? — chamei. Minha voz soou estranha.

Fiquei boquiaberta com a confusão em cada canto e nicho. Eu me movimentei com cuidado em direção à proa e olhei para o banheiro. Ali, no espelho, vi uma imagem esgotada, o rosto coberto em sangue, o corte aberto na testa. Fios longos de cabelo, selvagens e emaranhados com sangue, saíam do crânio. Com medo, minhas mãos voaram até a boca. Gritei. E gritei de novo. A visão profana era eu.

— NÃO! — gritei, batendo na antepara enquanto tentava escapar.

Tropecei para dentro da cabine-V. Tudo ali também estava de pernas para o ar. As redes de armazenamento que ficavam penduradas nos dois lados da cabine estavam viradas; roupas espalhadas para todo lado. Livros com capa de papelão estavam fora das prateleiras. O colchão comprido do beliche estava retorcido, fora do lugar. Latas de comida e até pratos quebrados estavam espalhados.

Balancei a cabeça e me perguntei como a comida e os pratos conseguiram entrar na cabine-V. Sem acreditar, voltei para o salão principal.

— Ray? — chamei, apreensiva.

Ray? Eu me perguntei de onde tinha vindo isso. Não é Ray. Ray é o furacão. Furacão? Furacão Ray — Raymond. Onde está Richard? Richard...

— Ai, meu Deus. — Mas foi isso que ele havia dito...

O medo me fez cair de joelhos. Senti ânsia de vômito. A água do porão borrifou no meu rosto. Richard não tinha descido comigo.

— RICHARD? — gritei. — RICHAAARRRD!

Eu me levantei, mas mal consegui dar um passo quando o salto da minha bota de tempestade escorregou. Caí em cima da mesa do salão e vomitei de novo. Olhei de

novo para o relógio do barco e tentei desesperadamente me concentrar no segundo ponteiro se movendo: um, dois, três. Dizia 1600 horas — quatro da tarde. Espera, isso não está certo, gritou minha mente perturbada. Era uma hora — uma da tarde.

— Meu Deus... Ah, Richard... RICHAAARRRD? — choraminguei enquanto engatinhava em direção à escada da escotilha, espalhando água em todas as direções enquanto eu jogava comida, almofadas, livros, tudo para longe do meu caminho.

— RICHARD? RICHARD? — gritei muitas vezes, sufocando com as palavras.

A escada da gaiuta de escotilha tinha se soltado dos engates — estava de lado sobre o assento da estação de navegação. Eu a empurrei para o chão, para fora do meu caminho, e subi no encosto do sofá, gritando o nome de Richard. A gaiuta de escotilha principal tinha sido arrancada dos trilhos deslizantes, deixando um buraco. Enquanto eu me suspendia para a cabine de pilotagem, bati a cabeça na retranca, que estava bloqueando a entrada.

— MALDIÇÃO! — berrei e depois subi por cima, morrendo de dor.

Ali eu vi o cabo de segurança de Richard preso ao gancho da braçola da cabine de pilotagem. O cabo estava pendurado para fora do casco. Meu Deus, será que ele estava na outra ponta?

Disparei até o cabo de segurança, agarrei com força e o puxei com violência. Ele voou para dentro da cabine de pilotagem, o metal fazendo um *craaack* agudo contra a fibra de vidro. Ali estava a ponta — o anel em forma de D tinha se partido.

Olhei desesperadamente em todas as direções. Onde estava o vento uivante? A chuva fustigante? Para onde tinha ido tudo aquilo? As vagas no oceano tinham dois metros e ondulavam devagar, não eram monstruosas como antes.

Me tornei uma lunática. Forçando a abertura de todos os compartimentos dos assentos, joguei almofadas, qualquer coisa que pudesse flutuar, para fora do barco. Ele está em algum lugar lá fora. Talvez estivesse vivo. Meu Deus, por favor...

— Pegue isso. E isso. E isso... AGUENTE FIRME, RICHARD, EU VOU TE ENCONTRAR.

Desci tropeçando e peguei mais almofadas, empurrando-as pela entrada principal. Engatinhando de novo para cima, joguei tudo ao mar. Os escombros ondulavam no mar que antes estava vazio. A adrenalina disparava pelo meu corpo, fazendo meu coração martelar furioso.

Ao ver o poste de homem ao mar preso à balaustrada de popa destroçada, corri até a popa e lutei desesperadamente para desamarrá-lo. Eu o joguei o mais longe possível no mar. Eu estava tão fraca. A bandeira laranja balançava nas vagas.

Ele poderia estar vivo, só tinham se passado três horas.

Seu último apelo, “aimeudeus”, rugiu no meu cérebro. Deve ter sido uma onda gigantesca. Maior do que aqueles monstros de catorze metros. Uma onda perigosa. Nós adernamos, e Richard... Ah, meu amor... Deus, você não faria... não poderia...

— RICHARD? RICHARD, ONDE ESTÁ VOCÊ? — Vasculhei o oceano ao redor até a borda do horizonte indistinto. Nada era ameaçador no mar cinza encouraçado: os cavados da onda eram tigelas rasas vazias. — POR FAVOR, POR FAVOR, POR FAVOR. — Ele não estava em nenhum lugar visível.

O *Hazana* estava destruído. O mastro principal tinha desaparecido, exceto por um pedaço de um metro ainda preso à retranca principal. O tabernáculo, um pequeno armário de metal usado para erguer e arriar o mastro principal, estava virado de lado, um pedaço enorme de um metro e meio de convés destruído preso a ele. O grande pino de manilha de cinco centímetros que segurava o pé do mastro no tabernáculo estava no convés, partido ao meio.

— Ai, meu Deus — choraminguei quando olhei para o buraco escancarado que dava para o camarote, vendo a rede onde eu estava deitada e todos os escombros flutuantes.

O mastro da mezena estava na água, batendo contra o casco, preso pela estai lateral a estibordo; lado direito. O cordame de aço inoxidável estava pendurado para fora, com a bujarrona enroladora e o reboque da vela de estai na água. Alguns balaústres de aço inoxidável de dois centímetros estavam puxados como latas de refrigerante abertas. O resto estava rachado ao meio como palitos de dente. A tampa do compartimento de propano do convés não estava no lugar, e os tanques de propano tinham sumido.

— MEU DEUS... RICHARD? RICHARD? — berrei.

Olhei ao redor.

— Richard? Richard?

Ah, por favor, meu Deus, por favor. Minhas pernas cederam. Me agarrei à retranca e vomitei de novo.

Ele não podia ter morrido. As ânsias de vômito secas me fizeram engasgar. Cheia de medo, me agarrei à retranca e deitei confusa, com a bochecha encostada no alumínio frio.

— *LEVANTE! MEXA-SE!* — Uma voz interior invadiu os meus pensamentos.

Chorando, rastejei por sobre a retranca quebrada, alcancei a escada da gaiuta de escotilha e peguei o binóculo. Milagrosamente, ele ainda estava preso ao seu lugar.

Depois de escorregar de volta por cima da retranca, fiquei em pé me preparando e pensando “eu posso te salvar, eu posso te salvar”, enquanto vasculhava o oceano ao redor com o binóculo.

Eu não conseguia parar de tremer: os buracos das lentes de aumento pressionavam meu crânio com força, apertando as minhas sobrancelhas.

Olhei em todas as direções. Tudo que vi foi um vasto mar desolado, com vagas de dois metros estourando. Não havia nada, nem uma maldita coisa, por ali.

— *Tente o motor!* — rosnou a voz interior.

Puxei o afogador, ajustei o acelerador e apertei o botão de partida do motor. Nada. Nem um ronco ou rugido. Não percebi quanta esperança eu estava depositando no fato de que o motor ia dar partida. Meus nervos se contraíram, e meu estômago virou do avesso. Quando o abracei, senti o EPIRB ainda preso à minha cintura. Eu me atrapalhei para soltá-lo. Não conseguia centrar minha mente. Como essa coisa funciona?

Tirei a proteção. Apertei o interruptor. Nada. Eu me levantei e segurei o rádio no ar. Nada. Girei em círculos. Nada. Sentei e comecei de novo.

Com as mãos irrequietas, coloquei a proteção de volta e depois a tirei. Apertei o interruptor e segurei o EPIRB no ar. Tateando, tirei as baterias. Com os dedos trêmulos, limpei os conectores e recoloquei tudo no lugar. Nada. Droga!

Água. O EPIRB precisa de água. Abrindo o compartimento do assento, vi o balde lá no fundo do buraco. Era o balde que Richard e eu usávamos para jogar água salgada um no outro para nos refrescarmos. Eu me estiquei e segurei a linha do balde.

Segurando a balastrada da popa, joguei o balde na água, puxei o máximo de água salgada que consegui e arrastei o balde para dentro da cabine de pilotagem. Joguei o EPIRB lá dentro. Bolhas subiram, mas nada mais aconteceu. Nenhuma luz ou apito. Arranquei o EPIRB da água e o sacudi. Nada. Indignada, eu o joguei de volta no balde.

A água salgada se espalhou para todo lado, queimando o corte na minha canela.

Eu não conseguia pensar com clareza. Minha cabeça latejava, e meu corpo doía a cada movimento. Não havia mais nada que eu conseguisse pensar em fazer, além de pular no mar e acabar com esse pesadelo. Se Richard me chamasse, eu teria pulado.

— *Não faça isso, ele pode estar vivo.*

— Como diabos ele pode estar vivo? Ele está vivo? Onde ele está? — Olhei freneticamente em todas as direções. — Ele está lá embaixo? ELE ESTÁ LÁ EMBAIXO? — gritei, esperando que Deus respondesse.

— ONDE ELE ESTÁ? LÁ EMBAIXO? — Eu me esforcei para descer o mais rápido possível.

Caí em uma poça profunda. Uns bons cinquenta centímetros de água cobriam o porão exposto.

— RICHARD, RICHARD! — gritei. — ONDE VOCÊ ESTÁ?

Eu sabia que ele não estava na frente, pois já tinha estado lá, então fui para a popa. Tropeçando pela galé e jogando escombros por sobre o ombro, avancei com dificuldade até a porta do camarote na popa, que estava pendurada pelas dobradiças. Empurrei e afastei e chutei tentando tirá-la do meu caminho, gritando:

— RICHARD, RICHARD, ESTOU CHEGANDO PRA TE AJUDAR. ESPERE, ESPERE...

A maldita porta não cedia. Soquei e joguei meu corpo contra ela várias vezes. Finalmente, as coisas começaram a se afastar, e a porta caiu para trás, criando seu próprio maremoto. Cambaleei por cima dela, procurando desesperadamente — rezando por Richard. Eu não conseguia acreditar que ele não estava ali dentro. Olhei no banheiro da popa. Levantei as almofadas caídas. Levantei até a porta tombada e passei a mão embaixo d'água para ver se ele estava ali.

— Ah, por quê, por quê, por que você não desceu? — Em desespero total, caí de joelhos e fiquei submersa até a cintura. Ofeguei e pensei: meu Deus, o barco está afundando, eu tenho que sair daqui.

Me esforcei para erguer meu corpo molhado e ferido, cambaleei até a escada da gaiuta de escotilha e me ergui para cima. Freneticamente, lutei para arrastar o

pesado bote salva-vidas dos fundos da cabine de pilotagem até o meio do barco, onde o preendi ao corrimão no topo da cabine. Por instinto, peguei a faca de cordame que mantinha no cinto e deslizei a lâmina afiada por baixo de uma faixa que mantinha o bote fechado e comecei a cortar para cima. Era dura demais — eu estava fraca demais. Comecei a golpear as faixas.

Quando a última faixa rasgou, o bote salva-vidas inflou e se abriu. Lá dentro, encontrei um equipamento de pesca, foguetes sinalizadores manuais, um kit médico em miniatura, meia dúzia de latas de água e uma esponja. Alguma coisa estava errada, alguma coisa estava faltando. Tentei pensar: equipamento de pesca, foguetes sinalizadores, kit médico, esponja, comida e água. Comida? Não havia comida. Havia latas de água, mas nenhum abridor para as latas. Como é que um bote salva-vidas pode não ter nenhuma comida e nenhum jeito de abrir a lata de água?

Voltando por cima da retranca, atingi o corte profundo na minha canela esquerda. Começou a sangrar de novo. Ignorei. Não era nada em comparação com...

Desci para pegar comida. Eu me arrastei pelo rio, chutando para o lado tudo que estava no caminho, e peguei uma bolsa de pano. Peguei biscoitos, latas de feijão, atum e pêssegos e joguei tudo na bolsa. Peguei o rádio portátil de banda larga e um abridor de latas e joguei ali dentro também. Empurrei um cobertor e uma almofada pela gaiuta de escotilha para a cabine de pilotagem.

Água. Preciso de mais água.

Olhei ao redor e vi a sacola do chuveiro solar pendurada em uma prateleira. Dava para colocar cerca de dois galões e meio de água ali dentro.

— Richard vai estar com sede quando eu encontrá-lo — falei em voz alta. Pegando a sacola, levei-a até a galé e comecei a enchê-la usando o sistema pressurizado de água doce. Enquanto a sacola estava enchendo, o fluxo de água começou a diminuir. Engasgou e depois virou um cuspe. — Meu Deus, eu não tenho água! — Espera: o tambor do filtro de água; deve ter pelo menos meio galão de água ali dentro.

Apertei o interruptor da sacola solar e me esforcei para levar a sacola pesada para fora da gaiuta de escotilha. Escorreguei de volta para o camarote, peguei a bolsa de pano agora cheia e lutei para levá-la para cima. Pesava uma tonelada; esgotou cada grama de força que eu tinha.

Carreguei a bolsa de pano e depois a roupa de cama para dentro do bote salva-vidas. Quando eu estava pegando a sacola solar, uma vaga atingiu o costado do *Hazana*, fazendo o barco adernar. Tudo que estava no bote caiu no mar.

— O RÁDIO NÃO! — gritei, enquanto observava a bolsa de pano afundar e as roupas de cama flutuarem para longe.

Não consegui aguentar. Eu me tornei uma lunática enfurecida, pisando fundo no convés e chutando o bote salva-vidas.

— ISSO FOI BURRICE, BURRICE. SOU TÃO BURRA. RICHARD, ONDE ESTÁ VOCÊ? VENHA ME PEGAR. ESTÁ ME OUVINDO? VENHA ME PEGAR! MEU DEUS, VOCÊ PRECISA ME AJUDAR!

Chorando de extrema frustração, peguei a sacola solar e engatinhei para dentro do bote salva-vidas, tremendo de medo e fracasso, resmungando:

— Eu não aguento, Richard, simplesmente não aguento. Por que você não me levou junto? Você disse: “o capitão afunda junto com o barco”. Lembra? Você disse isso! Você mentiu pra mim. O barco não afundou. Onde está você? Como posso continuar sem você? O que eu devo fazer? Não sei o que fazer. Meu Deus, o que eu devo fazer?

— Nunca abandone o barco — sussurrou a voz calmante de Richard. Ele repetiu isso muitas vezes, baixinho na minha cabeça. Agarrando a sacola de água junto ao peito, fechei os olhos e soluzei:

— Mas você abandonou o barco... você abandonou o barco. — Chorei até dormir no bote de borracha, sem me importar se o barco e eu iríamos afundar.

CORRENTES E FLUXOS

Acordei chorando e congelando. Tentei abrir os olhos grudados. Meu pescoço e meu corpo todo pareciam rígidos. Eu queria desesperadamente continuar dormindo, ou morrer, para não ter que lidar com esse pesadelo. A aurora estava listrada com o resíduo preto lamacento da noite. Eu estava congelada até os ossos por causa de uma brisa úmida que não parava de lambar a minha pele; me sentia entorpecida. O retinido dos equipamentos quebrados e a batida da água no casco despertaram todos os meus medos de novo. Mal conseguia me mexer, meu corpo doía sem piedade. Cada pontada de dor me deixava sem fôlego. Eu mal conseguia engolir, minha garganta estava irritada de gritar por Richard. Repleta de raiva e derrota, peguei uma lata de água no bote salva-vidas e descii. Sabendo que eu não ia beber a água enlatada ainda, bombeei esguichos de água doce da pia na minha mão e bebi fazendo barulho, depois lambi a palma da mão direita.

— Argh, salgada. — Cuspi o resíduo salino. Ainda com sede, abri a lata de água; que diabos, eu simplesmente ia morrer, de qualquer maneira. Bebi tudo. Ela me deixou tonta; o gosto era horrível. Tudo que eu queria fazer era deitar e dormir até esse terror acabar.

Quando cheguei ao camarote da popa, tirei os livros e roupas do caminho e caí no beliche, tremendo. Puxei uma toalha e umas camisetas por cima de mim e me encolhi em uma bola, abraçando o violão quebrado de Richard. Havia um buraco

grande nele. Richard ia odiar isso.

Acordei mais tarde com uma porta batendo. Eu tinha sonhado que estava em um baile vitoriano, usando um belo vestido ondulado, como todas as outras mulheres. Os homens também usavam figurinos elegantes. A música renascentista e as mesas compridas de comida ocupavam o salão. A iluminação tinha um brilho amarelado como luz de velas, só que mais forte. Todos estavam felizes e contentes, dançando, comendo e bebendo. Foi maravilhoso.

A porta bateu de novo. Gritei:

— RICHARD, ATENDA A PORTA. — Acordando, meu coração congelou. Ah, Richard, volta, por favor, volta. Richard...

Fiquei deitada ali e chorei de novo. Como isso pôde acontecer? Por quê? Estávamos tão felizes... Comecei a tossir e cuspi sangue. Ah, meu Deus, o que esse sangue significa? Mergulhada na solidão e na depressão, fingi que Richard estava ali no beliche comigo e abracei o violão com mais força. Fechei os olhos. O sobe e desce do *Hazana* sobre as vagas me fez lembrar de quando andei nas costas de uma jamanta. Flutuando de novo para a letargia, cochilei e me permiti relembrar os bons tempos.



As jamantas, esse foi um bom tempo...

Tínhamos ancorado o *Mayaluga* na Baía de Hakahetau, em Ua Pou das ilhas Marquesas. Um morador chamado Luk nos convidou para mergulhar com tubarões junto com ele e alguns amigos naquela noite. Não fiquei empolgada com a ideia de mergulhar com tubarões, mas não queria ser deixada para trás, então decidi ir e simplesmente ficar no barco de pesca enquanto os outros mergulhavam.

Cinco de nós fomos em dois barcos de pesca. Os caras estavam usando máscaras e snorkels, não tanques de ar, de modo que não podiam mergulhar muito fundo nem ficar debaixo d'água por muito tempo. Vi Luk fazer um sinal para Richard, e os dois desceram ao mesmo tempo. De repente, percebi suas lanternas passarem muito rápido, sob o barco de pesca e além. Depois de alguns segundos, as luzes chegaram à superfície, e Richard saiu voando da água com Luk logo atrás. Tive certeza que um grande tubarão branco estava atrás dos dois. Nadando até mim, Richard gritou:

— Você precisa experimentar isso, meu amor: nós nadamos nas costas de uma jamanta.

Contente e segura no barco de pesca, de jeito nenhum eu ia entrar naquela água infestada de tubarões. Mas, depois de meia hora vendo os caras se divertindo muito, pensei: *por que não?* Chamei Richard e falei que estava pronta para tentar.

Meu estômago quase subiu até a garganta quando deslizei para a água morna. Richard e Luk nadaram até mim, e Luk fez sinal para eu ficar perto dele. Luk mergulhou, e fui logo atrás. Sob nós havia uma enorme jamanta preta. Luk segurou suas barbatanas, eu segurei as pernas de Luk e nós partimos.

Quando eu não consegui mais prender a respiração, soltei e observei a luz de Luk seguir acelerada enquanto a jamanta nadava para longe com sua carga humana. Brevemente sozinha, me mexendo na água, virei minha lanterna para baixo, em direção ao fundo do oceano. Não vi nada além das minhas pernas chutando. Olhei para o céu. As estrelas estavam brilhando. Um “vupt” e depois uma luz reluzindo no meu rosto chamaram minha atenção.

— Não foi incrível, meu amor? — perguntou Richard.

— Totalmente maravilhoso. Vamos fazer de novo!

...

Acordei encharcada de suor no camarote de popa do *Hazana* depois de sonhar com

o passeio nas costas da jamanta. Meu equipamento de tempestade sujo e úmido estava grudado no corpo. O ar no beliche estava úmido. A condensação escorria pelo casco. A água no barco batia de acordo com a adernagem do *Hazana*. A batida e o rangido ritmados não paravam. Eu finalmente me obriguei a levantar.

Chapinhei abrindo caminho até o salão principal; nada tinha mudado. A bagunça parecia maior. O pesadelo continuava. Rígida e dolorida, saí de dentro do camarote e descansei na cabine de pilotagem. O mar era como um lago gigante, com vagas que mal eram distinguíveis. De certa maneira, eu odiava sua flacidez, porque ele deveria ter estado assim, não aquele monstro raivoso que se tornou quando Richard e eu estávamos tentando atravessá-lo. Agora o mar está contrito, observei, andando sorrateiramente pelo mundo com o rabo entre as pernas. Dei uma cuspidinha rala e seca no mar, depois peguei o binóculo e procurei meu amor de novo. Não havia nada lá fora, exceto a porcaria do brilho do sol na água. Deixando o binóculo de lado, sucumbi à derrota e me recostei, deixando o calor do sol me acariciar. Eu não merecia esse prazer, mas desejava o calor. Com um esforço descomunal, tirei as roupas molhadas. Enquanto cada peça de roupa era largada, o sol parecia mais e mais quente, derretendo a cripta de gelo em que eu estava. Como isso podia parecer tão bom quando eu me sentia tão mal? Simplesmente não fazia sentido.

Cochilei até sentir uma brisa fresca me acordar. Encarei o mar por muito tempo. O oceano reluzente tentou me persuadir a ser sua amiga de novo. “Eu te odeio” piscou na minha mente.

Virando e olhando para trás, não vi nada além de um vasto lençol azul-turquesa sangrando no infinito céu azul-cobalto. Nada de nuvem, nada de espuma branca, nada de mar monstruoso, nada de Richard. Só o mar e eu.

Eu tinha que me mexer. Isso não era bom. Havia tanta coisa que eu devia estar fazendo. Por que estava viva? Por que sobrevivi? Isso? O que é isso? Um teste? Um teste de quê? Resistência? Tortura? Será que eu tinha sido gananciosa ao querer tudo que a vida tem a oferecer? Ao querer Richard? Não. Isso é outra coisa. O quê? Eu não sabia. Deus, o que é isso? Por quê?

A ansiedade me fez começar a tremer de novo. *Respire fundo*, falei para mim mesma. Senti o sol. Deitei e deixei o sol atingir o máximo possível do meu corpo nu. Cochilei e acabei acordando com calor, coberta de suor, minha cabeça doendo como se estivesse presa em um tornilho.

— *Você precisa tirar a água do barco.* — O pensamento não forçou a entrada no meu cérebro; ele entrou fluando devagar, esperando para ver se eu o aceitaria. Aceitei. Levantei e fui para o calabouço.

Estava fedendo. O belo pareô tangerina e azul-royal que Richard tinha comprado

para mim no Taiti estava pendurado na rede; eu o soltei e o enrolei no meu corpo. Fiquei parada ali olhando ao redor, sem saber o que fazer.

— *Você precisa tirar a água do barco* — disse mais uma vez a voz na minha mente. Obedeci. Fui até a estação de navegação e liguei o interruptor da bomba do porão. Nada aconteceu. Eu me ajoelhei e enfiei a mão na água do porão, pensando que talvez pudesse sentir se a chave da boia externa estava obstruída por algum escombros. Quando encostei ali, levei um choque.

— AI! — Puxei a mão para longe. Mas, se estava recebendo corrente elétrica... Toquei hesitante mais uma vez e levei outro choque.

Recorri à bomba manual do porão, mas, com todos os escombros na água, o filtro ficou rapidamente obstruído. Não tive forças para lidar com isso e desisti. Apoiada no sofá, me preocupei com o trabalho difícil pela frente: tirar toda essa água do barco. O *Hazana* não parecia estar recebendo mais água. Eu poderia me acalmar, falei a mim mesma — lidar com tudo aos poucos.

De repente, percebi a fibra de vidro exposta no teto do camarote. As tábuas de compensado cobertas por Naugahyde que costumavam cobrir o teto tinham caído e estavam espalhadas. Levantei e fui para a cabine-V. Vasculhando a minha mochila, encontrei meu batom, que raramente era usado. Voltando ao salão principal, peguei as tábuas do revestimento e as virei para cima. Engatinhei até a cabine de pilotagem e escrevi em cada pedaço:

SOCORRO — ESTOU SEM MASTRO NA LATITUDE 15°N

Cada tábua terminada era jogada ao mar e ondulava rigidamente nas vagas enquanto seguia com a corrente para cada vez mais longe de mim. Finalmente, todas as cinco foram jogadas ao mar, correndo para encontrar meu resgate. Eu as perdia de vista nos cavados das ondas e as vislumbrava quando subiam na crista das vagas com o vinil branco molhado refletindo minha súplica cor de ameixa para os céus.

— Qual é o sentido disso? Qual é o maldito sentido disso? — perguntei a mim mesma.

Mas aí aquela estranha vozinha na minha cabeça, a voz que estava se tornando minha amiga, minha salvação, misteriosamente se intrometeu:

— *Não desista, meu amor. Não desista.*

Será que era Richard? Não parecia Richard.

— *Você precisa fazer este barco se mexer* — sugeriu a voz baixinha.

— Me deixa em paz.

— *Por que você não come alguma coisa?*

— Por que você não come?

— *Está bem, vou fazer isso.*

As mãos invisíveis da voz me pegaram gentilmente pelas axilas. Eu desci. A bagunça me deixou enjoada.

— Esquece — falei alto, minha voz parecendo estranha. Fraca e exausta, eu me apoiei na bancada da galé.

— *COMA!* — A voz me assustou. Olhei ao redor, incomodada. Não havia ninguém ali. Na pia, vi um pote de manteiga de amendoim. Apesar de não estar com fome, peguei o pote e tentei abri-lo. Não consegui tirar a tampa. Eu sabia que a voz ia gritar comigo se eu não me esforçasse mais, então bati a tampa do pote na bancada. O som reverberou na minha cabeça. A tampa se abriu. Encontrei uma colher no meio da confusão e peguei uma colherada oleosa, deixando o pote aberto na bancada da galé.

— Vá em frente, pode cair, não dou a mínima. — Me dirigi ao inocente pote de manteiga de amendoim: — Por que você não está quebrado, afinal? — Quando o pote ficou parado, voltei minha atenção para a bomba manual do porão. Me esforcei para dar algumas bombeadas, depois lambi a colher. A manteiga de amendoim grudou na minha língua como uma lesma no concreto. Permiti que minha boca chupasse com força enquanto imaginava um caracol sem concha sendo esmagado até a morte, como a onda que desceu sobre...

— *Pare com isso!*

Um arranhão poderoso no casco me assustou e me fez levantar.

— VOCÊ! PARE COM ISSO! — gritei como uma louca. — VOU TE MOSTRAR! — E, como um buldôzer, avancei até o camarote da popa, onde cacei e escavei até encontrar os grandes alicates. Com a colher na boca e o alicate na mão, rastejei até a cabine de pilotagem.

Quando cheguei lá cima, tive que descansar; subir e descer no barco repetidamente e carregar os alicates pesados tinha me esgotado. Tirei a colher da boca e a joguei ao mar, vociferando:

— Pode se afogar também. — A bolha de manteiga de amendoim que ficou na minha boca era grossa e densa, nem boa nem ruim. Eu sabia que, se a comesse, a voz ia calar a boca.

Richard adorava manteiga de amendoim, e eu gemi ao me lembrar disso. A esta altura, tinha esperança de ele ter encontrado alguma coisa para comer.

Um som irritante de bang-*crrrriiii*-boing mais uma vez provocou uma onda de raiva em mim.

— JÁ CHEGA — ameacei — SAIA JÁ DAQUI! — gritei em direção à popa do barco, batendo os alicates freneticamente. Eu precisava me acalmar e pensar em uma ordem lógica para me livrar dos cabos e cordames de aço inoxidável que estavam se arrastando pela água e prendendo o mastro da mezena ao casco, batendo e arranhando, me enlouquecendo. Era um perigo para o *Hazana*. Um golpe forte poderia abrir um buraco na lateral do barco.

Fui para a popa e comecei com o mastro da mezena. Passei muito tempo tentando cortar e soltar a estai lateral de aço inoxidável de dez centímetros. Meus músculos pareciam fracos e tensos, atrofiados. Eu queria desesperadamente desistir. Mas quem ia fazer isso, se eu não fizesse? Girei e serrei e prendi e triturei com os grandes alicates. Aos poucos, as cordas de aço se desfizeram e se partiram. Com o corte final, o mastro da mezena afundou, e o *Hazana* recuperou um pouco da sua compostura. Mas a minha compostura, o pouco que me restava, me deixou na mão. Esperava desesperadamente que essa fosse a coisa certa a fazer. Porque eu jamais conseguiria recapturar o equipamento se de repente percebesse que precisaria dele depois.

— *Foi a coisa certa a fazer. Você não podia carregar todo aquele peso a bordo. Era uma batida perigosa no casco* — a voz me garantiu.

Ainda havia a bujarrona enroladora e o reboque da vela de estai na água pela proa. Velas! Se ao menos eu tivesse força suficiente para trazê-las a bordo. Fui até a proa e encarei as velas na água. De jeito nenhum eu conseguiria salvar a bujarrona: precisaria de uns vinte homens enormes para trazê-la a bordo. Assim, puxei o pino de manilha que a estava prendendo e observei a vela se soltar da vela de estai e diminuir de tamanho aos poucos enquanto o *Hazana* seguia em frente com a manilha.

Sem nada a perder e possivelmente muito a ganhar, tentei puxar a vela de estai para dentro. Estava ensopada, com toneladas de água nas dobras. Eu mal consegui levantar um centímetro.

— Não consigo. Simplesmente não consigo. — Sem nenhum guincho e nenhum músculo, desisti e puxei seu pino de manilha também, depois sentei no convés, chorando e soluçando, enquanto a vela de estai flutuava para longe na água.

Eu havia esperado desesperadamente que ela me ajudasse a velejar até a terra.

O *Hazana* gostou de não estar sobrecarregado pelo cordame obstruído, e eu gostei da brisa fresca. As lágrimas não iam resolver nada.

Eu me levantei, cambaleei de volta até a cabine de pilotagem e desci. A estação de navegação estava uma bagunça, repleta de livros e vidro quebrado. Tirei o vidro do assento e sentei. Pegando o microfone do rádio VHF, pedi ajuda:

— Mayday. Mayday. Mayday. Alguém me ouve? — Nada. — Maldito. — Quando soltei o microfone, ele voou por sobre a mesa de cartas de navegação. Por que eu precisava pendurá-lo adequadamente? Estava quebrado como todo o resto.

Levando a mão à testa, senti uma ardência por causa do corte.

— *É bom você cuidar desse corte* — sussurrou a voz.

— Não quero. — Mas me levantei e fui ao banheiro de qualquer maneira. Não era eu no espelho, era uma aberração qualquer. Dava para ver camadas de pele dentro do corte profundo. — Meu cérebro está se esvaindo. Que ótimo — falei, sem muita convicção.

Arranquei o kit médico de dentro do armário e o coloquei sobre a tampa fechada da cômoda. Ao vasculhar dentro dele, encontrei um frasco de morfina. Eu o peguei e olhei hipnotizada para ele. Depois olhei para a aberração no espelho.

— *Não, Tami. Nem pense nisso* — veio a voz.

— Por que não? — desafiei.

— *Porque, se fosse para você morrer, teria morrido.*

— Eu queria ter morrido.

— *Eu sei.*

Cometer suicídio iria contra tudo que eu aprendi na vida. Se Richard se afogou, era para ser assim — essa era uma percepção que eu estava começando a deixar se esgueirar para a minha consciência: pelo menos Richard tinha morrido de maneira admirável, fazendo o que amava, e havia uma pequena chance de ele ainda estar vivo. O “aimeudeus” poderia ter sido gritado ao ter uma visão do Todo-Poderoso na onda, na água. Não podia? Talvez eu tivesse interpretado mal. Poderia ser admiração; não pavor, mas admiração.

Devolvi cuidadosamente o frasco para o kit médico, coloquei a sacola de volta no armário e bati a porta com força. Abrindo o álcool isopropílico que eu tinha encontrado, derramei um pouco em um pano e o levei à testa, depois gritei:

— MALDIÇÃO, MALDIÇÃO, MALDIÇÃO. — O antisséptico ardia como o inferno. — AI, MEU DEUS — implorei —, me leve para casa, por favor me leve para casa e para o

Richard.

Havia suturas a bordo, mas não consegui me fazer costurar a cabeça. Em vez disso, juntei a pele com o máximo de força que consegui aguentar e coloquei vários curativos borboleta no ferimento comprido. O pus e o sangue escaparam. Era nojento. Para parecer pelo menos um pouco limpa, apliquei cuidadosamente nos cortes nos braços e pernas o álcool ardente. Doía, mas nem chegava aos pés de pensar como Richard devia estar sentindo dor.

Encontrei uma bandana na cabine-V e puxei meu cabelo emaranhado para cima, enrolando o tecido na cabeça. Eu me apoiei no beliche, me odiando por não ser capaz de cometer suicídio. Não sabia o que fazer; havia tanta coisa.

— *Verifique a carta de navegação. Faça um plano para chegar à terra.*

Ressentida, me levantei e mirei a estação de navegação. Se era para eu viver, estava na hora de encarar isso. E talvez, só talvez, Richard fosse minha recompensa no fim de tudo.

Na estação de navegação, encontrei a carta que estávamos usando e que marcava nossa última posição conhecida ali e no diário de bordo. Semicerrei os olhos, me forçando a focar as últimas palavras que Richard escrevera: “Maldito Raymond agora indo para OESTE de novo. Ainda com cento e quarenta nós. Tudo que podemos fazer é rezar”.

— Ah, por que nossas preces não foram atendidas? — choraminguei. — Por quê? Eu devia simplesmente pular no mar e...

— *Você devia terminar o que começou: fazer um plano para chegar à terra.*

Vasculhei a gaveta da estação de navegação procurando uma caneta e escrevi em negrito no diário de bordo: “Atingidos pelo Furacão Raymond”. E caí no choro de novo.

— Está tudo bem, está tudo bem — falei para mim mesma, pegando uma toalha de mão que estava pendurada de um jeito perigoso no fogão implantado na estante ao longo do casco acima da minha cabeça. Sequei meu rosto. Com uma respiração funda, me obriguei a me concentrar o melhor que consegui e repassei várias vezes o caminho que Richard e eu tínhamos seguido a partir do Taiti. Era muito difícil me concentrar.

Não posso estar tão distante do acidente, posso? Olhei para o relógio: vejamos, eu despertei há uns dois ou três dias? Dois, acho. Olhando para a carta de navegação, peguei as ferramentas de plotagem e comecei a calcular. Decidi que Cabo San Lucas devia estar a umas mil e duzentas milhas a nordeste, e Hilo, Havaí, a cerca de mil e quinhentas milhas a noroeste. Calculei isso várias vezes na carta de navegação,

escrevendo números e graus diversas vezes. Seria melhor eu seguir com os ventos alísios e as correntes até o Havaí. Essa direção ficaria a uns trezentos graus na bússola. Mas Cabo é mais perto de casa. Não tenho mais casa sem Richard.

— *Você tem muitas casas. Você tem a casa da sua mãe e a casa do seu pai. Você tem a casa da sua avó e do seu avô.*

— Richard está em casa?

— *Sim, Richard está em casa. Agora, você vai pra casa via Havaí; é o que faz mais sentido.*

— O que você quer dizer com Richard está em casa? — Silêncio. O único som no meu cérebro era seu próprio zumbido. — O QUE VOCÊ QUER DIZER COM RICHARD ESTÁ EM CASA? — gritei.

A voz não respondeu.

— ORA, ENTÃO VÁ PARA O INFERNO, VOZ — gritei. Para irritar a voz, fui até a pia, onde girei a torneira e esperei cada cuspida de ar enquanto enchia uma caneca de água. Bebi de um jeito ganancioso, chegando a lamber as últimas gotas.

— *Você já bebeu cento e dezoito mililitros de água.*

— CALE A BOCA! — gritei, olhando para o medidor de água que dizia estar vazio. Cheia de culpa, deixei a caneca de lado. Indo até o beliche, peguei um saco de dormir, a camisa florida de Richard e seu violão, e levei tudo para cima, abandonando o calabouço mórbido.

Jurando nunca mais descer, fiz uma cama na cabine de pilotagem e amarrei o timão para manter o leme reto. Isso ajudaria o *Hazana* a seguir o máximo possível com a corrente.

Comecei a me balançar para a frente e para trás, para a frente e para trás. Em algum momento, peguei o violão de Richard e comecei a dedilhar e cantar.

Deixei o violão de lado, me enfiei no saco de dormir e o puxei bem ao meu redor.

— Boa noite, meu amor — murmurei para o céu cheio de estrelas.

— *Boa noite pra você também, meu amor* — sussurrou a voz bem baixinho em resposta.

EQUIPAMENTO TEMPORÁRIO

Meu rosto parecia em chamas. Abri os olhos e fui cegada pelo sol.

— Não quero mais um dia — gemi.

— *Vamos lá, Tami. Levante. Coma alguma coisa. Faça este barco se mexer.*

A voz era assustadora, mas ao mesmo tempo também reconfortante. Ela sempre parecia saber o que fazer ou o que eu deveria fazer. Na verdade, eram muitas vozes. Às vezes, parecia minha mãe, meu pai ou Richard. Mas a maior parte do tempo parecia eu mesma.

Desci, encontrei outra colher e a enchi de manteiga de amendoim porque era fácil. De volta ao sol, sentei lambendo esporadicamente a colher e tentando descobrir como fazer o *Hazana* se mexer. A vela balão captou meu olhar. Se eu o colocasse de pé, ele poderia funcionar como mastro. Ainda estava derrubado sobre a coberta de proa. Cerca de um metro e oitenta dele tinha se rompido quando o mastro principal quebrou e caiu no mar.

Andei até a proa e olhei dentro do compartimento da corrente da âncora. Tinha cerca de um metro de profundidade. Voltei e soltei a vela balão de dois metros e setenta e a enfiei no buraco.

O objetivo de uma vela balão é segurar uma das maiores velas que um barco pode

usar — a bujarrona — quando navega a sotavento. A vela balão se estendeu por apenas um metro e oitenta de altura. Com uma altura tão pequena, balancei a cabeça e disse:

— Isso é ridículo.

— *Não é ridículo.*

— Como vou encher uma vela com vento se o mastro só tem um metro e oitenta de altura?

— *Encha o compartimento da corrente, assim o mastro vai ficar mais alto.*

— Encha você.

— *Ok, faço isso com prazer.*

Enquanto eu colocava o mastro no convés para descer, a estranha força que se instalava em mim, silenciosamente, me orientou a amarrar o mastro no convés, para o caso de uma vaga tentar rolá-lo para o mar. Será que a voz era de um anjo da guarda? Esse era um pensamento estranho.

— *Por que é um pensamento estranho?*

— Não sei...

Na cabine de proa, abri a gaiuta de escotilha e empurrei todas as almofadas e cobertas para a proa, além de qualquer coisa que pudesse encher o compartimento da corrente. Depois, engatinhei para fora da gaiuta de escotilha e a fechei.

Apinhei no compartimento da corrente todos os objetos que eu tinha empurrado para o tombadilho. Soltei a vela balão e o coloquei de pé no compartimento. O mastro chegou a dois metros e setenta de altura. Isso me deu a primeira sensação de bem-estar desde que despertei. Alguma coisa finalmente estava sendo realizada. Amarrei o mastro de novo no convés antes de voltar para a cabine de pilotagem.

— Você é a última vela que eu tenho — falei em voz alta para a bujarrona de tempestade. — A vela do milagre. Como foi que você não foi arrastada pro mar? Os tanques de propano foram arrancados do compartimento e o convés foi totalmente esvaziado, mas você ficou na cabine de pilotagem sem nem estar amarrada. Por que Richard não ficou? Por que VOCÊ não foi arrancada deste barco em vez dele e teve a vida sugada?

Soltei a bujarrona de tempestade e abracei o estômago, me dobrando de dor.

— *Nem pense nisso. TAMI... nem pense nisso. Acabou. Acabou tudo, agora. Você vai ficar bem. Você vai conseguir. Richard está em paz.*

— Richard está morto. Eu sei que ele está morto. Eu nunca mais vou vê-lo.

— *Foi rápido. Rápido.*

O que essa voz idiota sabia? Com raiva, questionei:

— Mais rápido do que o que vai acontecer comigo? — Sem esperar nem desejar uma resposta, agarrei a vela e a arrastei até a proa, prendendo-a sob o mastro da vela balão.

Desci até o camarote de popa para pegar os moitões de cordame que eu tinha descoberto embaixo de um beliche.

De volta à proa, descansei um minuto e, na minha mente, relembrei a dinâmica de um mastro principal temporário. Havia a estai real e a estai de popa. Elas mantinham o mastro reto nas direções de proa e popa. Havia as estais laterais. Elas corriam do topo do mastro até o convés, em ambos os lados do barco. Todos esses cordames, as velas de estai e as estais laterais serviam para manter um mastro reto e a prumo.

— Tudo bem, isso está certo — murmurei para mim mesma, irritada por ter que me concentrar tanto em algo que costumava ser tão natural para mim.

Pensei em como a ponta principal de uma vela, em sua posição normal, se prende a um mastro. Mas meu mastro — o mastro da vela balão — era curto, com apenas dois metros e setenta de altura. Se eu pegasse a parte mais curta da vela e a amarrasse com força ao mastro da vela balão, depois amarrasse duas cordas — escotas — à vela, para poder puxar a vela para qualquer lado do barco que eu precisasse, com o objetivo de pegar vento, devia funcionar.

Segui com o meu plano. Prendi uma corda do topo do mastro até uma conexão na proa e prendi uma segunda corda do topo do pau até um olhal de trapas no convés. Isso segurava o mastro na proa e na popa. Em seguida, manipulei a estai lateral, para impedir que o mastro caísse de lado.

Puxei a bujarrona de tempestade da sacola e a desenrolei. Embora não houvesse muito vento, tive medo de ela ser soprada para o mar, então a prendi e peei para continuar. Depois que a vela estava estendida, passei uma corda pelo que normalmente seria o punho da pena da vela, mas agora seria o punho da escota, através de um moitão até um molinete na cabine de pilotagem. Ia funcionar como uma escota. Eu poderia ficar sentada na cabine de pilotagem e apertar ou afrouxar a vela, dependendo dos caprichos da Mãe Natureza e da quantidade de vento que combinasse com o seu humor.

Ajustei um moitão no topo do mastro da vela balão, depois passei uma corda através desse moitão e amarrei uma ponta ao que normalmente seria o punho da escota, mas agora seria o punho da pena da vela. A outra ponta da corda eu levei até

o guincho da âncora. Isso criou a adriça do meu equipamento temporário, me permitindo levantar e arriar a vela improvisada na lateral. Usei o guincho da âncora como meu guincho para manter esticada a testa, ou ponta da frente.

Passei o dia todo criando o equipamento e ajustando as cordas que serviam de estai e enxárcia. Em seguida, realoquei os moitões e as manilhas no ângulo adequado, que proporcionava mais área de vela. Finalmente, levantei a vela no mastro e preendi a adriça. Voltei para a cabine de pilotagem e ajustei a escota. A vela se encheu devagar, mas encheu. Tinha apenas cerca de quatro metros quadrados de área de vela, mas eram quatro metros quadrados a mais do que eu tinha dois dias antes. Então finalmente senti alguma coisa diferente de dor. Senti esperança.

— Estamos voando, *Hazana*. Fazendo dois nós, eu apostaria. Vamos lá, garota.

— *Bom trabalho, Tami.*

— Obrigada. Obrigada, obrigada, obrigada — falei para o grande vazio. Quando a voz não respondeu, meu entusiasmo diminuiu. Eu precisava daquela voz; ela estava se tornando A Voz, a única coisa com a qual me comunicar. Era mais do que falar comigo mesma: ela estava fora, mas ao mesmo tempo dentro de mim. Eu precisava da aprovação da Voz.

Mesmo que o ritmo fosse apenas um ou dois nós por hora, parecia revigorante. Pelo menos eu estava progredindo com algum controle da minha direção. Além do mais, sabia que, se não voltasse para casa, minha mãe nunca, jamais deixaria de me procurar; afinal, era tudo que ela tinha desde que se divorciou quando eu era nova — uma criança. Será que minha mãe se sentiu desolada como estou quando meu pai foi embora? Não poderia, já que a opção pelo divórcio foi mútua. Nunca me deram uma opção. Não me perguntaram se Richard poderia ir embora — ele simplesmente foi; desapareceu. Podia até ter sido um divórcio. Mas ele não queria me deixar. Ele me amava e eu o amava.

— Ah, meu Deus, como eu o amava. Não consigo fazer isso.

— *Você consegue fazer tudo que decidir* — insistiu A Voz.

Parecia a voz da minha mãe. Ela também dizia que eu conseguia fazer qualquer coisa. Tudo que tivesse coragem de tentar. Que tal isso, mãe? Você algum dia achou que eu teria coragem de tentar sobreviver totalmente sozinha aqui no fim do mundo? Sem nenhuma resposta do vento, respirei fundo e puxei a corda, apertando meu equipamento recém-criado. Olhei para a bússola e virei o timão levemente para o curso de trezentos graus que eu esperava que me levasse até o Havaí. Em seguida, baixei a cabeça e chorei, porque não tinha ninguém, nem uma alma naquele enorme mundo e cheio de água.

— Mayday. Mayday. Mayday. Aqui é o veleiro *Hazana*. Não tem uma porcaria de pessoa aí? — falei, encarando o microfone na minha mão.

O som da estática era enlouquecedor. Tentei de novo:

— Mayday. Mayday. Mayday. Aqui é o veleiro *Hazana*. Alguém me ouve? Câmbio.

A antena estava presa ao topo do mastro principal. Com o mastro principal caído, não havia antena. Dava para ver o cabo coaxial passando pelo teto do camarote até onde ficava o mastro principal. Puxei o que restava do cabo danificado e o levei pela gaiuta de escotilha até um dos balaústres de pé. Cortando a antena curta do EPIRB, prendi com fita o fio central na ponta cortada do cabo coaxial e pedi socorro de novo, mas continuei ouvindo apenas estática. Imaginei que tinham se passado quatro dias desde o furacão e a data era 15 de outubro. Escrevi no diário de bordo: “Alguém, por favor, me diga que isso tudo é só um pesadelo”.

Para continuar lúcida, fui até a bomba manual do porão por um tempo. Mais ou menos de hora em hora eu mandava um pedido de socorro, mas havia muitas horas de vazio, de me sentir solitária e amedrontada, e, por mais que eu quisesse, não conseguia dormir. Sentei ao timão, pilotando, mantendo o *Hazana* no curso. Pensei, pensei e pensei. Pensei de novo nos meus pais, nos meus avós e no meu irmão mais

novo. Em como, se eu tivesse seguido os passos da minha mãe, já teria um filho na escola e não estaria no meio dessa confusão. Eu estaria segura em casa.

— *É, mas você não teria conhecido Richard.*

— Eu poderia ter conhecido Richard mesmo assim. E ele teria me amado, mesmo que eu tivesse um filho.

— *Mas você teria tirado seu filho da escola para sair velejando?*

Eu poderia ter ensinado tudo a ele no barco. Ou talvez minha mãe pudesse cuidar da criança assim como os meus avós cuidaram de mim.

— *Você acha que a criança teria lamentado a sua partida?*

— Não, por quê? Eu certamente não lamentei o fato de minha mãe me deixar com meus avós durante alguns anos. Eles me mimaram. Eles me amavam até a morte.

— *Que frase estranha: “eles me amavam até a morte”. Continue se lembrando do quanto todos eles te amam, Tami, eles te amam durante a vida.*

— Eles me amam durante a vida. — Bem, eles certamente me incentivaram a viver o meu sonho. Caramba, se eles pudessem me ver agora. Que belo sonho! Tornou-se um maldito pesadelo!

Meus pensamentos, como sempre, retornaram para Richard. Tínhamos tantos planos; como pode ter acabado assim? Não fazia sentido. E aquele negócio de “Deus é bom” e todas essas coisas? O que há de bom nisso? Richard tinha sido bom. Eu tinha sido boa. Não conseguia entender. E não havia ninguém com quem conversar, para me ajudar a compreender. Ninguém com quem compartilhar toda essa tristeza. Nenhum ombro para chorar, exceto as curvas do violão de Richard. Dedilhei levemente o violão. Pelo menos era um som diferente das ondas batendo no casco e do farfalhar suave da vela levantada de maneira esquisita. Encarei a água e senti Richard ao meu redor. Se ao menos ele aparecesse e me abraçasse e consertasse tudo, como já havia feito no passado.

Peguei a camisa florida de Richard que eu amava tanto e a abracei, me embalando até dormir. Pensei em como eu sabia onde Richard estava; no meu coração, mas onde eu estava? Talvez amanhã, com o rosado da manhã, descobriria. A primeira luz do dia costumava revelar boas dádivas: coisas boas que estavam por vir.

...

O dia raiou claro e quente, com o *Hazana* se movendo como um cavalo de pau em câmera muito lenta. Se o clima continuasse assim, seria um dia perfeito para as minhas observações do sol. O sextante não tinha quebrado no emborcamento, o que

era um milagre. Estava na caixa, derrubado em uma prateleira na estação de navegação.

Sendo um instrumento delicado, o sextante ajuda o navegante a localizar a posição usando dois objetos para medir altitudes acima do nível do mar. Meus dois objetos eram a linha do horizonte e o sol. Olhando pela luneta e ajustando o braço do marcador, o sol é visto através de uma série de espelhos.

Quando o braço é ajustado adequadamente, o sol parece tocar na linha do horizonte. Essa hora é imediatamente marcada, junto com os graus que correspondem ao marcador no sextante. O navegante então procura os dados no livro de tabelas para estabelecer uma posição.

É importante ter a hora exata ao fazer a observação do sol. Meu cronômetro foi destruído no emborcamento, e eu não tinha a menor ideia do que tinha acontecido com meu relógio de pulso. Apenas o relógio do camarote principal, preso na antepara, ainda existia para me ajudar a marcar o momento em que a ponta inferior do sol encostaria no horizonte. Mas o relógio da antepara estava longe demais para documentar a hora exata. Portanto, eu só conseguiria encontrar minha posição latitudinal no Pacífico, mas ter esse conhecimento me daria alguma coisa para ansiar. Encontrar a minha latitude seria empolgante mas intimidante, porque e se eu estivesse totalmente fora da rota e já estivesse a meio caminho da China?

Pegar a observação do sol prometia ser complicado. A retranca quebrada, bloqueando a gaiuta de escotilha, roubaria alguns segundos da hora exata. Eu teria que olhar pela luneta, deixar o sextante de lado com cuidado e, depois, passar por cima da retranca na gaiuta de escotilha para poder ver o relógio na antepara e anotar a hora exata com o máximo possível de precisão. Sentei na cabine de pilotagem quentinha, me lembrando do básico da navegação celestial e esperando ansiosamente pelo meio-dia.

Quando aprendi navegação celestial, eu tinha certos fatos impregnados em mim.

Eu sabia que a minha chance de captar o sol no segundo exato em que ele atingisse seu ponto mais alto no céu, seu zênite, não era tão importante, porque o sol fica no zênite por cerca de dois minutos. É relativamente fácil prever esses dois minutos consultando as Tábuas de Navegação e calculando o zênite matematicamente. Com a observação do meio-dia, eu poderia tentar identificar onde estava, pelo menos saber a latitude. Meu plano inicial era alcançar a latitude dezenove norte, virar à esquerda e ter esperança de chegar ao Havaí. A grande ilha, Havaí, se estende entre a latitude 19°N e 20°N, e sendo conduzida para o norte enquanto eu me dirigia a oeste, imaginei que isso me colocaria em algum lugar no meio da ilha, onde fica Hilo. Conforme o meio-dia se aproximava, fui ficando

empolgada. Sentei com as pernas abertas sobre a retranca, olhando para o relógio lá embaixo, esperando o segundo ponteiro atingir o número doze. No instante em que o atingiu, localizei o sol através do sextante e fiz minha primeira leitura. Coloquei o sextante cuidadosamente na caixa acolchoada e me agarrei à retranca enquanto me pendurava de cabeça para baixo para ver o relógio. 1201.

Saltando da retranca, repeti “1201, 1201” e desci até a estação de navegação. Abri o *Almanaque náutico de 1983*, o livro que me daria todas as informações de que eu precisava para plotar minha posição e fiz meus cálculos de maneira metódica. Era 16 de outubro, Dia Cinco depois do emborcamento. Minha observação me deu uma posição latitudinal de 18°N. Essa era uma notícia surpreendente. Eu estava bem mais ao norte do que tinha imaginado. Olhei para o relógio. O segundo ponteiro não estava entortado e continuava saltando com constância: um, dois, três, mas eu estava cheia de dúvidas. E se o relógio tivesse parado por um tempo e depois recomeçado? Como eu poderia ter certeza que minha posição latitudinal era 18°N?

— Se o relógio estiver errado, vai dar tudo errado. Se eu estiver longe demais ao sul, posso perder todas as ilhas havaianas e acabar na China ou em algum outro porto do Extremo Oriente — falei em voz alta.

— Esqueça, vou simplesmente confiar na minha observação do sol e seguir pra dezanove graus norte, virar à esquerda e esperar não perder o Havaí.

Ansiosa, peguei o microfone e pedi socorro de novo. Nada. Olhei para a pia da galé; eu estava morrendo de sede. Desejava desesperadamente um gole de água, mas sabia que tinha que racionar. Era muito cedo para beber mais. Mas, antes que eu conseguisse me impedir, me levantei em um salto, peguei uma caneca, enchi de água da bomba manual e bebi tudo.

— *Você só está roubando de si mesma, garota.*

Cheia de culpa, gritei:

— NÃO ME IMPORTO. EU TINHA QUE BEBER UM POUCO. — Jogando a caneca na pia, fugi da voz incômoda e fui para o ar fresco.

Sentada ao timão, o barco oscilando como um brinquedo em uma banheira, nada ao longo do horizonte, me deixei sonhar acordada. Me lembrei de como Richard e eu sempre adoramos a ideia de sermos o único barco em uma baía. Como quando fomos a Fatu Hiva, nas Marquesas.

...



Fatu Hiva só tinha dois povoados mapeados. A maioria dos navegantes ia para Hanavave, Bay of Virgins, porque tinha uma ancoragem melhor. Mas Richard e eu fomos para Omoa Bay para sair do caminho batido e viver a cultura polinésia primitiva. Conforme nos aproximamos de Omoa Bay, pináculos de pedra enormes se assomaram no céu como sentinelas protegendo o povoado. Com a âncora recém-baixada e as velas arriadas, observamos um barco de pesca lotado de frutas frescas parado perto do barco.

— *Bonjour. Ça va?*

— *Pas mal. Et toi?* — respondeu Richard, animado.

— *Ça va, ça va!! Je m'appelle Jon. Et toi?*

— *Moi c'est Richard, et ça c'est mon amie, Tami.*

Enquanto eles continuavam falando em francês, que eu só entendia um pouco, analisei Jon e seu jeito moderado. Era esguio, de altura mediana, com músculos abdominais tipo tanquinho. Tinha os olhos escuros, o cabelo escuro e a pele escura do local. Seu rosto era extremamente amigável, e seu sorriso era iluminado.

Jon nos deu um saco grande de *pamplemousse* (toranja), laranjas e papaias. Ele percebeu nosso estoque reduzido de bananas penduradas na retranca.

— O que você acha, Tami? — perguntou Richard. — Quer ir à casa de Jon mais tarde para conhecer a família dele e reabastecer nosso estoque de bananas?

— Eu adoraria.

Richard fez um plano para encontrar Jon naquela tarde na praia.

Apesar de eu não saber falar marquesano e só saber um pouco de francês que aprendi na última viagem pelo Pacífico Sul, sabia que o escambo era um bom passatempo — uma arte, uma arte requintada. Os habitantes locais, sendo naturalmente generosos, não esperam nada em troca. A arte é aprender a ser naturalmente generoso também e não parecer fazer escambo porque você acha que deve, mas porque adora doar.

Tínhamos trazido suprimentos para escambo: mochilas, sandálias, fios em todas as cores, perfumes, bonés de beisebol, lápis de cor, livros de colorir e roupas de bebê. Um compartimento a bordo tinha sido designado para esses produtos. Carregamos nossas mochilas com camisetas, um boné de beisebol e perfumes e remamos até a terra firme. Encontramos Jon na praia e o seguimos pelo pequeno povoado,

passando por casas e bangalôs. As casas eram feitas de tijolos de cimento ou madeira com telhados de alumínio corrugado. Ocasionalmente víamos um telhado de palha. Os quintais ao redor das casas não eram enfeitados, apenas aparados até a estrutura. Para além desses quintais, a selva exuberante prevalecia com uma beleza indescritível. Todos pareciam contribuir para a autossuficiência do povoado. Uma família fazia pão; outra criava galinhas. Uma família construiu um anexo à casa e o encheu com produtos enlatados, queijo empacotado e caixas de leite. Era a loja local.

O alpendre de Jon era pintado de um jeito alegre em branco e azul-turquesa. Um riacho corria ao lado da casa. Bananeiras e outras árvores frutíferas cresciam em abundância bem no jardim da frente. Conhecemos Mareva, esposa de Jon, e seus dois filhos: Taupiri, um menino de cinco anos, e Lovinea, uma bebê. Mareva era uma marquesana alta e estonteante com quase trinta anos. Tinha cabelos pretos compridos e sedosos e olhos pretos cativantes: uma beleza real.

Mareva nos convidou a entrar na casa. Depois que enxotamos as galinhas da mesa e colocamos de lado as cestas de fruta-pão e taro, sentamos. Jon se uniu a nós enquanto Mareva servia café em tigelas de sopa com uma colher.

— *Taofe* — anunciou Jon, apontando para a tigela de café. O leite condensado adoçado passou de mão em mão. Observamos Jon olhar como bebíamos nosso taofe. Ele despejou generosamente o leite até o taofe parecer um sorvete de baunilha derretido. Os ilhéus pareciam usar o leite condensado adoçado em tudo: no pão, no taofe e nas mamadeiras dos bebês. Infelizmente, o amor dos habitantes pelo leite doce, além de açúcar e frutas, provocava a deterioração generalizada dos dentes, como ficava claro nos sorrisos largos e cheios de buracos. Mareva serviu peixe, pão e salada. Estava tudo delicioso.

Terminamos a refeição e seguimos Jon até o riacho que corria ao lado da casa para lavar os rostos e as mãos. O vento estava refrescante, e eu percebi que Richard estava ficando preocupado com o *Mayaluga*. Decidi que esse seria um bom momento para mostrar nossos produtos de escambo. Colocando a mão dentro da mochila, peguei umas roupas de bebê. Quando as entreguei a Mareva, seus olhos ficaram do tamanho de um pires. Elas as levantou e me deu seu sorriso com poucos dentes. Eu também tinha trazido um vestido, um perfume e fios, além de uma camiseta para seu filho. Eu me sentia um dos duendes do Papai Noel enquanto remávamos de volta para o *Mayaluga*.

Na manhã seguinte, acordamos cedo. Jon tinha prometido nos conduzir pelas colinas, até o homem dos tapas. Sabíamos que os tapas eram feitos da casca de árvores de amoras, fruta-pão ou figos. São batidos até ficarem finos e virarem lonas fortes e roupas de todos os tamanhos e formas.

Depois de andar pela trilha por um tempo, chegamos a uma clareira. Diante de nós havia algo que parecia uma casa de palha na árvore. Mas, quando nos aproximamos, percebi que um dos lados do chão se apoiava em pilares baixos enterrados na lateral da colina, e que o outro lado estava preso por sarrafos a coqueiros. As paredes da casa eram feitas de folhagem de palmeiras e o telhado era de alumínio corrugado enferrujado.

Embaixo da casa na árvore, em uma clareira nivelada, três mulheres estavam sentadas batendo na casca da árvore com bastões curtos, parecidos com os de beisebol, no tronco de um coqueiro caído. Nós as assustamos, e elas pararam de bater e sorriram de um jeito discreto. Jon se aproximou e falou com elas em marquesano. Durante a conversa, ele virou e apontou para nós. Acenamos com a cabeça e sorrimos. A mulher mais velha apontou para a cabana de palha e assentiu, e Jon acenou para que o seguíssemos pelo caminho.

A porta da frente era quadrada e tinha apenas cerca de um metro e vinte de altura; tivemos que nos abaixar para entrar. Lá dentro, a cabana tinha uma iluminação fraca, apesar de duas grandes janelas de vidro estarem abertas. Um velho de short surrado estava sentado encolhido, pintando um trecho de tapa sobre uma mesa grande no canto da cabana de seis metros por seis metros.

— *Ia orana* — (bom dia) disse Jon, fazendo o velho levantar o olhar.

— *Maeva* — (bem-vindos) respondeu o avô frágil enquanto se levantava e vinha até Jon, dando um beijo em cada lado do seu rosto.

Jon nos apresentou a Henry, que também nos beijou no rosto.

As costas encolhidas e os olhos cansados de Henry indicavam que ele tivera uma vida árdua. Ele acenou para irmos até sua mesa de trabalho, onde uma peça de tapa com sessenta centímetros por um metro e vinte estava apoiada. Percebi que essa tapa era mais áspera e mais grossa, diferente da tapa flexível que os samoanos e os tonganeses faziam para as roupas. Henry tinha pintado símbolos e imagens na tapa com tinta preta feita de raízes locais. As imagens em tapas ilustram uma declaração e/ou contam uma história.

De um velho tronco, Henry nos trouxe várias tapas para escolhermos. Escolhemos cinco das quais gostamos. De nossas mochilas, pegamos os itens de escambo. Ele queria fazer escambo com uma mochila e um par de chinelos. Nós finalmente o convencemos a aceitar algum dinheiro também.

Nós nos despedimos de Henry e voltamos pela trilha até onde as mulheres estavam batendo metodicamente no pano. A mulher mais velha era esposa de Henry, Jon nos contou, e as duas meninas eram suas filhas. As meninas ficaram me olhando e dando risadinhas. Sorri para elas e perguntei a Richard por que ele achava

que elas estavam rindo — era alguma coisa que eu tinha feito? Richard perguntou a Jon e depois me explicou que a menina mais nova queria tocar no meu cabelo.

— Sério? — perguntei, surpresa. — Claro. — Fiz sinal para ela se aproximar.

A menina parecia estar na adolescência, e era tão tímida que mal conseguia me olhar nos olhos. Inclinei a cabeça para ficar mais fácil ela tocar e alisar meu cabelo louro comprido. Ela olhou para a irmã com um sorriso. Fiz sinal para a irmã se aproximar também.

A irmã veio imediatamente, alisou meu cabelo com delicadeza e disse:

— *Henehe*.

Em francês, Jon disse para Richard:

— *La belle*.

— Ela é linda mesmo — repetiu Richard, me olhando orgulhoso.

Sorri para ele e depois para elas, pensando como deve ser estranho para as jovens marquesanas verem um cabelo louro. O cabelo delas, grosso e preto, também ia até a cintura, mas estava preso e era muito mais brilhoso que o meu.

Coloquei a mão na minha mochila e peguei alguns batons e perfumes.

— *Un pour vous, et un pour vous* — falei para as meninas. Antes de as irmãs pegarem os presentes, seus olhos imploraram para a mãe. Ela fez que sim com a cabeça.

— *Merci, madame* — disse cada uma delas para mim, trocando para o francês.

— *Il n'y a pas de quoi* — (não foi nada) respondi, feliz por aumentar meu vocabulário francês.

Sorri e encarei as mulheres, pensando em como elas pareciam exóticas naquele ambiente remoto e tropical. Era tão tranquilo e sereno.

...

Meus olhos foram do mar para o convés destruído do *Hazana*. Como seria maravilhoso ter algumas amigas aqui para conversar — qualquer pessoa: Richard. Este quinto dia tinha esquentado para um calor causticante, sem um sopro de vento. O *Hazana* estava com dificuldades, e eu também.

— Voz, você está aí? — arrisquei.

Silêncio.

— Sinto muito por ter roubado a água.

— *Na próxima, pense duas vezes.*

— Está bem.

Na manhã seguinte, por conta do tédio, desci para ajeitar as coisas. A depressão parecia engarrafada em mim. Peguei a caneta e escrevi no diário de bordo: “Estou muito, muito atormentada”. Fechei os olhos e senti o coração começando a bater cada vez mais rápido. Talvez eu tenha um ataque cardíaco e caia dura, pensei.

— *Distraia a si mesma* — sugeriu A Voz. — *Você ia ajeitar as coisas, lembra?*

Olhando ao redor do camarote principal, eu não sabia por onde começar. Ele costumava ter um interior elegante, com estofamento luxuoso, revestimento superior imaculado e madeira polida. Fui com cuidado até a cabine-v, pensando que eu deveria ir em frente e abrir caminho até a popa. Não conseguia acreditar em quantas coisas que pertenciam ao camarote principal e à galé agora estavam entulhadas na cabine-v. Sabia que tínhamos capotado, mas, com tantos danos e pelo modo como as coisas tinham sido arremessadas pelo camarote, sabia que também devíamos ter arfado — virado de ponta a ponta como uma ginasta executando animadamente uma estrela na esteira.

Encontrei um remo. Talvez eu devesse usá-lo para fazer sinal para um barco, pensei, mas como ele se destacaria no mar monótono? Olhei ao redor e me lembrei de uma camiseta vermelha de Richard que dizia: “Bay Scuba — Nosso trabalho é mergulhar”. Eu a amarrei na pá do remo. Vermelho, a cor do amor — a cor do sangue.

— *Vermelho, a cor do resgate* — A Voz se intrometeu.

Joguei o remo para cima, para a cabine de pilotagem.

Eu me obriguei a continuar limpando e decidi tirar a sujeira do porão. Enchi um balde com água salgada e encontrei uma esponja. Enquanto eu lavava o piso, alguma coisa arranhou o casco destruído de fibra de vidro. Peguei o objeto com a esponja grande e o puxei. Meu Deus, era o meu relógio de pulso. Como diabos ele veio parar aqui? Foi uma mensagem de Deus. Mergulhei o relógio no balde de água salgada e, com o dedo indicador e a esponja, esfreguei até a sujeira sair. Encarando-o, vi os segundos tiquetaqueando. 0933, li no mostrador. Olhei para o relógio na antepara, notando que marcava 0935. Profundamente animada, soltei em voz alta:

— Posso marcar minha posição exata agora e posso cruzar a observação da manhã com a observação da tarde. — Soltei a esponja dentro do balde, fui até a estação de navegação e peguei papel e lápis. Tirei o sextante da caixa e carreguei essas tábuas de salvação para o tombadilho.

Cavalgando a retranca, localizei o sol através do sextante. Puxei lentamente a

trava do braço do sextante, que baixou a imagem espelhada do sol nas lentes até o horizonte. Empurrei o botão do cronômetro no relógio de pulso. Em seguida, balancei o sextante de um lado para o outro, apenas o suficiente para fazer a parte inferior do sol tocar na linha do horizonte.

Então fiz uma marcação parando o relógio de pulso. A hora registrada era 0954 e 27 segundos. Olhei para onde a seta apontava no arco do sextante e anotei os graus. Em seguida, repeti o procedimento todo, fazendo um total de três marcações. E elas me dariam uma escolha entre as leituras que eu achava que eram marcadas com mais precisão no instante em que o sol atingia o horizonte.

Levei o relógio de pulso, o sextante e os papéis para baixo e calculei, com o *Almanaque náutico de 1983* e as tábuas de redução da observação, minha LOP — linha de posição. Com os cálculos completos, plotei-a na folha de plotagem.

— Bem — falei para mim mesma —, estou em algum lugar dessa linha.

Perto do meio-dia, refiz ansiosamente tudo de novo. Esta observação seria “a navegação estimada”, a observação que me diria exatamente onde eu estava.

Descobri que estava na longitude 134°W e na latitude 18°N. Era uma boa notícia. Eu não precisava mais especular minha posição, pois estava mais perto do Havaí do que pensava.

Eu estava ansiosa para o Dia Oito chegar, para poder fazer novas observações e ver o quanto tinha progredido durante a noite.

Como o dia começou calmo, eu não era necessária no timão. Para manter a mente longe de Richard, desci e voltei às tarefas de limpeza. Para minha alegria, encontrei a vela de estai da mezena. Ela ficaria melhor no ar leve do que a bujarrona de tempestade que eu tinha levantado. Talvez se encaixasse melhor no equipamento temporário, esperei.

Foi um desafio empurrar o peso morto da vela de estai da mezena para fora da escotilha de proa e arrastá-la até a coberta de proa. Eu tinha descido para pegar mais cordas quando o barco adernou de repente.

Ah, não, pensei, e rapidamente subi tropeçando até o tombadilho, encontrando a vela de estai da mezena no mar, afundando lentamente.

— NÃO, NÃO, NÃO. DROGA. SERÁ QUE UM DIA EU APRENDO? — reclamei e me enfureci. Depois, sentei e chorei.

— *Você precisa parar de chorar, Tami.*

— Cale a boca.

— *Você precisa dessa água; vai ficar desidratada.*

— Simplesmente cale a boca. As lágrimas são minhas, e eu vou chorar se quiser!
— gritei, depois gargalhei, conforme as palavras da música me vinham à mente e eu me lembrava que na original se tratava de uma festa. Que bela festa.

Mas eu sabia que A Voz estava certa; havia pouca água sobrando. Chorar não ia ajudar.

— Eu podia beber água salgada — desafiei A Voz.

— *Isso vai te deixar louca.*

— Eu já estou louca.

— *Pode até estar, mas não está burra.*

— Eu acabei de deixar a vela sair rolando do barco, e isso é uma bela burrice.

— *Bem, aposto que não vai fazer isso de novo.*

— Você está certa, porque eu não tenho outra vela.

— *Talvez você devesse ficar feliz por ter a bujarrona de tempestade e seguir com a primeira observação do dia.*

Cedendo, sequei as lágrimas do rosto com os dedos e lambi as gotículas. Respirando fundo, encarei a bujarrona de tempestade pendurada de um jeito frouxo no mastro ereto. Qual era o objetivo disso? Talvez eu devesse simplesmente sair rolando do barco como a vela de estai da mezena e acabar com aquela história. Mas estava ansiosa para fazer minha primeira observação do sol do dia. Olhei para o relógio de pulso; eram quase 0900. Desci e peguei o lápis, o papel e o sextante.

Minha primeira observação parecia boa.

Mas a observação de meio-dia me derrubou. Calculei 132°W por 18°11'N. Eu tinha perdido dois graus de longitude! Isso são o que — cento e vinte milhas? Era como se tivesse ido para trás durante a noite. O que aconteceu? Eu não estava tão a oeste quanto pensava. Tudo estava dando errado. Sentei ao timão, fumegando de raiva. Desiludida, minha mente e meu corpo cederam a todas as dores e sofrimentos.

Às 0200 fiz a terceira observação do dia. É, dois graus de distância. Para aliviar a frustração, abri uma lata de pêssegos em calda e passei horas mordiscando cada pedaço macio cor de cobre.

ÁGUA ACIMA, ÁGUA ABAIXO

Tinha esfriado. Vesti uma calça jeans e uma jaqueta de tempestade e voltei a sentar ao timão, pilotando, como tinha feito nos últimos dias. Passei a maior parte desse tempo, depois de comer os pêssegos em calda, tentando me lembrar por que tinha sido tão importante Richard ficar no tombadilho e não descer comigo antes do emborcamento. Se eu soubesse que aquela era a última vez que o veria, o último toque da sua pele, o último sorriso, a última piscada de amor, teria voado para fora da gaiuta de escotilha em direção aos seus braços. Teria me agarrado a ele como um polvo gigantesco faz com sua presa e nos lançado como um torpedo intenso para o fundo do mar em uma última ondulação orgásmica. Poderíamos ter morrido nos braços um do outro, desafiando o amor até que a morte nos separasse.

Agora era o Dia Onze. Nenhum navio à vista. Ninguém respondendo aos pedidos de socorro. Nenhum milagre. Esporadicamente eu manobrava a bomba manual do porão e sentia a pressão da água sendo sugada para fora enquanto puxava a alavanca para cima, depois lançando-se para o mar quando eu abaixava a alavanca. Imaginei o fluxo imundo de água enquanto explodia para fora da conexão do casco e saía para o vasto mar espumoso. As moléculas e partículas misturadas de dor, sangue, comida e escombros finalmente libertadas para se dissiparem no agora estabilizado Oceano Pacífico. Como eu poderia me deixar sugar pela conexão e ser libertada? Não me ocorreu, até as nuvens estarem no céu, pensar no velho ditado do mar:

“Céu vermelho de manhã, navegante fica em alerta”. Céu vermelho de manhã...

Quando a primeira lufada de vento atingiu meu rosto e as nuvens pretas sinistras cuspiram chuva na minha cara, comecei a tremer de maneira incontrolável. Uma tempestade estava prestes a começar. A adrenalina bombeou pelo meu corpo, o medo se espremendo por cada poro, e eu reagi por desespero. Prendi o EPIRB de volta na cintura, me esquecendo que ele não funcionava, e fechei meu colete de segurança, prendendo o cabo à caixa de bússola. Analisei o anel em forma de D. *Será que ele poderia se partir de maneira surreal, como aconteceu com o de Richard?* O que devo fazer?, me perguntei, em pânico. Mas eu sabia que não havia nada a fazer.

Afrouxei a escota da vela temporária, pensei em arriá-la, mas sabia que, com esse vento, eu poderia fazer algum progresso, e cada centímetro era importante. Esperava que o equipamento temporário aguentasse quando comesse a chover torrencialmente. Parecia que o borrfio e a chuva estavam me afogando, mas o *Hazana* estava navegando bem, enfrentando os mares a estibordo. Será que era o início de outro furacão? Sem um rádio, eu não tinha como saber o que esperar.

O medo se erguia em mim enquanto eu encarava as vagas crescentes.

— DEVO DESCER? DEVO DESCER? — gritei para A Voz.

— *Não perca terreno. Mantenha o curso. Lute por sua vida* — ordenou ela.

Dei um salto para cima e berrei com as nuvens:

— NÃO TENHO MEDO DE VOCÊS. VOCÊS NÃO SÃO NADA EM COMPARAÇÃO COM O FURACÃO RAYMOND. NADA. SÓ UMA BORRASCAS. PODEM VIR. PODEM VIR, EU VOU LHES MOSTRAR. ESTOU VIVA. VIVA E SOZINHA AQUI NO MEIO DE DEUS-SABE-ONDE, ENTÃO PODEM VIR ME PEGAR. EU AS DESAFIO! VENHAM ME PEGAR! PODEM VIR! ME LEVEM PARA O RICHARD. EU QUERO RICHARD. RICHARD. EU QUERO RICH...

Caí na cabine de pilotagem, envolvendo os braços na cabeça para me proteger da avalanche de chuva e borrfio de água salgada. Chorei e finalmente implorei.

— Por favor. Me levem para o Richard. Sinto tanta saudade dele. Não consigo aguentar isso.

A chuva que caía nas minhas costas forçava a culpa a entrar mais fundo na minha alma. Eu não devia ter deixado Richard sozinho no tombadilho. Devia ter ficado com ele e mergulhado para o esquecimento. Ele precisava de mim, e eu o deixei na mão...

— *Você não o deixou na mão, você o ajudou a se tornar um herói.*

— Sinto falta do meu herói...

Quando a exaustão entorpeceu minha culpa, percebi que deveria estar colhendo

água doce, mas simplesmente não conseguia me mexer. Inclinei a cabeça para trás e abri bem a boca. O líquido que consegui engolir era salgado. Talvez eu estivesse lambendo as lágrimas da Mãe Natureza.

A borrasca se dispersou com a mesma rapidez que apareceu. Eu estava esgotada, mas purificada, de certa maneira. Eu não tinha percebido o quanto ainda estava reprimindo. A tempestade tinha provocado uma explosão no buraco vazio no meu coração que pertencia a Richard. Já não tinha nenhum controle sobre isso. Fiquei com medo.

As coisas iam melhorar, falei a mim mesma, quando eu chegasse à latitude 19°N e pudesse virar à esquerda — bombordo — e pegar os ventos alísios até o Havaí. Sentei e pilotei até tarde da noite, feliz por estar seguindo em direção ao meu destino.

...

No dia seguinte, eu tinha uma força recém-descoberta. Talvez simplesmente estivesse cansada de sentir pena de mim mesma. Decidi verificar o tanque de água doce montado sob o piso do camarote que se conecta à pia. Se eu conseguisse alcançar a placa de inspeção, poderia desatarraxar, depois levantá-la para ver se ainda havia alguma água no tanque. Devia haver alguma. A primeira placa de inspeção que encontrei estava obstruída por tábuas do piso. Procurei no meio das ferramentas espalhadas até encontrar um martelo e um cinzel, mas a ideia de talhar a tábua de madeira era assombrosa. Talvez houvesse outro jeito. Peguei uma lanterna e comecei a procurar outra placa de inspeção em cima do tanque.

A maior parte do tanque ficava embaixo da mesa e do sofá do salão, dificultando a visão, e ainda mais o alcance. Quando movi o fecho de luz pelo tanque de fibra de vidro, encontrei outra placa de inspeção, mas era praticamente impossível chegar a ela sem arrancar o piso. Vasculhando melhor o tanque, encontrei um fio solto com um conector pendurado. Movimentei a luz e vi a conexão no tanque. Empolgada, estendi o braço para o espaço estreito, peguei o fio solto e o estiquei de volta, até onde eu poderia unir o conector e a conexão. Eu me levantei, fui até a galé e testei a torneira pressurizada da pia. Nada além de engasgos e cuspidas. Quando comecei a voltar para o tanque, vi que o medidor da água na antepara da galé agora dizia que estava a um quarto.

Aparentemente a conexão que eu tinha acabado de refazer era o medidor do nível da água no tanque. Eu tinha um quarto de tanque de água! Radiante, deixei a torneira engasgar e cuspir ar e depois enchi um copo de plástico até a borda com a bebida mais deliciosa que já tive na vida: água doce, fresca e limpa. Enchi o copo de novo. Ah, obrigada, Senhor, obrigada. *Mauruuru*.

Encorajada, fui para o tombadilho e dancei como Rocky, compartilhando com o mundo minha descoberta que salvava vidas:

— ÁGUA, ÁGUA PRA TODO LADO, E O TEMPO TODO SE ESCONDENDO; ÁGUA, ÁGUA PRA TODO LADO, E AGORA TEM MUITA PRA BEBER!

Ostentando mais um pouco, gritei:

— VOCÊ NÃO PODE ME MATAR, AGORA. VOU VIVER, VIVER, VIVER. TENHO ÁGUA! — E, com isso, fiz todos os passos de dança que tinha aprendido na vida: watusi, jerk, swim, descer até o chão com uma bundada sensual.

Rindo como uma louca, eu me agarrei à retranca. Encontrar água foi a coisa mais milagrosa do mundo para mim. Fiquei tonta, até um pouco histérica. Eu nunca senti tanta sede quanto no momento em que percebi que tinha que racionar. Agora, eu não precisava mais racionar água, apesar de achar que ainda teria de ser econômica com o suprimento limitado.

Descobrir água foi um grande momento de virada. Eu sabia que ia viver, mas, melhor ainda, sentia vontade de viver. Um peso tremendo tinha sido removido.

...

Naquela noite, dancei com Richard no convés. Olhei para uma das nossas constelações preferidas, Cassiopeia, a rainha. É o grande w no meio da Via Láctea.

— Ela não é impressionante? — Richard sempre refletia.

— Impressionante assim como você — eu sussurrava no ouvido dele, sabendo que ele responderia:

— Maravilhosa como você.

— Richard... — chamei enquanto valsava lentamente pelo convés —, o w é de *water*, meu amor; água em inglês. Será que Deus e o céu sabiam? Será que era o destino? Por que não sabíamos? Água impressionante, maravilhosa. Será que Cassiopeia sabia que a água levaria você de mim? Será que ela aprovou, estimulou isso? Será que ela queria você? Ela não podia ter nos dado mais tempo? — Vesti a camisa de Richard e me abracei enquanto dançava lentamente. Fechei os olhos. Eu não queria mais olhar para Cassiopeia. Estava com ciúme. Richard poderia estar lá em cima com ela, valsando ao longo do seu caminho impressionante.

UM NAVIO E UM PAPAGAIO

Mais um longo dia. Tentei ler um livro de suspense amassado que encontrei em um armário, enquanto ruminava o conteúdo de uma lata de feijão roxo. Não consegui me concentrar por muito tempo na letra miúda do livro; em pouco tempo, meus olhos estavam embaçados e minha cabeça doía.

Meio dormindo, tentando me manter no curso em um dia sem vento, vi, como em um sonho, um navio; enorme, a fumaça saindo enroscada pela chaminé, um rastro de espuma.

— UM RASTRO DE ESPUMA! — Saí do atordoamento. Um navio? — UM NAVIO! — gritei.

Tirei o foguete sinalizador da sacola à prova d'água que eu mantinha na cabine de pilotagem.

BUM! O ruído me assustou. O sinalizador disparou para o céu, seu brilho competindo com o sol.

BUM! Disparei o segundo sinalizador.

Encarei o navio. Nada. Ele nem alterou o curso.

BUM!, disparou o terceiro sinalizador.

O navio estava ficando menor.

Peguei uma bomba de fumaça e a acendi com os fósforos à prova d'água que estavam na sacola do sinalizador. Eu estava tão nervosa que, quando ela começou a soltar fumaça, a soltei na cabine de pilotagem por acidente. Segurei-a para jogá-la no mar e queimei a mão.

— MALDIÇÃO!

Peguei o remo com a camiseta vermelha amarrada e corri para a proa, acenando freneticamente enquanto o *Hazana* subia em cada vaga. Nada; o navio não alterou o curso nem um miserável grau.

Jogando o remo no chão, corri para baixo até o VHF.

— MAYDAY! MAYDAY! MAYDAY! ESTÁ NA ESCUTA? CÂMBIO — gritei no microfone.

Nada. Nem um maldito soluço.

— MAYDAY! MAYDAY! MAYDAY! ESTÁ NA ESCUTA? CÂMBIO. — Nada.

Soltando o microfone, corri para o tombadilho, agarrei o remo de novo e acenei. O navio diminuía rapidamente no horizonte. Fiquei chocada. Como eles poderiam não me ver? Estou bem aqui. O que eu deveria fazer — pular no mar e nadar até o maldito navio? Andei pelo convés batendo os pés, chutando tudo que estava em meu caminho.

— Eles deviam ter alguém de vigia. Que tipo de navio burro é esse, afinal? IDIOTAS! VOCÊS DEVIAM IR PARA O ESTALEIRO! — gritei para o navio. — ESTÚPIDOS. ESPERO QUE A SUA TRIPULAÇÃO FAÇA UM MOTIM!

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAH! — gritei alto com toda a força dos meus pulmões e depois, frustrada, enfiei a mão na boca e a mordi.

— Ai.

— *Ah, que esperta* — rosnou A Voz.

— SIMPLEMENTE CALE A BOCA, CALE A BOCA. ODEIO VOCÊ, VOZ, E ESSE BARCO DE MERDA. ODEIO TUDO NESSE MALDITO MUNDO MOLHADO.

Mesmo com esse discurso, eu ainda estava cheia de raiva. Com a adrenalina bombeando nas veias, andei de um lado para o outro na cobertura de proa. Chutei a seção de um metro e vinte do mastro principal ainda preso à retranca. Eu estava enlouquecendo de sempre ter que engatinhar por baixo do mastro quebrado ou contornar até bombordo e escalar o bote salva-vidas que ainda estava amarrado ao convés lateral. O pé do mastro principal não beneficiava mais o *Hazana*, mas me livrar dele envolvia a tarefa extenuante de remover o pino de manilha que o prendia à retranca. Fiquei em pé na cobertura de proa e gritei para o mastro principal

danificado:

— E VOCÊ. EU TE ODEIO TAMBÉM. NÃO POSSO NEM CHEGAR À PROA COM VOCÊ AÍ.



Encontrei o martelo e uma chave de fenda na bagunça de ferramentas no camarote de popa. Sentada no convés, bati no aço inoxidável do pino de manilha. Ele nem se alterou. Descontei toda a minha raiva naquele pino. Às vezes, eu tinha que parar e descansar. Finalmente, entrando por baixo da retranca, usei meus pés para erguer o mastro a fração de centímetro necessária para aliviar a pressão sobre o pino de manilha de argola. Quando o pino cedeu, o pé do mastro principal, como um toco de árvore, se soltou da retranca e caiu em cima de mim, me prendendo. De costas, perto da borda do convés, fiquei apavorada de cair no mar. Quando tentei me mexer, as pontas irregulares do mastro principal cortaram a minha barriga. Ele pesava uma tonelada. Eu não sabia o que fazer. Não podia ficar ali; tinha que me soltar. Fiquei deitada ofegando, encarando o céu, reunindo cada grama de força que consegui encontrar para empurrar a enorme peça de alumínio para longe de mim. Enquanto estava deitada ali, rezei:

— Querido Deus, por favor me ajude. Me desculpe por ter ficado com raiva de você, mas eu simplesmente não entendo tudo isso. Vou tentar ser melhor. Vou... Vou... tirar essa coisa de cima de mim... um, dois, três! — Os braços empurraram, os pés deram impulso, a barriga se contraiu e todos os músculos do meu corpo se retesaram para me soltar. Quando o pedaço de alumínio saiu rolando de cima de mim, me vi no finca-pé; a borda, pouco antes de o impulso conseguir me jogar no mar.

Fiquei deitada no convés quente, ofegando. Quanto mais eu poderia aguentar? Devia ter percebido que o pé do mastro ia cair em cima de mim. O que estava acontecendo comigo? Minha sanidade estava afundando.

Quando minha respiração se acalmou, fechei os olhos, e a imagem de Richard apareceu para mim.

— Oi, luz do sol — disse ele, daquele jeito carinhoso.

Estendi a mão e acariciei seu rosto. Ele sorriu para mim. Coloquei a mão ao redor do seu pescoço e o puxei para mim. Quando comecei a beijá-lo, beijei minha própria mão. Meus olhos se abriram de repente; o pesadelo voltou. Fiquei deitada, soluçando. Será que ele sentia o quanto eu tinha saudade dele? Ele não poderia vir até mim só por um minuto, uma porcaria de minuto? Não podíamos estar sentados dentro do *Mayaluga* de novo, analisando as cartas na estação de navegação? Ah, como eu adoraria estar fazendo uma refeição especial para ele de novo — as *enchiladas* de frango que ele adorava tanto, o chili sem carne. Eu queria passar horas de novo cortando frutas para a sangria e vegetais para o molho fresco. Queria ver o

prazer dele de novo, como ele conseguia comer como se não houvesse amanhã.

— Você sabia, meu amor, que não haveria amanhã?

Enquanto estava deitada no convés, fiquei mais chocada com a lembrança de pensar que Richard estava me beijando do que com o fato de que quase fui jogada ao mar. Olhei para o céu, o sol parecendo uma lua cheia com um brilho de luz de vela, e me lembrei como miramos a lua cheia quando saltamos da guarda da proa. No voo, eu gritei: “Me leve até a lua”. No voo, ele mergulhou e gritou: “Me leve até a lua”.

Quando estávamos sentados no salão do *Mayaluga* sob o brilho suave da luz da lanterna, Richard tinha me perguntado:

— Aonde devemos ir primeiro?

Eu devia ter respondido “até a lua”, e ele ainda estaria aqui. Mas ele havia dito que queria ir a todos os lugares, e eu tinha respondido:

— Então vamos pra todos os lugares.

Todas as implicações que eu tinha ouvido, sobre as quais tinha lido ou as imagens que tinha visto em filmes sobre o que é o “verdadeiro amor” flutuaram diante dos meus olhos. Richard era o “Par Perfeito”, meu cavaleiro de armadura reluzente, meu príncipe, meu herói. Ele era confiante e forte. Era teimoso, e eu gostava disso, gostava porque ele sabia o que queria e fazia o que fosse necessário para conseguir. Ele não tinha medo do trabalho físico — para ele, era um meio para chegar a um fim. Eu gostava porque ele confiava em mim e não surtava quando outros caras me paqueravam. Ele sabia que eu me sentia à vontade perto dos homens, depois de velejar e trabalhar em estaleiros. Os xingamentos ou os modos brutos deles não me envergonhavam como acontece com muitas mulheres. Suas demandas também não me incomodavam. Se alguém sugeria algo que eu não queria fazer, não fazia, ponto. Richard gostava disso em mim, e de eu ser forte e capaz. Também podia ser feminina e sexy como qualquer mulher, se quisesse, mas eu preferia estar no momento, e se o momento exigia girar um molinete para trimar a bujarrona, então, por Deus, eu ia girar até o suor escorrer pelas minhas axilas e o trabalho ser feito. Se o momento se banhasse em amor, eu enfrentava isso com garra também. Gosto de saber que vermelho é bombordo e verde é estibordo, e vermelho também pode significar pare e verde pode significar siga. Gosto de ser mulher e ser capaz de trabalhar como um homem, e gosto de amar um homem que pode ser tão sensível quanto uma mulher. Eu gostava muito disso...

As noites que Richard e eu passamos no *Mayaluga* na doca da baía de San Diego foram esplendorosas. Conversamos durante horas e horas sobre aonde iríamos e o que faríamos quando chegássemos lá. Richard adorou como fiquei empolgada

descrevendo ilhas e atóis. Apontei lugares sobre os quais tinha ouvido falar, mas nunca tinha ido. Ele prometeu que iríamos lá. Descrevi como a sociedade da Polinésia Francesa era diferente da nossa, lenta e calma, e elaborei como as culturas das ilhas e atóis eram tão diferentes, cada uma do seu jeito.

Ele confessou que queria experimentar tudo isso.

— Mal posso esperar para irmos, meu amor — disse ele —, para te levar lá de novo.

Colocando os braços ao redor do seu pescoço e puxando seu rosto para perto do meu, sussurrei:

— Vou a qualquer lugar com você, Richard, qualquer lugar.

Foi quando eu o beijei e comecei a cantar “Fly Me to the Moon”, e nós rimos e rimos; depois nos levantamos, tiramos as roupas e miramos na lua quando mergulhamos da proa para o mar.

Depois do pavor de quase cair do *Hazana*, decidi jogar uma corda de dois centímetros pela popa, caso caísse na água. Mesmo com ele navegando a apenas um ou dois nós, eu sabia que talvez não tivesse força para nadar rápido o suficiente para alcançá-lo. Se eu caísse, pelo menos poderia tentar me agarrar à corda. Fiquei aterrorizada de pensar que poderia me afogar depois de tantos dias solitários e deprimentes de esforço para sobreviver.

Olhando para trás, podia ver a corda saindo da popa, mas não embaixo d'água. Mesmo assim, eu tinha uma ótima sensação de segurança por saber que ela seguia cerca de sete metros atrás do *Hazana*.

...

A maioria dos dias eram meio iguais, velejando em ritmo de lesma, mas eu via progresso toda vez que anotava minha LOP na carta de navegação e, se continuasse racionando, teria água e comida suficientes para sobreviver.

Sardinhas eram minha refeição preferida. O recipiente oval achatado era tão diferente que não havia como confundir o conteúdo, mesmo com o rótulo apagado. Eu sabia que não devia comê-las — elas tinham muito sal e me deixavam com sede depois de cada mordida deliciosa —, mas às vezes não me importava. Sentia desejo. Segurava e segurava, depois finalmente, quando não aguentava mais, enfiava o abridor de latas na borda, via o óleo escorrer e abria a lata da iguaria. Usando os dedos, eu caía dentro, pegando um peixinho escorregadio pelo rabo, e começava a

mordiscar. Passava uma hora saboreando metade da lata, guardando a outra metade para depois.

Continuei indo para estibordo, rastejando em direção à latitude 19°N. Eu estava começando a ficar apreensiva em relação a buscar a latitude mais alta, porque os ventos pareciam estar ficando inconstantes. Há sessenta milhas entre cada latitude, o que dá ao vento sessenta milhas para diminuir ou se tornar imprevisível, ou até mesmo ficar parado. O vento era mais estável nas latitudes abaixo de 18°N.

Desci para a estação de navegação, peguei alguns guias de navegação que não tinham sido destruídos no emborcamento e os levei para o tombadilho. Eu queria estudar os livros, na esperança de que eles me ajudassem a analisar minha situação.

Decidi usar a corrente equatorial norte o máximo possível para me empurrar para oeste. A força da corrente batendo no casco ajudava a arrastar o *Hazana* pela água, e eu podia conseguir uma velocidade melhor usando a corrente do que os ventos instáveis. A corrente equatorial norte passa entre as latitudes 10°N e 20°N. Como havia encontrado o relógio de pulso e conseguia calcular minha posição longitudinal, decidi que seria melhor ficar na parte mais baixa da latitude dezoito até chegar mais perto do Havaí; depois poderia subir para noroeste pelas latitudes em direção ao meu destino. Isso também me manteria no curso de mais rotas de navios, onde eu tinha esperanças de que meus sinalizadores fossem vistos.

Conforme a noite afastava o dia, fiz um pacto comigo mesma de tentar ficar acordada até mais tarde. Meus sinalizadores ficariam mais aparentes à noite, se um navio surgisse.

Sentada sob o céu repleto de estrelas, refleti sobre a diferença entre o céu noturno nas latitudes norte e sul. Achei que tinha visto o Cruzeiro do Sul, mas era só uma lembrança flutuando na minha mente. Seria uma longa noite, então me recostei e deixei a mente flutuar.

— Lembra das nossas competições de flutuação, Richard? Como desafiávamos um ao outro? Por ser muito magro, você conseguia flutuar com a facilidade de uma foca.

— Você tem que flutuar por uma hora, Tami, — você costumava me dizer. — Por uma hora inteira, meu amor.

Eu achava que você era maluco.

— Uma hora! Ninguém flutua por uma hora — protestei; lembra disso? E você disse:

— Um navegante consegue flutuar por uma hora.

E então eu consegui. Depois fizemos isso juntos, uma hora flutuando ao redor um do outro com a cabeça encostando na do outro e os pés também. Nós dois nadando de costas pra ficarmos juntos. Uma hora inteira, meu amor... Eu queria poder ter essa hora de volta. Queria que pudéssemos fazer isso de novo. Queria que pudéssemos estar em Fatu Hiva, fazendo a trilha para La Cascade e flutuando mais uma vez...

...

Sabíamos que La Cascade seria longe, mas não tão longe quanto realmente era. Andamos pela trilha por mais uma hora. A trilha era rochosa e traiçoeira, com caminhos em ziguezague que levavam até a lateral da montanha, mas finalmente ficava nivelada e seguia para o mar a oeste. A trilha ficava estreita e caía sessenta metros até a arrebentação batendo nas rochas lá embaixo. Eu não conseguia olhar para baixo. Ficava tonta. A trilha tinha praticamente se desintegrado, nesse ponto. Richard foi primeiro. Fiquei parada, rezando baixinho. Só havia espaço suficiente para um pé se apoiar na plataforma minúscula. Richard se agarrou à rocha destacada com a mão esquerda e colocou o pé esquerdo na plataforma. O pé dele escorregou, fazendo a rocha e a poeira vulcânicas caírem na arrebentação lá embaixo. Prendi a respiração. O apoio de Richard na fenda e seu pé direito o mantiveram firme. Com o calcanhar do sapato esquerdo, ele chutou a plataforma estreita, fazendo um ponto de apoio mais firme.

— Não se preocupe, meu amor — ele me disse, casualmente. Ele aproveitou o impulso e balançou a perna direita ao redor da ponta acentuada, pousando em terra firme. — Não tem nenhum problema. — Ele me olhou radiante.

— Não sei, não — murmurei, sem olhar em seus olhos.

— Quando você se balançar, estique a mão, que eu pego seu pulso. Prometo.

— Não sei...

— Vem, meu amor. Não podemos ter chegado tão longe para desistir agora.

— Odeio alturas — choraminguei.

— Você sobe no mastro.

— É diferente; tenho cabos de segurança me prendendo quando estou lá em cima.

— Bom, não é tão ruim quanto parece — disse ele, me encorajando.

— Tudo bem, tudo bem. Mas fique preparado.

— Pode deixar, eu prometo.

Segui o padrão do pé dele e, quando balancei, ele segurou meu pulso e me puxou para a terra.

— Is-isso não foi tão ruim — gaguejei.

— Essa é a minha garota — disse ele, com um enorme sorriso.

Continuamos seguindo a trilha, que tinha começado a subir, e fazíamos mais paradas quando ficávamos sem fôlego. Minhas panturrilhas e coxas doíam. Quando virei meu olhar na direção de La Cascade, fiquei atônita. A enorme cachoeira chiava e rugia ao cair no reservatório, criando piscinas com redemoinhos de azul enevoado. Um vapor brilhoso se erguia e grudava na folhagem, colhendo umidade e pingando de volta, renovada, na piscina natural. Árvores de pândano, sensitiva, amora de papel, aito, haari e nui cobertas por bromélias farfalhavam ao vento com a força das cachoeiras. A fragrante pluméria, a passiflora e as aves-do-paraíso resplandeciam na selva e aromatizavam o ar. Folhas de filodendro eram como mãos acenando na brisa da enorme cachoeira. Eu nunca tinha visto uma cena tão impressionante.

Na área calma da lagoa diante de nós, alguma coisa ondulava. *Poderia ser um redemoinho submerso?*, me perguntei. Uma grande rocha lisa no meio da piscina se aquecia ao sol.

Descemos do rochedo, e Richard me pegou pela mão enquanto contornávamos o perímetro da piscina até uma área nivelada coberta de grama. Um local perfeito para um piquenique. Olhando para a água, vi a ondulação de novo.

— Richard... enguias! — gritei e virei a tempo de vê-lo no meio de um mergulho perfeito e revigorante na água azul-cobalto. Sua mochila e seu short estavam empilhados na margem da água. A pele cintilante das enguias reluzia na luz do sol. Tremi com a ideia de enguias se esgueirando pelo meu corpo, nadando por entre minhas pernas, mordiscando um dedo do pé. Eca.

Richard veio à tona com um grito alto de Tarzan, batendo no peito musculoso e bronzeado.

— Entre, meu amor, a água está ótima.

— Richard, tem enguias!

— Nada demais, meu amor. Elas têm mais medo de você do que você tem delas. Confie em mim, pode vir...

— Não! De jeito nenhum! — Coloquei minha mochila no chão, pegando a toalha.

Richard nadou por toda a lagoa, espirrando água e jogando para o alto. Sentei na

minha toalha sob o sol e observei a água descer do penhasco alto.

Em pouco tempo, o suor estava escorrendo pelas minhas axilas e meu decote. Era um bafo quente. As enguias não pareciam estar incomodando Richard. *Que diabos*, murmurei para mim mesma. Tirei o pareô, me encolhi como uma bola de canhão e pulei lá dentro.

A água estava fria, refrescante, enquanto lavava o meu corpo queimado de sol. A água era limpa, leve, não densa como o mar salgado. Vim à tona, respirando fundo. Uma sensação de rejuvenescimento me agitou. Nadei esticando bem os braços, batendo as pernas livremente. Flutuando, sem nenhuma preocupação no mundo, encarei o céu emoldurado pela folhagem exuberante que nos cercava. Ah, se isso não fosse o paraíso, eu não sabia o que era. Richard também flutuava, e veio boiando até o meu lado. Ali nós flutuamos, meus pés para um lado, os dele para o outro, lutando para ficar com o rosto colado.

— Vem, Tami, vamos explorar — sugeriu ele, finalmente. Andamos pela água para nos aproximarmos o máximo possível da queda intensa da cachoeira. Respirando fundo, mergulhamos sob a cachoeira, onde tentei abrir os olhos, mas não consegui. Nós dois viemos à tona, ofegando em busca de ar.

— Olhe aqui — disse Richard, enquanto me guiava para longe do fluxo principal das cachoeiras e para perto das pequenas quedas laterais. — Vamos ficar sentados por um minuto e deixar a água nos massagear. — Ficamos deitados sob a água que caía e a deixamos massagear nossos corpos tensos. Conforme meus músculos relaxavam, ouvi a voz de Richard ecoar de trás de uma das quedas mais fracas.

— Você precisa ver isso, meu amor. — Fui até ele atrás da cortina azul-acinzentada. Ele me puxou para o colo e beijou minhas palmas, meus ombros, meu pescoço. Nossos corpos se uniram, nossas almas se tornaram uma só. Fizemos amor no ritmo intenso da cachoeira. Ficamos nos braços um do outro por muito tempo, enquanto nosso coração se aquietava. O estômago de Richard rosnou de repente. Começamos a rir.

— Com fome, meu amor? — provoquei.

— Acho que sim.

— Então tenho um banquete pra você, meu homem selvagem. Me leve pra margem e eu te sirvo.

Richard me levantou nos braços e avançou com dificuldade pela cortina de água.

— Sou um homem das cavernas levando minha mulher para casa. Você me pertence; você é minha, toda minha. — E uivou como Tarzan de novo para a selva.

— Como foi que eu tive tanta sorte? — Dei um beijinho nos lábios dele e empurrei seus ombros. Ele me deixou escorregar para a água.

— O último a chegar na comida é um ovo podre! — soltei. Empurrando-o com os pés, nadei como uma louca em direção à margem da nossa praia coberta de grama. Encostei na minha toalha, ofegando. Richard me agarrou, dei uma risadinha e ele me deu um beijo monstruoso.

— Nossa, como eu te amo — sussurrou no meu ouvido.

Servi nosso banquete: pão francês, queijo, patê de fígado enlatado e papaia.

— A cerveja está na sombra, embaixo daquela árvore de pândano — falei, apontando para um local na água a poucos metros de distância. Sentamos em silêncio confortável e comemos, absorvendo toda a maravilha divina ao redor. Pensei de novo, dessa vez com mais certeza, que aquele lugar tinha que ser o paraíso.

Fiquei sonolenta e movi nossas toalhas para um local com sombra. Encolhi minhas costas na curva do corpo de Richard e dormi. A próxima coisa que me lembro é dele mordiscando a minha orelha e sussurrando:

— Sinto muito, meu amor. Está na hora de ir.

Guardando nossos pertences, deixamos o último pedaço de pão para os pássaros aquáticos pretos que nos observavam das árvores.

— Nunca vou me esquecer deste lugar — falei, dando uma última olhada enquanto saíamos dali.

— Nem eu, meu amor, nem eu.

De volta ao povoado, remamos até o *Mayaluga* enquanto o sol baixava. A água parecia cobre moído. A brisa quente farfalhava nas folhas das palmeiras, brincando de esconder com as primeiras estrelas da noite. Vimos uma fogueira na praia e observamos alguns moradores pegando lenha.

— Viu como a constelação de Leão parece orgulhosa no céu?

— Qual é a constelação de Leão? — bocejei, provocando-o.

— Logo abaixo do Grande Carro, ela se curva como um ponto de interrogação virado pra trás. Eu me sinto um Leão hoje à noite.

— Rei da selva ou um ponto de interrogação virado pra trás?

Rindo, ele respondeu:

— Definitivamente rei da selva.

— Olha só esse céu magnífico — continuou ele. — É uma enorme lona de luz. Uma constelação destacando a outra, cheias de histórias mitológicas. Qual delas se destaca mais pra você?

— O Cruzeiro do Sul.

— Exatamente. Mas o que essa simples cruz lá em cima significa pra você? — perguntou ele.

— Nunca pensei muito nisso. Eu simplesmente sei, quando a vejo lá no alto, que estou no hemisfério sul. O que significa pra você?

— Significa que eu viajei pra muito longe das constelações diferentes do céu da minha infância na Inglaterra. Isso me dá uma iluminação. Está vendo a direção dos pontos da lança?

— Estou.

— Ela aponta para o polo sul celestial. É uma pena não haver uma “Estrela do Sul” como há uma “Estrela do Norte”. — Richard suspirou profundamente. — Eu realmente me sinto abençoado com o Cruzeiro do Sul lá em cima brilhando sobre nós, mas me sinto mais abençoado com você aqui ao meu lado. É o destino, Tami. Eu velejei metade do mundo para te encontrar.

Richard estendeu a mão esquerda para mim. Eu a peguei. Era quente e forte. Olhei para seu perfil anguloso e percebi um brilho de lágrima em seu olhar.

Eu queria apertar a mão dele, trazer aquele olhar amoroso de volta para mim, mas percebi que tinha visto um vislumbre desprotegido da alma do meu amor. Ele tinha voltado o olhar para o céu e para a privacidade de seus pensamentos. Não deveria invadir.

Nossas mãos ficaram juntas no centro da cabine de pilotagem. Também me volvei para o teatro no céu, lembrando-me de uma coisa que minha mãe costumava dizer: “Deus está no paraíso dEle; tudo está certo no mundo”.

Senti que aquela noite ficaria comigo para sempre.

Richard levantou a mão direita para a lua.

— A velhinha está enchendo — disse ele.

— Como você sabe? — questionei.

— Está vendo como minha mão direita acaricia o lado direito, o lado cheio, da lua?

Soltei a mão esquerda dele e levantei minha mão direita para acariciar a lua.

— Estou.

— Isso significa que ela está enchendo, a lua está ficando cheia. Se a sua mão conseguisse circular o lado cheio da lua, isso significaria que ela está minguando.

— Não sei de nada disso.

— É verdade. Apreendi com um velho marinheiro na África do Sul. Pela aparência dessa lua, ela deve ficar cheia em menos de uma semana. Se quisermos chegar a Tuamotus na lua cheia, provavelmente devemos sair daqui em breve.

HINANOS E CHARUTOS

Para mim, era difícil olhar a lua e me importar se ela estava crescente ou minguante. Se eu chegasse em terra em uma noite sem lua e sem estrelas, não me importaria. Só queria chegar em terra amanhã. Eu estava muito cansada de olhar para nada além do tapete do oceano e da cortina do céu.

Meu cronograma diário tinha se transformado em me concentrar totalmente nas três observações diárias do sol. À noite, se tivesse um bom vento, eu pilotava o *Hazana* pelo tempo que conseguia ficar acordada. Depois, travava o timão e dormia na cabine de pilotagem até o sol matinal me obrigar a sair suando em profusão do saco de dormir.

Minha primeira tarefa ao acordar era olhar trezentos e sessenta graus no horizonte. Não havia nada ali, nunca, exceto água e céu.

A segunda tarefa me levava à proa para verificar o equipamento temporário, para ver se havia alguma corda aquecida pelo atrito. Eu confirmava se a testa da vela estava firme. O equipamento tinha se tornado meu companheiro, sempre ali, impulsionando o barco, centímetro a centímetro em direção à terra firme que eu tanto ansiava.

Se não havia vento, eu travava o timão e me obrigava a descer.

Fazia anotações no diário de bordo do tipo: “Paranoia! Calmaria. Ainda no

mesmo ponto de ontem. Meu Deus, sinto falta do Richard. Quando é que esse período do diabo vai acabar?”.

Eu não queria pensar no diabo — Satã. Esse inferno já era suficiente para mim. Mas minha imaginação começou a assumir o controle. Eu olhava ao redor preocupada e começava a tremer. Eu me abraçava, tentando interromper o tremor involuntário. O diabo estava aqui, perto, vindo me pegar...

— *Você está fazendo seu próprio inferno* — explodiu A Voz.

— Eu não fiz isso !

— *Controle a sua mente, você é seu próprio céu e inferno ! Pense positivo. Mexa-se. Cuide de si mesma.*

Eu queria tapar os ouvidos, mas gostava mais daquilo que A Voz tinha a dizer do que daquilo que minha mente dizia em pensamentos. Fui secar o suor na sobrancelha e me encolhi quando o sal na mão queimou o ferimento na minha testa. Isso me incendiou. Levantei e fui até o banheiro para limpar e enfaixar meus ferimentos. Não gostava dessa tarefa, mas, quando o curativo ficava sujo e deixava de ser higiênico, não havia escolha; eu tinha pavor de infecção.

Os escombros lá embaixo ainda entulhavam o porão. Os pisos estavam jogados pelo camarote. Achei mais fácil contornar pisando nas tábuas do piso e partes do porão do que tentar descobrir onde cada tábua se encaixava. Os feijões espalhados estavam brotando, e a aveia ficava cada dia mais mofada. De vez em quando, uma lata enferrujada explodia e começava a feder, e eu a jogava no mar. Era simplesmente mais fácil para minhas narinas e meus nervos ficar no tombadilho.

Finalmente, a realidade torturante de viver em um chiqueiro se tornou um exagero. Não aguentava mais a imundície e o fedor. A Voz intercedeu:

— *Está repulsivo aqui.*

— Eu sei.

— *Você precisa continuar a limpar.*

— Não estou com vontade; me dá nojo.

— *Daria menos nojo se você limpasse.*

— Você pode limpar.

— *É o seu trabalho.*

— Estou no comando aqui; não é meu trabalho ! — falei de um jeito arrogante.

Fiquei parada por um instante tentando decidir quem deveria ganhar: A Voz ou

eu.

No fim, percebi que era uma situação sem vencedores. Recolhi baldes de água salgada e comecei a esfregar. Quando me cansei, comecei a pegar latas de comida e empilhar na galé. Os vidros quebrados me deixaram com raiva de novo. Não devíamos ter deixado tanto vidro a bordo.

Enquanto limpava, achava um saco sempre ter que escalar o bote laranja esvaziado e enrolado. Apesar de ele pesar uma tonelada, eu tinha uma missão. Arrastei e puxei pelo camarote, depois o catapulsei para a cabine de pilotagem. Quando ele estava no tombadilho, rolei-o até a popa e o amarrei na balaustrada no alojamento de popa a bombordo.

Voltando a descer, descobri três potes plásticos de hidratante para mãos e corpo. Devia ser coisa boa, pensei, para a proprietária, Christine, ter estocado tantos. Christine era uma mulher bonita. Ah, me sentir bonita de novo.

Fui até o espelho do banheiro e me encarei. Apesar de bronzeada, eu parecia pálida. Tinha olheiras, estava esgotada e minha boca tinha um bico permanente. O curativo na minha testa estava manchado de sujeira, e a bandana de padrão escocês coroava tudo. *O que eu sou?*, me perguntei. *A Rainha da Maldição?* Abri a tampa e senti o cheiro do hidratante. O cheiro era maravilhoso, a fragrância fresca e limpa, cítrica com um toque floral. Espremi um pouco na palma da mão e massageei na bochecha. A sensação era fria, reconfortante. Massageei a outra bochecha, depois as pálpebras, o nariz e o queixo. Fiquei longe da testa ferida.

Tentei sorrir para o reflexo no espelho, mas meus lábios estavam secos, rachados. Massageei os lábios com o hidratante, tentando suavizar as rachaduras, mas não ajudou muito. Eu estava tão esquisita que me assustei. Não queria admitir os medos sob a superfície da pessoa que eu estava vendo. Era um ato de equilíbrio: percebi que, se desmoronasse muito, desceria até o fundo do poço.

Desviei o olhar da imagem triste no espelho e fui até o sofá no salão principal, onde sentei e comecei a fazer rastros de hidratante ao longo dos dois braços. A sensação fresca provocou arrepios breves, mas o creme acetinado os alimentou, e eles desapareceram com a mesma rapidez que surgiram. Minha pele sugou o hidratante. Passei muito tempo dando uma amostra a cada poro do meu corpo. Entre os dedos dos pés, na nuca, até nas axilas. Não era suficiente. Quando terminei, percebi que tinha quase esvaziado o recipiente.

Fechando a tampa do hidratante, olhei ao redor do camarote e pensei: por que me preocupar com essa bagunça?

— *Porque ainda está fedendo, lembra? Você não terminou de limpar.*

Com um suspiro profundo, peguei minha calça de tempestade para pendurar no armário. Prensado em um canto havia um objeto pesado de metal enrolado em uma toalha. Desenrolei a ponta dela e encontrei o cano de um rifle.

— Não... não, não, não — falei e o empurrei de volta, amassando a calça lá dentro e batendo com força a porta do armário.

Eu me ajoelhei e comecei a limpar um compartimento do sofá. Estendendo a mão bem debaixo do assento, senti alguma coisa fria e afastei rapidamente a mão. Pegando a lanterna, iluminei o canto. Latas de metal. Estendi a mão e tirei os recipientes. Charutos! Que diabos esses charutos estavam fazendo a bordo? Eu não tinha visto Peter, proprietário do *Hazana*, fumando charutos. Talvez fossem para escambo. Rasguei o lacre e tirei a tampa da lata. O aroma me alegrou. No passado, cigarros e charutos me causavam repulsa, mas hoje pareciam um toque de humanidade. A essência me deu a sensação de estar no mundo real.

Enfiei a mão mais no fundo do sofá e tirei uma lata grande de biscoitos Arnott's.

— Hmmm. — Eu me surpreendi. Meu apetite devia estar voltando. Rasguei a tampa e comi um, saboreando cada mordida crocante.

— O que mais essa mina de ouro está escondendo de mim? — Virei de lado e enfiei a mão lá dentro. As pontas dos meus dedos roçaram uma caixa de papelão. Esticando com toda força, meus dedos fisgaram e arrastaram a caixa pesada até a abertura do sofá. Rasgando-a, descobri uma embalagem de cerveja Hinano; nossa preferida.

— Caramba, eu podia ficar bêbada com isso — anunciei para ninguém. — Aposto que, se eu beber tudo, posso morrer de embriaguez.

— *Qual seria o objetivo?*

— O objetivo seria parar de me lembrar dos bons tempos que nunca mais vou ter.

— *Você queria não ter tido esses bons tempos?*

— Eu não os trocaria por nada.

— *Então curta as lembranças.*

Às vezes eu odiava A Voz. Ela me atingia com a lógica em todas as oportunidades. Sem nenhuma simpatia pelo meu drama. Pegando uma garrafa de cerveja, um charuto, o abridor de garrafas e alguns fósforos à prova d'água na galé, fui para o tombadilho.

Não havia vento; o sol estava se pondo. Cavalgando a retranca, mordi a ponta do charuto como tinha visto nos filmes e a cuspi no mar. Coloquei o charuto na boca,

mordendo-o com os dentes da frente, e levei um fósforo até a ponta. Tragando e tossindo, finalmente o acendi. Tirei a tampa da garrafa de Hinano e a observei sair voando. Apesar de a cerveja estar quente, tinha gosto de néctar. Eu me senti como o Rei Tut no trono e fiquei ali contemplando a passagem de mais um dia.

Será que aquela estrela brilhante que estava no horizonte, aquela em tom vermelho, podia ser Fomalhaut, o olho do Piscis Austrinus, o Peixe do Sul? Eu sabia que Fomalhaut era uma das quatro estrelas régias da astrologia primitiva. Não dava para ver nenhuma outra estrela perto dela — devia ser Fomalhaut. Mais tarde, procuraria a mensageira das águas, Aquarius, para encontrar o pote que ela carrega e derrama no Peixe do Sul. Enquanto a última gota de luz escapava do céu, o cavalo alado, Pegasus, galopava até o campo de visão — Pegasus do sangue da Medusa de cabelo de cobra. Segundo o mito, Perseus matou Medusa em um de seus feitos heroicos. Analisando mais o céu, encontrei Grus, o guindaste, e Lacerta, o lagarto. Será que, se olhasse bem, encontraria Richard, o homem desaparecido? Imaginei o rosto gentil de Richard dentro do grande quadrado de Pegasus. Se ao menos estivéssemos cavalgando a retranca juntos, fumando charutos e bebendo uma cerveja Hinano quente. Se ao menos...

Ouvi o pé da vela arranhar e enrijecer ao longo do lado do convés a bombordo. Ah, um pouco de vento. Terminei a cerveja e apaguei o charuto, desci da retranca, soltei o timão e comecei a pilotar. Pelo menos à noite eu tinha as estrelas para me distrair, e a lua para me perder.

MACHETES E MOREIAS

Em algum momento antes da aurora, uma nuvem com o formato de uma folha de bordo escondeu a lua lascada. Forcei os olhos, mas ainda estava no mar, o *Hazana* ainda estava sem mastro, e Richard ainda estava desaparecido.

Subindo para o tombadilho, depois de calcular a observação matinal, encontrei um atobá pousado no topo do mastro do equipamento temporário. Os atobás são conhecidos por seguirem barcos durante dias empoleirados no cordame, então ver um deles não era tão surpreendente. O pássaro tinha cerca de setenta centímetros de altura e era principalmente branco. Fiquei fascinada com seus olhos redondos e pequenos e pela sombra de olho azul-bebê. As penas ao redor do bico também eram de um lindo tom de azul. Por um instante, os olhos do pássaro se abriram mais e viraram os de Richard. O azul-bebê se transformou naquela cor de lápis-lazúli de seus olhos, a cor que me derretia com um olhar mais demorado. Mas, quando o pássaro se sacudiu, seus enormes pés cor de abóbora interromperam o feitiço e, mais uma vez, era só uma ave que tinha vindo me assombrar. O pássaro foi embora, mas algumas horas depois voltou para usar o equipamento de novo como seu poste de descanso. Ele gritava e dormia muito e, depois de limpar as penas, voava para pescar mais uma vez. O atobá ficou comigo por três dias, mas, quando seu cocô começou a feder, tentei enxotá-lo com o remo coberto com a camiseta vermelha. O maldito pássaro voltava sempre, e eu sempre o enxotava, pedindo desculpas e

dizendo que, se ele não fizesse cocô, poderia ficar. Finalmente ele se encheu de mim e foi embora para sempre. Então eu senti falta de encarar aqueles olhos azuis e do sinal de vida a bordo.

...

31 de outubro. Halloween. Dezenove dias desde o emborcamento. Com um vento estável, eu tinha percorrido quarenta milhas nas últimas vinte e quatro horas, de acordo com a observação de meio-dia. Pensei em todos os meus Halloweens quando criança, eu me vestindo, batendo de porta em porta com os amigos para pedir doces. Me lembrei do ano em que fiquei doente. Eu tinha sete anos, e meus avós tinham alugado uma fantasia de melindrosa para mim. Eu adorava porque a franja costurada na seda se balançava, e o enfeite de cabeça de lantejoulas brilhava com as pedrarias falsas. Na terceira casa, fiquei doente. Fiquei arrasada em ter que ir embora: minha sacola de balas só tinha três unidades, e ninguém mais no mundo ia me ver naquela fantasia maravilhosa. Me perguntei o que meu meio-irmão de três anos ia usar este ano; provavelmente uma roupa de pirata ou caubói.

Comer significava muito pouco para mim. Mas, naquela noite no *Hazana*, decidi me fazer um agrado para diminuir a tensão do drama que eu estava vivendo. Abri uma lata pequena de presunto e servi metade de um pote de molho de ameixas por cima. O molho de ameixas era um regalo tão incrível, especialmente porque o pote não tinha quebrado, que eu não me permitiria comer tudo em uma refeição. Saboreei com manteiga de amendoim e biscoitos. Na sobremesa, me delicieei com pedaços de peras em calda. Comer toda aquela comida de uma vez me enjoou, mas não conseguia parar.

— *É melhor você parar. Você precisa racionar a comida, só sobrou uma sacola de enlatados.*

— Ótimo, talvez acabe morrendo de fome.

— *Não se continuar a comer do jeito que acabou de fazer.*

— Ei, hoje é Halloween, e aquilo foi um agrado. Qual é o seu agrado, Voz, ou você tem um truque em sua manga invisível?

— *Você, Tami. Você é meu agrado.*

...

Primeiro de novembro. Vasculhei desinteressadamente o mar com o binóculo do jeito que fazia de trinta a cem vezes por dia. De repente, vi alguma coisa laranja no horizonte. Era uma grande boia tangerina com uma bandeira vermelha amarrada. Eu só via a boia reluzente quando ela subia na crista das vagas.

— Uau, olha só aquilo — falei para o mordedor que segurava o cabo vazio de Richard.

Alterei o curso, e cerca de uma hora depois me aproximei o suficiente da boia para ver que havia uma rede presa a ela. Será que eu deveria me amarrar à rede e esperar o barco de pesca voltar? E se ele nunca mais voltasse? Não sabia muito bem o que fazer.

Enquanto me recompunha e analisava a rede mais uma vez, percebi que devia estar abandonada. Estava coberta demais com cracas e repleta de algas marinhas nojentas para ter sido colocada recentemente.

Ninguém ia voltar para essa rede. Eu deveria continuar navegando, pois já tinha desperdiçado duas horas preciosas.

Naveguei incríveis sessenta milhas no dia seguinte, e cinquenta no próximo. Obviamente estava na corrente equatorial norte, e fazendo um bom tempo. Fiquei feliz por ter ouvido a minha intuição e voltado para as latitudes inferiores a 18°N. Eu estimava que faltavam apenas 590 milhas para chegar ao Havaí. Apenas! Estava rastejando em ritmo de lesma ao longo de mil milhas do Oceano Pacífico totalmente sozinha e pensando “apenas”. A terra estava próxima, mas ainda muito, muito distante.

“Queria que meu capitão estivesse aqui”, escrevi no diário de bordo.

Durante os dois dias seguintes, choveu e o mar ficou revolto.

...

Os raios de sol penetraram minhas pálpebras com uma luz branca tão forte que me acordou. Levantei, soltei o timão e comecei a pilotar. A vela inflou, cheia de vento. O mar tinha se acalmado, e o *Hazana* estava fazendo um tempo muito melhor. Ele empurrava a água fazendo pelo menos dois nós. Parecia revigorante enquanto eu ficava sentada apoiada por umas almofadas na braçola da cabine de pilotagem. Gostava de pilotar com o pé, meus dedos enrolados no raio de aço inoxidável frio. Minha mente zumbia de agilidade depois de horas de sono. Então, como sempre, eu pensava. Pensava e pensava e pensava.

Me perguntei: por que há vida, no fim das contas? Como a terra, a água, o céu, as estrelas, as pessoas, os animais estão conectados? Estamos mesmo? Eu tinha me sentido conectada a Minka, a pastora alemã que tive quando criança. Ela lia a minha mente: sempre sabia quando eu estava triste ou melancólica, não muito bem. Queria que ela estivesse sentada ao meu lado, com a cabeça macia e peluda no meu colo. Me lembrei da frequência com que Richard e eu tínhamos o mesmo pensamento, uma telepatia. Será que ainda pensamos as mesmas coisas? Será que ele sente o

quanto tenho saudade dele? Se ao menos Richard pudesse estar apontando para a terra de novo e nós dois pudéssemos gritar ao mesmo tempo:

— Lá está a entrada! — Parecia que sempre dizíamos as mesmas coisas ao mesmo tempo.

...

— Lá está a entrada! — Richard e eu gritamos juntos. Estávamos empolgados para visitar o arquipélago de Tuamotu, o maior grupo de atóis do mundo.

O roteiro *Sailing directions* alertou aos navegantes que a corrente poderia cortar a dezoito nós a entrada de dezoito metros de largura para Raroia. Esperamos o fim da maré baixa; ela estava quase reduzida quando nos aventuramos na entrada e ancoramos no fundo arenoso em frente a um pequeno povoado.

Enquanto reuníamos tudo para nossa jornada de quatro dias, um barquinho de seis metros veio até nós com o motor ligado. O condutor parou habilidosamente ao lado do *Mayaluga* e desligou o motor. Ele se apresentou como Remy e nos convidou para almoçar com sua família.

Na orla, caminhamos com Remy até sua pequena casa, onde a família nos recebeu. Ele apresentou a esposa, Lucy, a filha, Sylvia, e o noivo de Sylvia, Kimo. Eles nos deixaram à vontade do lado de fora, em cadeiras na areia, curtindo o aroma de atum fresco sendo assado.

De repente, percebi uma barbatana dorsal com ponta preta na lagoa. Quando me levantei e encarei, Richard e eu dissemos ao mesmo tempo:

— Tubarões!

Remy riu e deu de ombros. Ele falou rapidamente com Richard, que me explicou que os habitantes deixam os tubarões do recife em paz, porque eles só têm curiosidade em relação às pessoas, e não estão ávidos para mordê-las. Mas Remy sugeriu que deixássemos um bote por perto enquanto nadávamos na lagoa, para entrarmos nele se os tubarões se aproximassem muito.

Remy mencionou que eles não trabalhavam colhendo copra — coco seco — aos domingos e que adorariam nos mostrar a ilha Kon Tiki, do outro lado da lagoa.

Partimos no dia seguinte, rebocando o barquinho deles atrás do *Mayaluga*, e chegamos à ilha Kon Tiki no início da tarde. Richard e eu ficamos admirados por estarmos na ilhota arenosa onde a famosa balsa *Kon-Tiki* tinha aportado em 1947, depois de navegar partindo do Peru durante cento e um dias.

Puxamos o barquinho de Remy até o *Mayaluga*, e a família de quatro pessoas subiu nele e foi até a orla. Baixamos nosso bote na água e logo os seguimos. Eles

estavam agitados em relação a montar acampamento quando arrastamos nosso bote até a praia. Kimo começou a andar pela praia, depois virou e acenou para Richard segui-lo; ele ia pescar.

Sylvia e eu fomos procurar conchas. Cavando os grãos de coral, descobri uma linda concha espetada do tamanho do meu punho. Fiquei tão focada na minha preciosidade incomum que caí de costas, surpresa, quando vi olhos pretos redondos me encarando. Dois tubarões-galha-preta estavam a apenas sessenta centímetros de distância de mim. Respirando fundo, percebi que eles não iam saltar da água e me comer, mas era assustador saber que podiam se aproximar de modo tão silencioso. Pareciam estar apenas curiosos, mas, depois disso, decidi não procurar conchas tão perto da água. Na manhã seguinte, fizemos uma longa caminhada. A ação da maré era agradável nos meus tornozelos, e eu costumava ficar para trás, sempre procurando conchas. De repente, houve um frenesi de borrifos na minha frente e, em um instante de movimento fluido, Lucy balançou sua machete e arrancou a cabeça de uma moreia.

— Meu Deus — falei, impressionada. Lucy continuou, inabalável. Observei o corpo da moreia se contorcer e girar até a morte. Agora eu entendia por que eles sempre carregavam machetes. Parei de procurar conchas e fiquei bem perto de Lucy. Senti um respeito renovado por ela. Talvez Lucy também soubesse telepatia.

NO MAR DE
MOREIAS

Meu pé escorregou do timão do *Hazana* e atingiu o piso da cabine de pilotagem com uma pancada alta. Eu estava me concentrando, tentando mandar uma mensagem mental para Richard. Talvez a pancada tenha sido o jeito de ele me dar um chute na bunda, me lembrando de prestar atenção e manter o curso.

— *Você pensa demais* — disse A Voz com delicadeza, me assustando.

— O que mais eu tenho pra fazer? Estou tentando mandar uma mensagem mental para Richard.

— *O que você quer dizer a ele?*

— Que eu viveria tudo isso de novo, só para tê-lo de volta na minha vida mais uma vez.

— *Ele quer que você saiba que ele também...*

Levantando o pé de volta para o raio e dando um leve empurrão para bombordo, pensei em Richard caindo no mar, e como aquilo era um desperdício de vida humana. A Voz interrompeu meus pensamentos:

— *O único desperdício é você sentir pena de si mesma. Você não tem o direito de julgar que a vida de Richard foi um desperdício. Você não é Deus.*

Senti vergonha, mas depois fiquei na defensiva:

— Ei, Voz, sem problemas, saiba que eu nunca mais irei me apaixonar.

— *Isso sim seria um desperdício.*

Sorri da espirituosidade da Voz e virei o timão. Percebi um espasmo rígido na ação do timão. Tinha acontecido antes, intermitentemente. Eu sabia que não podia continuar ignorando o fato de que alguma coisa podia estar danificada ou obstruindo o leme embaixo do barco. Isso transformava a pilotagem em um desafio, porque era como um exercício isométrico, cansando os meus braços para manter o curso. Eu tinha inspecionado o timão e o cabo de pilotagem no tombadilho algumas vezes, mas nada parecia torto. Sabia que tinha que verificar o leme, e o único jeito de fazer isso era pular na água, mergulhar embaixo do barco e dar uma olhada. A ideia me apavorou. Quem ia me puxar de volta a bordo se alguma coisa desse errado? E se um tubarão me atacasse? Eu não queria mais pensar nessas coisas. Ia lidar com isso mais tarde.

O céu cintilava em um código Morse ininteligível. As estrelas estavam mandando mensagens de incentivo para mim. Uma estrela cadente significava que eu podia fazer um pedido. Meus pedidos eram sempre os mesmos: que Richard esteja vivo; que alguém, por favor, me encontre; que eu tenha coragem para mergulhar embaixo do barco. Eu adorava essa hora do dia, o início da aurora. Parecia mágico observar as estrelas indo dormir uma por uma enquanto o sol nascia.

Nesse dia, o sol nascente pintou o céu com tons de Maxfield Parrish. Eu sentia serenidade. Será que Deus era a serenidade? Amarrei o timão e fui até a proa.

Abrindo meu pareô florido, eu o deixei cair no convés, onde sentei sobre ele, de pernas cruzadas, nua. Apoiei os braços nas pernas, as palmas para cima, pronta para receber todas as boas vibrações que o universo pudesse me dar. Raios de cores pastel permeavam meu cabelo, meus olhos, minha pele, meu antebraço, minhas pernas, meu ar e minha alma. Respirei fundo pelas narinas para me livrar das impurezas, mais ar e mais ar, depois expirei pela boca com um “fuuu”. Dava para sentir o tutano dos meus ossos se aquecendo no calor matinal plácido. Me derreti em harmonia com tudo que estava ao meu redor. Pelo menos por esse breve momento, não odiei nem desejei nada. Não senti medo nem dor. O êxtase da manhã pastel tinha sua própria música melodiosa, seu próprio evangelho, sua própria graça maravilhosa.

Minha meditação me deu força. O otimismo me envolveu, e eu me vi agarrada ao conhecimento de que o que tem de ser, é. A hora de Richard tinha chegado. Talvez houvesse uma chance em um milhão de ele ainda estar vivo. Mesmo que ele tivesse descido comigo, ainda poderia ter morrido. Isso não seria pior? Não rápido, como o

poder da onda monstruosa que deve ter arrancado o último sopro dele.

Contemplei o que envolve o tempo de uma pessoa. É Deus quem decide? São nossas ações na Terra que decidem? Eu tinha sido uma boa pessoa. Não tentava magoar as pessoas conscientemente. Não mentia nem roubava. Acreditava que tinha que tratar as pessoas do jeito que gostaria de ser tratada. Somos todos iguais, sem exceção. Mas Richard também era uma boa pessoa. Então por que eu ainda estava viva? Por que a minha hora também não havia chegado? Por que eu ia viver? O que eu faria agora com o resto da minha vida?

As lágrimas que escorreram pelo meu rosto e pingaram nos meus seios eram de limpeza. Eram lágrimas de luto e de cura ao mesmo tempo. As perguntas que fazia a mim mesma eram terapêuticas. Eu estava aceitando dolorosamente as minhas circunstâncias e começando a me curar aos poucos.

Eu tinha certeza de que a Bíblia falava sobre muitas mansões na casa do Pai. *Será que isso significa que vamos reviver?*, me perguntei. Para mim, significava. Queria que Richard renascesse, vivesse de novo. Eu queria conhecê-lo de novo, conversar de novo com ele, amá-lo de novo. E talvez fosse por isso que eu devia viver, para poder conhecê-lo e amá-lo de um jeito diferente na próxima vez. Tudo que podia fazer era continuar vivendo e descobrir. Um dia, eu sei que chegaria a minha hora, mas ainda não, e essa era a culpa mais difícil de superar.

Com uma respiração profunda, inspirando e expirando, abri os olhos e olhei para a luz do sol. Sua intensidade me ofuscou, me derrotou. Mais uma vez baixei a cabeça para o grande Criador e simplesmente disse:

— Me proteja, Deus. Seu mar é tão grande, e este barco é tão pequeno. Amém.

Abrindo os olhos, encarei o profundo mar azul-turquesa. Parecia calmo, gentil. Ele me chamou. Sim, eu poderia mergulhar embaixo do barco hoje. Com energia e fé renovadas, me levantei e me alonguei, baixei a vela até o convés para que o *Hazana* flutuasse, e peguei meu pareô alegre enquanto ia para a cabine de pilotagem na popa. Vasculhei os compartimentos do assento e encontrei duas cordas e minha máscara de mergulho. Será que eu devia comer antes?

— Não, mergulhe primeiro; depois faça um agrado a si mesma.

— Salada de frutas?

— Hmmm, sim. Parece delicioso.

Tirei a bandana e a coloquei sobre o compartimento do assento. Toquei brevemente no meu cabelo — não, — eu não precisava pensar no meu cabelo emaranhado. Isso só me faria recuar. *Comece mergulhando embaixo do barco*, falei para mim mesma.

Peguei as duas cordas e as amarrei ao guincho com alguns nós. Depois, amarrei cada corda na minha cintura com uma bolina. Eu ainda tinha a corda de dois centímetros se arrastando na água pela popa.

Quando fiquei em pé na lateral do convés, pedi a Deus para me proteger. Depois, respirei fundo e pulei na vertical. A água estava fria, mas surpreendentemente refrescante. A água salgada queimou meus cortes, minha cabeça especialmente, mas eu não me importava — estava curando. Não conseguia me lembrar do último banho decente que tinha tomado. Desde o emborcamento, ou jogava um balde de água salgada sobre mim ou me limpava com um pano umedecido com pouca água doce, mas agora, totalmente submersa na água salgada, todos os poros do meu corpo estavam limpos. Eu me mexi na água, me acostumando, depois coloquei a máscara. Tentei não pensar que essa era a mesma água cruel que tinha tirado Richard de mim. Respirei fundo e mergulhei embaixo do barco. A água estava clara e refrescante. Sete dourados de um metro e vinte a um metro e meio nadavam perto do casco. O fundo do barco parecia ameaçador, com sua quilha grande e seu leme pequeno. Emergi para respirar mais uma vez enquanto tentava deixar minha ansiedade e meu medo de lado.

Mergulhando mais fundo, nadei até a hélice. Dava para ver que uma das estais laterais da mezena tinha se enrolado na haste da hélice. Depois de emergir para pegar ar mais uma vez, mergulhei de novo e tentei puxar a estai lateral, mas ela havia grudado à haste. Simplesmente teria que ser arrastada conosco. Eu odiava o fato de que ela ia oferecer resistência à água, dificultando o progresso do *Hazana*, mas não havia nada que pudesse ser feito. De jeito nenhum eu conseguiria prender a respiração por tempo suficiente para tentar cortar a estai e liberá-la, nem teria forças para isso. Emergindo, peguei mais um bocado de ar e mergulhei de novo para analisar o leme. Virei-o de um lado para o outro e inspecionei em busca de danos ou obstruções. Parecia estar funcionando bem, o que aumentava o mistério de por que o timão estava rígido. Sem mais nada para verificar embaixo d'água, emergi, peguei uma corda, puxei o meu corpo para a popa e subi pela escada. Arfando, balancei a cabeça, decepcionada, me lembrando de como eu costumava ser forte. Bem, um timão rígido é melhor que nenhum timão. Simplesmente me sentia grata pelo leme estar no lugar para eu poder pilotar. Sentindo orgulho de mim mesma por saltar na água e superar o medo, terminei de me secar e fui até a proa para levantar a vela. Depois de vasculhar a sacola à procura de uma lata de salada de frutas, sentei na cabine pilotando, me deliciando com cada mordida. Toda vez que encontrava uma metade de cereja vermelha, eu a deixava de lado, criando uma pequena montanha de açúcar carmim para devorar em uma grande mordida.

— *Posso comer uma?* — perguntou A Voz, com calma.

Encarei meu montinho crescente de cerejas e pensei: *que diabos*.

— Claro; fique à vontade — falei. Depois dei uma risadinha, porque era A Voz que precisava da minha ajuda, dessa vez. Isso era bom.

POENTES NO CASCO DE TARTARUGA

Tirei meu chapéu e levantei o rosto para o sol. Uma sombra atravessou minhas pálpebras fechadas. Protegendo os olhos do brilho, olhei para o céu. Um par de fragatas estava planando com o vento.

Era o Dia Vinte e Seis depois do emborcamento. Eu tinha acabado de fazer a observação do meio-dia e calculado que faltavam 480 milhas. Ver os pássaros me pareceu um bom sinal — devia estar perto da terra. Olhei para o alto, encantada, admirando a envergadura de dois metros das asas e o rabo profundamente bifurcado. Eu os observei guardando as asas gigantescas no corpo e mergulhando rápido como um tiro em direção ao mar. No último minuto, eles arrancavam um peixe inocente de pouco abaixo da superfície da água enquanto ricocheteavam de volta para o céu. Eu sabia que esses pássaros podiam passar dias no mar, planando nos ventos termiais. Eles nunca pousavam na água, porque as pernas curtas e as asas compridas dificultavam, se não impossibilitavam, a decolagem.

Eu não conseguia pescar para comer. Teria de matá-los. A morte tinha assumido um novo significado para mim agora. As sardinhas em lata eram suficientes. Elas já estavam mortas, com a vida arrancada.

Passei muitas horas observando as fragatas. Às vezes seguia seus movimentos com o binóculo. Eu ficava tonta. A fêmea era mais agressiva, roubando comida do

macho com facilidade. Decidi que ele permitia isso, porque eles deviam ser amantes; ele queria compartilhar.

Quando um pássaro diferente apareceu, sentei e peguei o binóculo do *Hazana*. Era um rabo-de-palha, mais ou menos do tamanho de uma gaivota, só que com um rabo branco comprido e pontiagudo. Era principalmente branco, com bico laranja, sombra de olho preta e pontas pretas nas asas. Não queria se envolver com as fragatas — a maioria das aves não se envolve, porque as fragatas são muito grandes e malvadas. Todos esses pássaros eram um sinal definitivo de que eu devia estar me aproximando do Havaí.

Peguei a penúltima lata de sardinhas e a penúltima garrafa de cerveja. Já estava enjoada de chili frio, feijão frio e vegetais enlatados frios. Eu adorava sardinhas. Se os pássaros podiam comer o que adoravam, por que eu não podia?

...

Cinco dias se passaram sem nenhum evento. Estabeleci uma rotina de acordar em algum momento entre três e seis da manhã, dependendo do vento e das vagas. Verificava o equipamento, meditava na proa, abria uma lata e comia o que estivesse dentro. Era sempre uma surpresa, já que os rótulos tinham caído da maioria dos enlatados. Tentava escolher uma lata que eu achava que era de frutas para o café da manhã. Depois, vasculhava o horizonte com o binóculo e sentava e pilotava durante horas e horas. Eu ainda não conseguia ler. Não conseguia me concentrar nas palavras.

Meio-dia era a hora mais empolgante, porque eu fazia a segunda observação do sol e calculava o quanto tinha viajado nas últimas vinte e quatro horas. Era sempre algo entre vinte e sessenta milhas náuticas. Rezava para encontrar uma das ilhas havaianas e não passar velejando por elas. Eu não precisava chegar à grande ilha do Havaí, apesar de ela ser a mais próxima. Qualquer uma serviria.

Refletia constantemente no meu passado com Richard e em como seria o meu futuro, agora que ele tinha desaparecido. Meu avô ia me encorajar a ir para a faculdade. Filosofia? Por que desejaria ir para a escola e filosofar sobre a vida? Tudo que eu tinha feito no último mês era filosofar. Tinha decidido que a natureza humana era imprevisível: se alguém me avisasse que eu estaria nessa situação e me perguntasse como reagiria, minha resposta teria sido errada. Eu não teria a menor ideia, sem ter vivido tudo.

Talvez psicologia fosse uma boa faculdade para mim. Eu podia estudar como a vontade de viver é maior que a vontade de morrer — fascinante. Não, não, a faculdade não era para mim. Não sabia o que ia fazer. De qualquer maneira, agora não era o momento de tomar decisões sobre o futuro, mas sim de perseverar cada

minuto e me concentrar em sobreviver.

Eu nunca me permitia beber uma cerveja antes do pôr do sol. Às vezes, o mar se derretia e virava uma folha de vidro ao anoitecer. Subia na retranca, acendia um charuto e abria uma Hinano. Era o momento mais solitário do dia. Quantos poentes eu tinha curtido com Richard? Costumávamos fazer um jogo de palavras: descrever o pôr do sol com cores exatas. Palavras como violeta, creme e verde-amarelado eram fáceis, comuns. Richard podia descrever o pôr do sol como “palha com um tom de tangerina, misturado com cornalina e absinto”. Eu ria, observando-o fingir uma atitude enquanto pronunciava sua descrição genial. Minha melhor tinha sido:

— O sol avermelhado dispersou seus tons de rosa-pétala que se transformaram em prímula, verde-papagaio e ameixa por sobre as nuvens granada delicadas.

— Bravo — Richard tinha rido e aplaudido.

Como eu podia não sofrer de solidão quando o céu estava de novo palha com um tom de tangerina e meu Richard não estava mais aqui?

Às vezes, durante esses poentes solitários, eu conversava com Richard — desafiava que ele viesse até mim. Outras vezes, cantava músicas idiotas. Músicas com letras bobas que se repetiam noventa e nove vezes. Eu tentava cantar músicas animadas, e não músicas com letras sobre o lar e o amor.

De volta ao timão, ajustei as almofadas e pilotei com os pés. Vasculhei o céu em busca das minhas amigas constelações. Conforme eu velejava para o norte, distinguia novas constelações. Eu tinha quase certeza que o herói, Perseus, estava assumindo seu lugar no céu agora no meio da Via Láctea. Perseus segura a cabeça de Medusa com a mão esquerda e seu escudo com a direita. O objetivo de Perseus é resgatar Andrômeda usando a ajuda de Cetus, a fera dos mares. Não consegui evitar de desejar que Richard fosse Perseus, e seu objetivo fosse me resgatar.

Quando eu não conseguia mais manter os olhos abertos, travava o timão e engatinhava para dentro do saco de dormir, abraçando a camisa florida de Richard. Muitas vezes, a levava até o nariz e inspirava fundo, invocando seu aroma. Eu via seu rosto amoroso na minha mente e sussurrava bobagens doces para o algodão macio. Ele sussurrava em resposta, dizendo o quanto me amava e sentia saudade de mim. Na primeira luz da aurora, ainda estava abraçada à camisa. Ah, como eu adorava aquela camisa, seu azul-petróleo e azul-turquesa me lembrando do mar azul-petróleo dos atóis. Me lembrei de como Richard e eu tivemos dificuldade para encontrar a entrada para Taenga enquanto rasgávamos o mar azul-petróleo no alcance de um raio perfeito. Eu adoraria ter agora os ventos alísios inflando a genoa e a vela mestre, nos adernando a doze graus confortáveis enquanto nos aproximávamos de Taenga.

...

O *Mayaluga* adernava em um alcance de raio perfeito de Raroia até o atol. Depois de quatro horas, olhei pelo binóculo, procurando a entrada de Taenga. Tudo que eu conseguia ver eram ondas gigantescas batendo ao longo dos recifes no comprimento do atol. Navegamos em paralelo com o atol bem longe da costa, e depois viramos e velejamos de volta.

Finalmente vi um bloco de concreto localizado no canal, no lado oposto dos vagalhões. Semicerrando os olhos, vi algumas construções de um andar e alguns respingos claros de cores que deviam ser *fares* locais: casas. A maioria dos povoados de atol são estabelecidos em algum lugar dentro da lagoa, mas este, Taenga, era localizado na entrada.

Na terceira passada, um habitante apareceu em um barquinho de alumínio. Ele circulava, acenando para que o seguíssemos. Teríamos preferido esperar a maré parada ou até mesmo a maré baixa, mas não queríamos perder a chance de seguir esse Bom Samaritano. Enquanto seguíamos com o motor ligado em direção à água branca vaporizada, eu me senti apreensiva.

— Richard, não sei se devíamos fazer isso.

— Tami, o cara não ia acenar para nós se não fosse possível. Coragem, meu amor. Não vai ser tão ruim quanto parece. — Então eu criei coragem.

Quando chegamos à linha das vagas, dava para ver o canal. Estava escondido atrás dos vagalhões. Richard apertou o acelerador, forçando o motor a pleno vapor. Era o único jeito de atravessar a borbulhante corrente de cinco nós vindo em nossa direção, uma corrente que tinha o poder de nos virar cento e oitenta graus em um piscar de olhos e nos arrastar de volta para fora.

Mantive os olhos focados em nosso guia. Eu nunca tinha visto uma entrada tão precária.

Quando estávamos dentro do canal e longe dos vagalhões arriscados, afogamos o motor, preparamos cordas e proteções de metal para aportar e escalamos a doca de concreto. Alguns habitantes entusiasmados nos ajudaram a amarrar.

Um homem embarcou no *Mayaluga*. Era o líder do povoado. Pedimos permissão a ele em francês para ir conhecer o povoado e velejar até os outros *motus*, ilhotas arenosas encadeadas por recifes subaquáticos que formam os atóis circulares ou em forma de ferradura. Ele ficou feliz por termos pedido permissão, e nos concedeu graciosamente. Vendo que estávamos ansiosos para pisar em terra firme, ele desembarcou conosco. Apontou para a trilha e acenou para que explorássemos. Agradecemos e seguimos andando pelo pequeno povoado.

Não precisamos pensar duas vezes em nossas posses que estavam no *Mayaluga*, pois o roubo é algo impensável em Tuamotus.

O povoado era imaculado. As calçadas, meticulosamente alinhadas com corais e pedras esmagados, serpenteavam de um jeito atraente pelo território do povoado, desviando até as casas. Nas residências, os caminhos se estreitavam, mas continuavam do mesmo jeito ordeiro e definido até degraus desiguais de madeira e alpendres tortos. Era bom andar e ver as paisagens.

De volta ao *Mayaluga*, empurramos o barco para longe da doca, ajustamos as velas em direção ao vento e fomos para o lado do atol a sotavento.

Mais ou menos na metade da lagoa, chegamos a uma enorme cabeça de coral bem acima da superfície da água. Arriamos todas as velas e deixamos o barco seguir a corrente enquanto mergulhávamos de snorkel na água verde-azulada do magnífico e complexo ecossistema. Sua superfície porosa estalava, crepitava e estourava de vida enquanto peixes de recifes e castanhetas-das-rochas disparavam de um lado para o outro. Observamos um bodião arco-íris de sessenta centímetros — um dos maiores herbívoros comedores de corais — fazer a ronda. Meu peixe preferido na floresta da cabeça de coral era o bodião de areia — eu gostava do contraste da sua cor fúcsia-claro leitosa reluzindo no mar azul-turquesa.

Renovados pelo nado, içamos as velas de novo e fomos até um *motu* cujo contorno parecia um casco de tartaruga. Demos à ilhota o nome de “Casco de Tartaruga” e ficamos alguns dias. Eu passava horas colhendo conchas na parte da lagoa do *motu*. Richard fazia *windsurf*, e mergulhávamos com snorkel algumas vezes por dia, sempre com o bote ao nosso lado. Na maioria das vezes, nós nem vestíamos roupas de banho. Era como se fôssemos as únicas pessoas na Terra.

Todo dia, andávamos até o *motu* para explorar a fantástica barreira de recifes no lado do mar. Carregávamos nossas machetes ao longo do cavernoso recife vermelho, de olho nas moreias, enquanto andávamos com água até o tornozelo ao longo das placas curvas espinhosas de coral petrificado.

A água branca da arrebentação vinha correndo pelo coral e subia por nossas botas, depois se afastava de nós, voltando para o mar, só para retornar em seguida. Conforme a maré recuava, dava para ouvir o ar sendo sugado pelos buracos nas áreas ocas do recife; em poucos segundos, os vapores explodiriam no ar com enormes fontes de água salgada — esguichos magníficos.

As cabeças de coral se assomavam para fora do recife como esculturas gigantescas. Toda noite, o pôr do sol iluminava essas cabeças por trás, criando silhuetas misteriosas em contraste com o céu iluminado pelo fogo. As cores âmbar e cornalina resplandeciam no horizonte. Ficamos sentados como totens, envoltos no

encantamento do céu magnífico, adorando o presente de mais um dia bem vivido.

Deixamos o Casco de Tartaruga a tempo de pegar a maré parada na entrada de Taenga, e cinco horas depois ancoramos na lagoa do atol Makemo, perto de seu povoado. Não demorou muito até ouvirmos crianças gritando e espalhando água no caminho até o *Mayaluga*. Quando eles chegaram ao barco, olhamos para vinte rostos sorridentes, com idades de cinco a doze anos, empurrando água ao nosso redor. Convidamos todos a bordo, e eles não hesitaram em subir rapidamente pela escada. Não havia um grama de timidez no grupo. Eles corriam pelo convés conversando animadamente. Mostrei a eles o interior do *Mayaluga* em grupos de três e quatro. Nosso *pahi*, barco, era nossa *fare*, casa, expliquei a eles. Quando estávamos prontos para desembarcar, as crianças saltaram do barco e nadaram até a terra, apostando corrida conosco enquanto Richard fingia remar com mais e mais força para derrotá-los. Eles venceram.

Com ajuda dos nossos pequenos amigos, puxamos o bote para a praia e o amarramos a uma árvore de *nui*: um coqueiro.

Uma das crianças mais velhas se ofereceu para nos levar até a fazenda de pérolas. Enquanto caminhávamos, admiramos as curiosas *fares* multicoloridas ao longo do caminho, com cortinas taitianas floridas penduradas nas janelas. A flora que cercava as casas era tão incrível quanto as casas. Makemo parecia mais exuberante em termos de plantas e flores do que os outros atóis que tínhamos visitado.

A fazenda de pérolas era uma construção de um andar com uma doca de placas de concreto empilhadas. Entramos e percebemos um pequeno homem asiático usando jaleco branco olhando uma gigantesca *naka* — uma ostra-dos-lábios-negros — com uma lupa. Em cada mão, ele tinha um utensílio fino e comprido com uma pequena concha na ponta. Com um utensílio, ele pegava o que parecia ser areia, e, com o outro, pegava um ativador claro e gosmento. Aparentemente, colocar os dois na *naka* gerava a preciosa pérola negra da Polinésia. Outro homem entrou, coletou as ostras mãe-de-pérolas preparadas e as levou para o ninho de ostras em algum lugar da lagoa.

Passamos uma noite clara e aprazível em Makemo. Sentada na cabine de pilotagem naquela noite, me senti em paz e satisfeita. O céu reluzia com estrelas cercando a lua iluminada pela metade. Estendendo a mão direita para a lua, mirei para acariciar a ilustre bochecha direita da velha. Ah, sim, uma lua crescente, quando o lado cheio se encaixa na minha palma direita.

— Você acha que um mês vai ser tempo suficiente para nós no Taiti?

— Não sei, também tenho pensado nisso — admitiu Richard.

— Faltam apenas vinte dias para o dia da Bastilha.

— Eu odiaria perder a comemoração taitiana da queda da Bastilha em Paris, mas, mais do que isso, odiaria perder as corridas de canoa na orla. Você acha que o cais vai ficar lotado?

— Sim — respondi.

— É mesmo?

— Todos os navegantes dos arredores vão ao festival do dia da Bastilha — falei.

Richard levantou a mão direita para a lua.

— Vai estar cheia daqui a uma semana. Talvez devêssemos partir para Papeete amanhã.

— Você está pronto para a cidade grande? — provoqueei.

— Estou pronto para uma bela torta de carne e rins.

— Não sei se você vai achar os dois juntos em Papeete.

— Mas com certeza consigo achar todos os ingredientes e fazer uma.

— Tenho certeza que sim. Na verdade, acho que você vai conseguir encontrar mais coisas do que jamais imaginou em Papeete — falei rindo.

— Que bom. Vamos partir pela manhã, então?

— Pela manhã.

EM PLENA LUZ DO DIA

Dia Trinta e Quatro depois do emborcamento, faltando uma estimativa de duzentas e quarenta milhas, eu estava saboreando a última lata de sardinhas quando — em um piscar de olhos — um navio veio do nada. Jogando longe a lata de sardinhas, levantei com um salto para pegar os sinalizadores. Eu estava tão frenética que tropecei na cabine de pilotagem e caí, quase quebrando a perna. Manquei até o recipiente estanque no qual o foguete sinalizador e os sinalizadores estavam armazenados e rasguei a tampa. Peguei o foguete carregado, levantei para o alto e disparei. *BAM!*

— Estou em casa! Estou quase em casa. Ai, meu Deus, o que vou dizer? Será que são americanos? — balbuciei enquanto carregava outro sinalizador e o disparava.

— *Agente firme, garota. Você ainda não está em casa.*

Bam!, disparou outro sinalizador.

— Ah, estou, sim. Pronto! Viu? O navio me viu. — Parecia que o navio tinha alterado o curso e estava vindo em minha direção. Corri de volta para o timão, peguei meu pareô e o vesti. Peguei o recipiente com sinalizadores e o remo com a camiseta vermelha amarrada e comecei a acenar loucamente o remo enquanto fazia uma dancinha. — Estarei no Havaí hoje à noite. A alegria de uma *haole*. Toda banhada e limpa. Chega de medo.

— ESPERE UM MINUTO! — gritei.

Soltei o remo e disparei outro sinalizador. Depois, disparei um sinalizador com paraquedas e um segundo sinalizador com paraquedas.

— EI! VOLTE AQUI! VOCÊ NÃO PODE IR EMBORA. POR QUE VOCÊ ESTÁ INDO EMBORA? — gritei para a silhueta distante do navio. — O que posso fazer? Tenho que pará-los.

Encontrei o espelho guardado na caixa de bússola do mastro da mezena e, com ajuda do sol, comecei a mandar sinais luminosos.

O navio não tinha alterado o curso; devia ter sido uma ilusão óptica ou apenas meu desejo muito, muito profundo de ser encontrada.

Tudo que consegui fazer foi bater os pés pelo convés gritando obscenidades:

— MALDIÇÃO! ISSO É LOUCURA. ESTOU AQUI EM PLENA LUZ DO DIA E VOCÊS NEM CONSEGUEM ME VER. SEU NAVIO IDIOTA! VOCÊS NÃO VIRAM OS MALDITOS SINALIZADORES? — Com isso, agarrei uma manivela de guincho e comecei a bater na retranca até não conseguir mais. Deixei a manivela de lado, peguei minha lata de sardinhas pela metade e joguei no mar. Caí na cabine de pilotagem, chorando.

— Isso é loucura. Estou louca.

— *Você não está louca.*

— ESTOU, SIM — gritei para o céu.

— *Você só contou com o ovo no rabo da galinha.*

— Achei que eles tinham me visto.

— *Você está certa, eles deveriam ter visto. Agente firme, meu amor. Você está quase lá.*

Apesar de estar pensando isso, não podia falar em voz alta, porque A Voz ia me aniquilar. Mas desejei, de todo coração, que nunca tivéssemos saído do Taiti. Sabia que não fazia sentido pensar isso, mas não consegui me impedir. Minhas narinas formigavam com o cheiro úmido da névoa de água salgada. Em quanto tempo eu ia sentir o cheiro de terra de novo — da terra escura profunda, com seu aroma ricamente pungente? Lembrei de quando Richard e eu vimos pela primeira vez o vulcão do arquipélago da Sociedade e como, ao nos aproximarmos do Taiti, o vento carregava a essência da terra...

...

— Richard, sinto cheiro de terra. Você sente?

Richard fungou profundamente o ar e sorriu.

— Está certíssima, meu amor. Eu nunca pensei que a terra dos vulcões teria um cheiro tão doce, tão fértil.

— São as flores. As plumérias e as gardêneas vicejam na umidade. São as flores do amor, sabia? Vou arrumar um *lei* para você, meu amor.

— Eu adoraria um *lei*, meu amor.

A expectativa da agitação do Taiti, depois de passar tanto tempo em povoados remotos, era empolgante. A ideia de chegar em terra e dos pequenos prazeres iminentes, como ir até o *bureau de poste* para mandar a correspondência e comer hambúrgueres e batatas fritas, nos seduzia. Ligar para casa seria uma delícia. Eu ansiava por ouvir as fofocas mais recentes de quem está fazendo o que com quem e o quanto todo mundo sente saudade de nós. Mas nossa primeira tarefa seria passar pela alfândega. Não importava que tivéssemos passado por Hiva Oa três meses antes. O Taiti não faz parte do grupo das ilhas Marquesas nem do arquipélago de Tuamotu, mas, na verdade, é uma das ilhas de Barlavento do grupo do arquipélago da Sociedade. A Polinésia Francesa é composta por esses três grupos de ilhas.

Ao entramos no porto de Papeete, nosso mundo mudou em questão de segundos. A fumaça de gasolina e diesel contaminava o ar. A atividade nos cercava. Pilotamos por ali para entender o que estava acontecendo e colocamos o bote na água. Depois, escolhendo um ponto no cais, manobramos, deixando o *Mayaluga* em paralelo com os outros barcos.

— Ahoy, *Mayaluga* — veio um grito empolgado do cais. — Como foi sua viagem?

— Fantástica — gritou Richard para Jean Pierre, proprietário do *Rashaba*, uma chalupa de aço que abrigava uma família de quatro pessoas que tínhamos conhecido nas Marquesas.

Com os eletrônicos desligados e nosso equipamento de vela armazenado, pegamos nossos passaportes e os papéis do barco, puxamos o cabo de popa e pulamos para o litoral.

A rua pavimentada, boulevard Pomme, era paralela ao cais. O ruído de carros acelerados, bicicletas motorizadas e não motorizadas e pessoas nos intimidou um pouco, mas também nos empolgou.

— Meu Deus — disse Richard —, este lugar parece um zoológico.

O escritório da alfândega era ali perto. Entramos direto e entregamos os passaportes para o oficial carrancudo. Todos os nossos documentos pessoais e os documentos do *Mayaluga* estavam em ordem, mostrando que a garantia tinha sido paga em Hiva Oa. Passar pela alfândega tinha sido, mais uma vez, uma moleza.

Agora estávamos ansiosos para comer.

O boulevard era repleto de *les roulettes*, pequenas caminhonetes, como *food trucks*, especializados em determinados alimentos. Atravessando a rua, ficamos divididos em relação a qual *roulette* iríamos primeiro.

Havia crepes, yakisobas, frango com arroz, sorvete e hambúrgueres, além de bifes com fritas, *kebab* — pode escolher o que quiser.

— Caramba, que cheiro bom — falei. — A primeira coisa que vou comer é uma *brochette*.

— O que é uma *brochette*?

— Um *kebab*.

— Parece ótimo, meu amor. Mas estou morrendo por um bife... — Richard sorriu e lambeu os lábios.

Comi um *kebab*, um crepe e uma casquinha com duas bolas de sorvete de menta com chocolate. Richard comeu o dobro do que eu. Parecíamos lesmas quando terminamos.

Nos correios, mandamos três cartas que tínhamos escrito no caminho de Makemo até Papeete e pegamos oito cartas de nosso endereço de posta restante. Empolgados por termos recebido tantas cartas, decidimos não ligar para casa antes de ler a correspondência. Íamos ler no *Mayaluga*, onde poderíamos relaxar, e ligar para casa no dia seguinte.

No supermercado, pegamos alguns biscoitos de gergelim, além de um brie nas muitas fileiras de queijos frescos, e Richard encontrou um merlot que ele jurou que eu ia adorar. Voltando para o barco, paramos na feira ao ar livre para comprar tomates, uma cebola roxa e maçãs.

Relaxada na cabine de pilotagem bebericando o merlot frutuoso e suave, abri a carta mais antiga da minha mãe. Ela havia conhecido um homem chamado Brian por intermédio de alguns amigos, e eles tinham muito em comum, segundo ela, porque ele também trabalhava em barcos. Só que fazia reparos mecânicos e elétricos. Ela acrescentou que o negócio de madeira envernizada que ela havia assumido estava indo muito bem.

A segunda carta da minha mãe foi postada duas semanas depois da primeira. Ela e Brian estavam planejando uma viagem no barco dele até Catalina. Ela escreveu: “Ele poderia ser minha alma gêmea”. *Que bom para minha mãe*, pensei.

Richard abriu uma carta da irmã, Susie, e uma do pai. A irmã esperava que estivéssemos bem e não tão distraídos pelo nosso amor a ponto de cometer erros de

navegação. O pai estava verificando diariamente o Atlas para imaginar o progresso do *Mayaluga*. Esperava que tivéssemos ventos favoráveis e não ficássemos presos por muito tempo em calmarias. Queria que Richard ligasse assim que chegássemos ao Taiti. Richard sorriu enquanto dobrava a carta e a deixava de lado.

A carta do meu pai dizia que meu irmão estava crescendo como uma erva daninha e que Carolyn, minha madrastra, estava ocupada tentando dar conta do pequeno patife. Ele continuou dizendo que as ondas estavam ótimas e que ele tinha surfado nos dias de folga no corpo de bombeiros.

Eu sabia qual era a carta dos meus avós pela letra perfeita da minha avó. Muitos amigos do centro-oeste tinham ido visitar, escreveu ela — todo mundo adorava a Califórnia por causa do bom tempo. Eles esperavam que o cruzeiro fosse fácil e me disseram para ficar firme e ligar a cobrar quando chegasse a um telefone. *P.S., acrescentou ela, diga oi para Richard.*

Dan, o cara que fez parte da tripulação quando entreguei o iate em São Francisco, também tinha escrito uma carta com a esposa, Sandra. Richard abriu a carta deles em seguida. Eles estavam com inveja, desejando estar na Polinésia Francesa, e não em San Diego. Tinham decidido se mudar para o deserto.

— Deserto? — perguntei a Richard enquanto ele lia.

— Foi isso que o cara escreveu. Ele diz que os dois vão abrir uma loja para vender óculos escuros.

Caímos na gargalhada. Acho que faz sentido vender óculos escuros no deserto.

No dia seguinte, ligamos para casa. Todos ficaram felizes de ouvir nossa voz, assim como ficamos felizes de ouvir a deles. Nada como ter contato com o lar para aquecer o coração. Minha avó disse que estava fazendo pudim de pão de chocolate para meu avô, e juro: senti o cheiro pelo telefone.

Passamos vários dias no cais, lado a lado com os outros iates. Todo dia íamos aos correios para verificar a correspondência e mandar cartas. Passávamos horas na feira ao ar livre comprando frutas e vegetais frescos, querendo um de cada e sabendo que nunca conseguiríamos comer tudo. Até compramos flores para a mesa do *Mayaluga*.

E que felicidade ter pedras de gelo e tomar leite frio com sucrilhos de manhã com muito açúcar. Eu adorava o cheiro do gelo na caixa quando levantava a tampa, o frio do ar espetando minhas narinas. O gelo era um luxo e, como todo navegante sem refrigerador sabe, não devia ser desprezado!

Alguns barcos que Richard e eu tínhamos conhecido nas Marquesas estavam enfileirados no cais: o *Fleur d'ecosse*, de propriedade de Anne e Ronald Falconer; e o

Skylark, de propriedade de Phil e Betty Perish. Sempre que um capitão e um imediato tinham vontade, convidavam os outros navegantes para uma refeição. Uma mistura de *bonnes bouches* (delícias) incomuns aparecia; as histórias de navegante cresciam como histórias de pescador.

Toda noite, as grandes canoas eram lançadas ao mar para treinar para a importante corrida no dia da Bastilha. Havia equipes masculinas e femininas, além de uma equipe de revezamento. Cada canoa abrigava doze remadores. Richard e eu sentávamos na cabine de pilotagem vendo os treinos no porto e, certa noite, Richard perguntou se poderia fazer um passeio curto se eles tivessem espaço para mais um homem. Eles tinham e, quando ele voltou, estava exausto.

— Eles são animais, meu amor. Uma resistência que eu nunca vi.

Alguns dias antes do dia da Bastilha, a energia na cidade estalava como um relâmpago. Chegaram competidores de toda a Polinésia Francesa, assim como vendedores que instalavam barracas para vender a culinária local.

A música acompanhou o nascer do sol no dia da Bastilha. Todos os artistas e comerciantes estavam instalados na praça, ansiosos para vender suas colchas feitas à mão, pinturas, esculturas, tapas, cestos, joias e comidas.

Na pista, corridas de saco e corridas de cavalo aconteciam. Ao longo do dia, foram realizados vários concursos de dança polinésia tradicional. Richard e eu compramos bilhetes para sentar nas arquibancadas e ver o concurso entre os dançarinos, que se apresentavam no mundo todo. Todas as fantasias eram diferentes, desde saias de palmeiras, pompons e enfeites de cabeça com pompons até sutiãs de biquínis e cintos intrinsecamente decorados com conchas e contas. Outros dançarinos usavam coroas de conchas, pareôs com *leis* por cima do sutiã do biquíni e flores no cabelo. Todos os dançarinos eram sensuais, mas elegantes, as mãos transmitindo uma mensagem que seduzia a mente. O Tamarii, uma dança taitiana, era especialmente sensual, com os homens batendo os joelhos de um jeito frenético e as mulheres balançando os quadris de um lado para o outro enquanto ambos dançavam cada vez mais próximos.

Em certo momento, fomos até a beira d'água para ver as corridas de canoa. Milhares de pessoas estavam enfileiradas para torcer por suas equipes preferidas, e nós nos juntamos a eles gritando pela equipe que Richard tinha acompanhado.

Ao longo do dia na praia, encontramos nossos amigos de iate. Ficamos sentados bebendo cerveja e vendo a ampla variedade de pessoas passando por ali. Festejamos até de madrugada. E, mesmo quando o dia da Bastilha acabou, foram necessários mais uns dois dias para a festa diminuir. Ah, os taitianos realmente sabem comemorar.

...

Quando saí do meu sonho acordada com os taitianos, respirei fundo, sentindo o cheiro do ar, e olhei para o longo rastro perdido do navio que tinha sumido no horizonte sem me ver. Decidi que não me importava se A Voz achava que eu tinha contado com o ovo no rabo da galinha. Eu me levantei e gritei como uma louca:

— NUNCA DEVÍAMOS TER SAÍDO DO TAITI. ESTÁ ME OUVINDO, RICHARD? NUNCA. DEVÍAMOS. TER. SAÍDO. DA. ILHA.

— *Espero. Que. Você. Se. Sinta. Melhor. Agora* — veio A Voz sabichona.

HAZANA E PRAIA DE MAEVAS

Eu estava agitada. Pensar na empolgação do dia da Bastilha no Taiti e em quanto nos divertimos me deixou com a sensação de um animal enjaulado preso no *Hazana*.

Não tinha o que fazer a não ser andar de um lado para o outro do convés. Tentei respirar fundo algumas vezes para me acalmar e relaxar. Mas o único cheiro que senti foi o ardido turvo da névoa de água salgada, um odor que agora me deixava enjoada.

Meu humor definitivamente não se encaixava no ritmo lento de viajar a apenas um nó por aquele vasto mar.

— *Tami, se você for sincera consigo mesma, vai se lembrar que você e Richard estavam preparados para o fim do festival.*

— Sabe, Voz, eu não queria que terminasse, só queria um pouco de paz e silêncio, mas isso é ridículo.

Depois de todas as festividades do dia da Bastilha, Richard e eu finalmente achamos que o barulho e o tráfego infinitos no cais eram cansativos demais. Estávamos cansados de festejar, e decidimos que sentíamos falta do nosso tempo juntos em particular: era frequente demais alguém gritar do cais “Ahoy, *Mayaluga*” ou remar até nós e bater no casco, pedindo “permissão para subir a bordo”.

Decidimos ir para a ancoragem silenciosa na praia de Maeva. Apesar de haver um hotel enorme ali, sabíamos que seria mais privativo que o cais.

Dez barcos estavam atracados na praia quando chegamos. Baixamos a âncora e suspiramos profundamente quando a tranquilidade nos envolveu.

Pouco depois de chegarmos à praia, alguém pediu a Richard para ajudar a consertar um barco construído com casco de ferrocimento como o do *Mayaluga*. Como ele gostava de se manter ocupado e aumentar o fundo de navegação quando a oportunidade batia à porta, concordou prontamente. Enquanto Richard estava trabalhando, pinte o interior do *Mayaluga* e envernizei sua madeira.

Um dia, quando Richard estava remando para o trabalho, percebeu um novo barco na baía. Tinha uma bandeira britânica e se chamava *Hazana*. Richard remou até mais perto e gritou uma saudação para os proprietários. Disse que era proprietário do *Mayaluga*, o outro barco britânico na baía. Os proprietários do *Hazana*, Peter e Christine Crompton, eram de Southampton, Inglaterra, o que basicamente os tornava vizinhos da família de Richard em Cornwall.

Os Crompton nos convidaram para um drinque no fim da tarde. Enquanto remávamos até o *Hazana*, fiquei encantada com suas linhas e seu tamanho. Era um belo Trintella de quarenta e quatro pés, um brigue com design de van de Stadt, construído por Anne Wever na Holanda. Richard me apresentou a Peter e Christine, e eles fizeram um *tour* conosco pelo interior do *Hazana*, que era decorado como um hotel cinco estrelas, em comparação com o nosso *Mayaluga*. Os Crompton eram um casal atraente, com cinquenta e poucos anos, e muito simpáticos, nem um pouco arrogantes. Peter fez uma rodada de drinks para nós, e sentamos na espaçosa cabine de pilotagem curtindo os aperitivos que Christine tinha feito. Richard e os Crompton descobriram que tinham alguns conhecidos em comum. Curtimos muito a visita.

Alguns dias depois, os Crompton nos convidaram para jantar. Para felicidade de Richard, Christine deu um toque inglês à refeição polinésia com um chutney de manga caseiro. Depois do jantar, Christine mencionou que seu pai estava doente, e que eles estavam pensando em voltar para a Inglaterra.

Peter pensou nas possibilidades de encontrar uma tripulação de entrega para navegar o *Hazana* até a Califórnia, porque seria mais conveniente eles ir e voltar dos Estados Unidos quando quisessem visitar o pai de Christine. Dava para perceber que estavam nos sondando em relação ao trabalho de entrega. Eles perguntaram qual era a nossa experiência em velejar, e respondemos o que tínhamos feito juntos e separados. Os dois ficaram impressionados quando descobriram que, entre nós, Richard e eu tínhamos velejado mais de cinquenta mil milhas.

De volta ao *Mayaluga*, Richard me perguntou o que eu achava de entregar o *Hazana*. No início não fiquei interessada — estávamos viajando há apenas alguns meses, e eu não me sentia preparada para voltar aos Estados Unidos. Queria continuar viajando e ir à Nova Zelândia antes de voltar para casa.

Mas Richard se adiantou e disse a Peter que talvez estivéssemos interessados em levar o *Hazana* até San Diego — dependendo do pagamento.

Richard e Peter se encontraram de novo e discutiram os termos da entrega do *Hazana* em San Diego, Califórnia. Quando Richard voltou e me disse que íamos receber dez mil dólares e passagens aéreas — de San Diego para a Europa, de volta para San Diego e depois de volta para o Taiti, eu me empolguei e instantaneamente me interessei pela tarefa. Realmente parecia bom demais para desprezar. Poderíamos viajar por muito tempo com dez mil dólares.

Como eu nunca tinha ido à Europa, a ideia de passar o Natal na Inglaterra parecia empolgante. Os Crompton gostaram da ideia de estar de volta ao *Hazana* no Natal, o que significava que o barco não ficaria desacompanhado quando chegasse aos Estados Unidos. Depois da Inglaterra, Richard e eu poderíamos voar para San Diego e, em seguida, voltar para o *Mayaluga* no Taiti e continuar até a Nova Zelândia. O que seriam quatro meses longe da nossa vida? Concordamos em entregar o *Hazana*.

Peter e Christine fizeram as reservas para voar de volta para casa. Alguns dias antes de eles partirem, fomos aprender tudo sobre o *Hazana* com eles. Christine me mostrou as operações da galé, dizendo onde eram guardados os utensílios e os alimentos. Peter mostrou a Richard a sala do motor, explicando as pequenas peculiaridades do *Hazana* e suas preferências pessoais em termos de tratamento do motor e do equipamento eletrônico.

No outro dia, voltamos ao *Hazana* e analisamos o equipamento do tombadilho, as velas e o cordame. Era um barco sofisticado, com velas de proa enroladas por roldanas, guinchos automáticos, guinchos elétricos na cabine de pilotagem para as escotas — as cordas — e um guardim de retranca hidráulico. Eu realmente comecei a me empolgar com nossa jornada para o norte a bordo dele. Um barco Classe A.

Peter apertou a mão de Richard com entusiasmo quando entregou as chaves do *Hazana* e disse:

— Tenham uma boa travessia e fiquem em segurança.

— Não se preocupe, vamos tratá-lo como se fosse nosso — garantiu Richard, sorrindo.

Os Crompton estavam com tudo pronto, as malas enfileiradas em um compartimento do assento, e Richard ajudou Peter a carregar as malas para o bote,

que foi até a praia usando o motor, enquanto remávamos atrás deles no nosso bote. Quando chegamos à orla, nos despedimos com abraços e uma promessa:

— Nos vemos em San Diego. — Os Crompton partiram para o aeroporto.

Richard e eu corremos de volta até a praia onde os botes estavam amarrados. Peguei a espia do bote dos Crompton antes de Richard. Percebendo a decepção em seu rosto, comentei:

— Só estou brincando — enquanto trocava de espia — cabo — com ele. Eu sabia que ele estava ansioso para experimentar o inflável com seu motor de popa de quinze cavalos de potência.

Nossos amigos Antoinette e Haipade concordaram em cuidar do *Mayaluga* enquanto entregávamos o *Hazana* em San Diego. Era o casal que eu tinha conhecido na primeira vez que estive no Pacífico Sul. Haipade sugeriu que deixássemos o *Mayaluga* atracado na pequena baía em frente à casa deles em Mataiea. A baía só suportava alguns barcos, e seria uma ancoragem segura para o *Mayaluga* enquanto estivéssemos fora.

Richard plotou o curso da praia de Maeva até a baía particular, marcando nossa entrada na maré parada alta. Conforme rodeamos o ponto, fizemos um ziguezague para entrar na faixa estreita do canal.

Ele tomou um cuidado especial para colocar a âncora. Baixamos todas as velas e as armazenamos lá embaixo. Drenamos a bomba de água doce e o banheiro e fechamos todas as válvulas que atravessavam o casco.

Do bote, observei Richard fechar a gaiuta de escotilha do *Mayaluga*. Ele deu alguns tapinhas em cima da gaiuta e disse:

— Voltaremos em breve, meu amor. — Depois, entrou no bote, desamarrou a espia e remou até a orla.

Subir a bordo do *Hazana* era como entrar na suíte de lua de mel em um hotel Hilton. Ele tinha água quente encanada pressurizada para os chuveiros e dois banheiros a bordo. A galé também era o paraíso de um cozinheiro gourmet, com bastante espaço para se movimentar. Também havia milhas de espaço na cobertura de proa e uma cabine de pilotagem gigantesca, sem falar nos eletrônicos mais modernos.

Compramos as provisões no Taiti, planejando uma travessia de trinta dias até San Diego. Havia sobras do provisionamento dos Crompton, além dos produtos que tínhamos levado do *Mayaluga*. Mas, agora que tínhamos refrigeração, compramos outras delícias.

Richard voltou ao *Hazana* naquela tarde carregando uma caixa retangular grande, embrulhada de maneira elaborada.

— O que é isso? — perguntei, curiosa.

Ele me entregou a caixa e deu um sorriso largo, dizendo:

— Abra e veja.

— Você acha que é meu aniversário? — indaguei.

— Não.

— Aniversário de namoro? — Eu me encolhi, vasculhando a agenda pessoal na minha mente.

— Não.

Puxei a fita escarlate e a caixa se abriu parcialmente. Levantando a tampa, um tom verde-musgo reluziu sob o papel marfim. Abrindo o papel, peguei um vestido colante com alças.

— Pra mim?

— Gostou?

— É lindo — ronronei enquanto me levantava e colocava o vestido na minha frente. Ele era de seda verde-mar afunilado na cintura com comprimento pouco acima dos joelhos. — Mas por quê?

— Por ser você — ele declarou com simplicidade.

Quando pareci confusa, ele continuou:

— Vi em uma manequim na vitrine. Ela era igual a você, com cabelo louro até a cintura, olhos verdes da cor de vidro e um corpo perfeito. Eu sabia que era pra ser seu.

— Você é o máximo — falei, ficando vermelha e jogando os braços ao redor dele, enchendo-o de beijos.

— Vem, vamos tomar banho. Fiz reserva para o jantar no Le Belvedere. Vamos andando ou de táxi? — perguntou ele.

— Le Belvedere. Uau. Vamos andando. Quero exibir meu vestido novo.

O calor do fim da tarde se erguia do asfalto em espirais. Andamos na sombra o máximo possível, curtindo a brisa que soprava delicadamente em nossa pele. Eu me sentia milionária no vestido novo. Caminhamos por um vale e ao longo de um desfiladeiro que devia conter todos os tons de verde jamais criados.

O pátio coberto do restaurante dava para um desfileiro espetacular, carregado de árvores, arbustos e flores exóticas. Ao longe, o mar ondulado espumoso se estendia.

O jantar foi fantástico. Muito saboroso, com creme e manteiga de coco. Quando a mesa estava vazia, Richard estendeu a mão e pegou a minha. Eu o observei mexer nos meus dedos e depois olhei em seus olhos, vendo aquele olhar azul franco.

— Eu te amo de todo meu coração, Tami. E quero ficar com você pra sempre.

— Espero que sim — respondi, sorrindo, me sentindo um pouco envergonhada enquanto pensava qual era o objetivo dessa confissão.

— Casa comigo? — soltou ele, de repente, deslizando um intricado anel de corda branca com um nó para o meu dedo.

— É adorável. Foi você que fez?

— Foi. Quando chegarmos aos Estados Unidos, vou comprar um de verdade. O que você quiser.

Balancei a cabeça em negação.

— Nada pode ser tão precioso quanto isto. — Meus olhos ficaram marejados.

— O que há de errado? Você não quer casar comigo?

— Quero, sim... quero me casar com você. Eu me casaria com você neste segundo.

— Caramba, Tami, por um minuto, achei que diria não.

— Não? Você está maluco? Eu seria louca se dissesse não.

Andamos devagar até o *Hazana*, parando para curtir beijos longos e demorados. Eu me perguntei em voz alta como seria meu novo nome: sra. Richard Sharp. Ou Tami Sharp. Ou Richard e Tami Sharp. Richard disse:

— Parece ótimo.

De volta ao *Hazana*, ligamos uma música lenta e dançamos enfeitiçados nos braços um do outro. De repente, me senti uma mulher, não uma menina. Uma mulher que em breve seria esposa. O romance embalou o *Hazana* naquela noite.

...

Com o *Hazana* pronto para partir, nós também estávamos. Sem mais nada para fazer, contemplamos a ideia de deixar o Taiti cedo para a travessia até a Califórnia. Tínhamos analisado os relatórios do tempo com cuidado: não havia tempestades previstas, então nos sentimos bem confiantes de que estaríamos seguros em termos

de clima. Estimamos que faríamos um bom tempo velejando do hemisfério sul para o hemisfério norte e, como a temporada de furacões já tinha acabado e a ocorrência de tempestades naquela época do ano era estatisticamente baixa, decidimos partir. Nós nos sentíamos indestrutíveis; sabíamos que o nosso amor poderia conquistar tudo.

Deixamos Moorea e voltamos para Papeete para encher os tanques de combustível, água e propano. Saímos de Papeete às 1330 horas no dia 22 de setembro. Como o *Mayaluga* ia continuar no Taiti e íamos voltar dali a quatro meses, nossas garantias continuavam valendo. Partimos para os Estados Unidos.

BASTÕES LUMINOSOS E MILK-SHAKES

Era o Dia Trinta e Cinco. Eu estimava que ainda estava a 145 milhas do Havaí. Estava começando a ver objetos flutuantes — sinais de pessoas, como garrafas plásticas de refrigerante, uma lona encerada destruída, chinelos e uma boia de isopor.

Eu só usava a energia da bateria à noite, para acender as duas bússolas da cabine de pilotagem — uma na caixa de bússola, a outra na antepara da cabine de pilotagem. Uma das duas baterias do *Hazana* tinha sido arrancada da caixa de acrílico durante o emborcamento, mas, por milagre, tinha caído com o lado direito para cima, sem ser danificada. Se tivesse caído de qualquer outro modo, eu provavelmente teria sido queimada de um jeito doloroso — talvez fatal — pela água contaminada por ácido antes de despertar. A outra bateria, ainda na caixa, também não tinha sido danificada.

Quando a primeira bateria finalmente ficou sem corrente elétrica, troquei para a segunda, percebendo que ela também poderia se esgotar antes de eu estar em segurança. Para economizar bateria, comecei a usar os bastões luminosos que encontrei enquanto limpava lá embaixo. Naquela noite, quebrei o primeiro. A luz verde limão estalou como magia na minha mão. E me lembrou de quando eu era criança e íamos à praia à noite para ver os esguios grunions prateados nadando. As ondas reuniam os grunions na praia, e corríamos de um lado para o outro na areia

molhada macia agitando nossos bastões luminosos como piratas agitam suas espadas.

Às vezes eu escapava das outras crianças e me escondia perto do píer na beira da água. Deixava meus pés afundarem na areia, imaginando que era areia movediça, até sentir a primeira ponta áspera da garra de um tatuí. Depois saltava e corria para salvar minha vida, gritando com toda a força dos pulmões:

— Os tatuís estão vindo! Os tatuís estão vindo! — Eu passava correndo o mais rápido possível pelas outras crianças, e é claro que elas também começavam a gritar e correr.

Segurando o bastão luminoso na direção da noite sem estrelas, comecei a escrever no céu. Escrevi o nome de Richard várias e várias vezes. Eu escrevia um “R” ondulado, terminando com um floreio no fim do “D”.

Encarando a proa e apontando a varinha para a frente, ordenei:

— Meu amor, venha até mim. — E levava a varinha devagar até o coração. Cambando a estibordo, mantive a varinha no coração e repeti a ordem: — Venha para mim. — Sentindo o vento refrescar na minha bochecha esquerda, verifiquei a bússola e alterei o curso um grau. Dei meia-volta até a popa e encarei o caminho pelo qual tinha acabado de passar, dizendo com uma voz profunda: — Richard, deixe seu espírito vir até mim. — Cambando graciosamente para bombordo, estendi o braço ao máximo e aos poucos trouxe a varinha até o peito, repetindo o mantra: — Venha até mim.

Coloquei o bastão luminoso sobre a caixa de bússola. Olhei para o meu rumo e virei o timão alguns graus. Eu me sentia onipotente e ampliei meus comandos:

— Me traga um *milk-shake*. Mas precisa ser um da Baskin-Robbins, você sabe, trinta e um sabores, e tem que ser de menta com pedaços de chocolate. — O desejo foi demais, e o feitiço se quebrou. — Ah, caramba, o que eu não daria por um *milk-shake* neste momento.

— *Pare. Não seja ridícula. Você sabe que não pode ter um milk-shake.*

— *Você nunca desejou um milk-shake?*

— *Claro que sim. Mas essa fantasia é inútil.*

— *Talvez você não tenha imaginação.*

— *Talvez eu não goste de sentir desejos impossíveis.*

A Voz não tinha senso de humor, descobri. Fingi beber meu *milk-shake* de menta com pedaços de chocolate.

— Hmmm. Ah, que delícia. Hmmm. Eu mal consigo aguentar o frescor da menta na minha boca.

— *Frescor?*

— Muito fresco.

A Voz hesitou:

— *Posso tomar um pouco?*

— Sinto muito, acabou tudo — falei, jogando o copo invisível no mar.

— *Ah, caramba.*

— Na próxima vez, você devia se agarrar ao prazer da fantasia.

...

Nos próximos dias, o vento estava inconstante. Amaldiçoei o diabo por isso.

— *Não deixe o diabo entrar nos seus pensamentos, Tami* — disse A Voz.

— Por quê, você tem medo do diabo?

— *Só um tolo não tem medo do diabo.*

Um arrepio percorreu meu corpo.

— No que eu devo pensar?

— *Pense no seu destino.*

E aí, no Dia Trinta e Oito, com o sol ardendo no céu, não consegui mais ficar embaixo da coberta — eu estava fervendo. Fiquei acordada a maior parte da noite, pilotando e pensando no meu destino. Se ao menos pudesse dormir entre quatro paredes, tomar o café da manhã na cama.

Sentei e espreguicei. Quando fui até a proa para verificar o equipamento, olhei ao redor e parei de repente.

— Não pode ser... pode? — Semicerrei os olhos, tentando focar. — Tem que ser.

No horizonte, vi uma forma isolada parecida com uma nuvem. À primeira luz, achei que eram nuvens *cumulus* baixas. Mas, ao meio-dia, a massa se tornou uma mancha cor de granito na minha frente. Podia ser o Havaí? Voltei ao timão e, durante uma hora, pilotei em direção à massa de terra cada vez mais definida, com medo de acreditar que era terra, e medo de acreditar que não era. Meu coração martelava com uma onda constante de expectativa poderosa. Finalmente, acreditei que era terra firme — eu estava vendo terra, não dava para negar; tinha que ser a

ilha. O Havai estava bem ali onde achei que estaria. Um grande alívio me inundou. Minha coluna pareceu derreter quando deitei a cabeça em minhas mãos e chorei.

Depois de um tempo, me acalmei e fui tomada por uma sensação de encantamento. *Mas por que exatamente eu estava encantada?*, me perguntei. A terra? As pessoas? Minha casa? Será que podia ser apenas a realidade que se estendia diante de mim? Sim, tudo que eu queria estava ali. Bem, quase tudo... De repente a empolgação percorreu meu corpo, e eu me levantei e gritei:

— TERRA! TERRA! UHU! — E dancei como uma guerreira, me cansando rapidamente. — Isso pede uma comemoração. Cerveja! — Minha última cerveja, que eu estava guardando para aquele momento. E um charuto. — UHUUUU!

Desci tropicando e procurei a cerveja e um charuto. No tombadilho, subi na retranca, acendi o charuto e abri a garrafa.

— Ah, meu Deus, estou tão empolgada. E grata. Estou muito, muito agradecida. Obrigada. *Mauruuru*. Obrigada. Amém. — Eu não me sentia agradecida por nada havia mais de um mês, bem, exceto pela água doce, pelos charutos, pela cerveja e pelo hidratante. Era bom me sentir subitamente tão empolgada, tão ansiosa.

— Sei que minha mãe vai vir me buscar. Meus pais vão me ajudar com tudo isso. — *Mas o que eles realmente podem fazer?*, pensei. Segurar a minha mão? Vai caber a mim me organizar, notificar a todos, tentar explicar como aconteceu, por que aconteceu. Meu sentimento positivo enfraqueceu.

— O que vou dizer à família de Richard? — O medo me agarrou. — Como vou contar a eles? — Balancei involuntariamente a cabeça. — Como vou conseguir contar a alguém sobre Richard? — A emoção me sufocou.

— E os Crompton, o belo barco deles. — *Hazana*, pobre *Hazana*. Este barco que salvou a minha vida. Os Crompton também vão ficar arrasados. — Sinto muito — ensaiei, ficando mais triste. — Fizemos o melhor possível. De verdade. — Eles simplesmente vão ter que acreditar em mim. As lágrimas escorreram pelo meu rosto. — Eu também fiz o melhor possível, de verdade. — A última gota da cerveja quente abafou mais um soluço.

— Ai, meu Deus, o que as pessoas vão pensar de mim? Olha só pra mim: estou um desastre. Perdi tanto peso, e o meu cabelo; meu cabelo era tão bonito. Se uma pessoa olhar esquisito pra mim, vou surtar. Estou por um fio. Ah, meu Deus, estou com tanto medo.

Meu estômago de repente ficou enjoado. Senti medo de ver as pessoas de novo, de voltar à sociedade. O que estava acontecendo? Será que eu estava me acostumando a esse confinamento solitário? Será que eu queria ficar aqui para

sempre, flutuando para o esquecimento? Talvez fosse mais fácil do que explicar como foi que eu sobrevivi e Richard foi sugado para as profundezas do mar. Os pais dele vão desejar que eu estivesse no timão. Meus pais, apesar de tristes, vão ficar felizes porque não era eu quem estava. Será que alguém vai perceber que teria sido melhor se nós dois tivéssemos morrido?

— *Você está regredindo. Você NÃO estava destinada a morrer. Quantas vezes tenho que dizer que a hora de Richard tinha chegado e a sua não? Simplesmente saiba que todo mundo vai ficar feliz por você estar em casa e em segurança.*

A Voz era como uma coberta quente jogada sobre os meus ombros. Eu queria acreditar na Voz; eu precisava acreditar nela.

— Estou com muito medo.

— *Eu sei que está. E tem todo o direito.*

— Você não estaria com medo.

— *Talvez estivesse. Mas uma coisa que sei, com certeza, é que ficaria feliz por não estar mais sozinho.*

— Estou feliz por isso. De verdade.

— *Você não está agindo como se estivesse feliz. Seque esses olhos. Boa garota.*

— Suponho que você também vai me deixar, agora.

— *Não, eu nunca vou te deixar. Estarei sempre aqui quando você precisar de mim.*

— Onde você mora?

— *Na sua alma.*

— Tipo uma alma gêmea? Ou anjo da guarda?

— *É, alguma coisa assim.*

A Voz e eu ficamos em silêncio por um tempo. Eu me sentia totalmente em paz. Finalmente suspirei e anunciei:

— Bem, não tem um sopro de vento aqui em cima para eu pilotar; acho que é melhor arrumar tudo.

E, com isso, desci do meu poleiro e fui lá para baixo.

Lá embaixo, o *Hazana* não parecia nem um pouco arrumado, mas era o melhor que eu podia fazer. Estava sentada à mesa de cartas de navegação e tinha acabado de escrever no diário de bordo que desejava que Richard pudesse estar aqui comigo para sentir o alívio de ver a ilha, quando ouvi um motor.

— O quê...? — Subi tropicando para o tombadilho.

Protegendo os olhos, olhei ao redor. O som vinha do céu: um avião. Um avião militar. Um avião militar voando baixo! Disparei quatro sinalizadores o mais rápido que consegui. Peguei o remo com a camiseta vermelha e acenei e acenei. O avião nem inclinou a asa. Fiquei impressionada. Como diabos ele não conseguia me ver? Onde estava a ilha? De repente, a ilha tinha sumido.

— Onde está a maldita ilha?

Olhei para a palma das minhas mãos e as virei. Pareciam mãos. Levei as palmas às bochechas e senti o meu rosto. Parecia um rosto. Lambi os dedos da mão direita e passei o polegar neles. Estavam molhados — meio grudentos. Então, dei um tapa na minha cara. Primeiro com a mão direita e depois com a esquerda. Fiquei me estapeando até que finalmente gritei com toda a força dos pulmões:

— AHHH. ESTOU MORTA. ESTOU MORTA. É TUDO UM TRUQUE. EU ESTAVA MORTA O TEMPO TODO. — Meus joelhos cederam, e eu desmoronei no compartimento do assento. —

Isso é o inferno. Estou no inferno. Que inferno, estou no limbo? Isso é um truque do diabo? Não saber o que é real? Não sou real. Ninguém me vê. Ninguém me salva. Vou ficar assim pra sempre. O que eu fiz de tão ruim? Tudo que eu fiz foi descer, como Richard me mandou. Não é culpa minha.

Eu me levantei e acenei o punho para o céu.

— ESTÁ ME OUVINDO, DEUS? NÃO É CULPA MINHA. ESTOU CANSADA DE TANTA CULPA. VOCÊ FEZ O FURACÃO. VOCÊ MATOU RICHARD. E VOCÊ ME FEZ SOBREVIVER. COMO PÔDE? O QUE HÁ DE TÃO MISERICORDIOSO EM VOCÊ, DEUS, QUE MATOU RICHARD E ME COLOCOU NESSE INFERNO? BEM, VOU TE DIZER UMA COISA: EU NÃO VOU FICAR AQUI. VOU ESTOURAR O MEU CÉREBRO. E DEPOIS NÃO VOU ME PREOCUPAR COM NEM UMA MALDITA COISA. PARA O INFERNO COM ESSE PESADELO E PARA O INFERNO COM VOCÊ!

Histérica, desci correndo e vasculhei o armário, pegando o rifle. Tirei a toalha e coloquei a arma em uma almofada. Um caixa de conchas também caiu. Carreguei o rifle e, me apoiando na estação de navegação, tentei enfiar o cano na boca. O metal frio estalou nos meus dentes.

— Ai. Maldição.

Fui em direção ao sofá, achando que talvez, se eu sentasse, não tremeria tanto e o metal não bateria com tanta violência nos meus dentes.

— *Tami, você sabe que não pode tirar a própria vida agora.*

— DO QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO? — Bati com a coronha do rifle no chão. — ESTOU MORTA. JÁ ESTOU MORTA! SÓ O MEU CÉREBRO É QUE NÃO ESTÁ MORTO. MINHA IMAGINAÇÃO NÃO PARA NUNCA. NÃO EXISTE ALÍVIO! NÃO AGUENTO MAIS.

— *Tami, você está perto. Você está muito perto. Acredite em si mesma. Lembre-se da prece que você adora sobre o grande mar de Deus e seu barco pequeno. Tami, seu barco é pequeno e difícil ver. Você sabe disso. Deixe o rifle de lado. Acredite em si mesma. Não desista do barco, garota. Vá olhar. Eu te desafio. Vem, eu te desafio em dobro. A ilha É real, não é ilusão. É o Havaí. Você está quase lá. Eu juro... eu juro. Vá olhar; por favor, vá olhar.*

Desgostosa, deixei o rifle cair e subi para o tombadilho. A ilha estava lá, forte e clara.

— Ai, meu Deus, o que foi que eu quase fiz? — Me agarrei à retranca para parar de tremer.

Eu quase desisti. Quase me matei. Estou tão cansada e solitária que estou enlouquecendo.

Soltando a retranca, desci para a cabine de pilotagem. Enfie as mãos no balde de cinco galões de água salgada e salpiquei grandes punhados de água fria no rosto.

— Aaaah. — Como era bom. Não frio, mas molhado e real. Fiz de novo. Depois, estiquei os braços no alto e, quando baixei, rosnei como uma leoa: — AAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHH!

Encarando a ilha, minha mente trabalhou um pouco mais: acredite em si mesma, Tami. Você ouviu A Voz. Você chegou até aqui. Você não precisa de ninguém nem de nada para salvá-la. Você precisa manter a fé, confiar na Voz e saber que há um motivo para você ter sobrevivido.

Fiquei sentada ali por um instante, sentindo meus nervos se acalmando antes de finalmente concordar:

— Meu destino era salvar a mim mesma.

AGUENTE FIRME, AGUENTE FIRME

Naquela noite, acordei com uma chuva pesada e um vento crescente.

A agulha da bússola estava enlouquecida. Tudo que eu podia fazer era manter o timão travado e puxar uma capa à prova d'água sobre mim e minha cama na cabine de pilotagem e voltar a dormir. Eu estava exausta.

...

Quando consegui fazer minha primeira observação no dia seguinte, a plotagem mostrou que eu tinha sido conduzida para o norte, saindo vinte e cinco milhas do curso. Viajando a dois nós por hora, vinte e cinco milhas eram doze horas. Eu tinha perdido doze horas!

Não dava mais para ver a ilha. Decidi ficar acordada e cuidar do timão constantemente. Naquela noite, fui até a galé em busca de um estimulante. O melhor que consegui foi uma bebida fria de café e chocolate. Enchi uma garrafa térmica com a mistura e levei para a cabine de pilotagem.

E, assim, no meu Dia Quarenta e Um, sozinha no mar, velejei até ficar a poucas milhas da entrada do porto de Hilo. Às 0230, as luzes da baía me chamaram, mas não tive coragem de me aproximar por causa do enorme recife que se estendia bem além da orla. Com um bastão luminoso, analisei a carta de navegação ilustrada do porto de Hilo que eu tinha encontrado em um velho guia de navegação. As palavras

“Não serve para navegação” se destacavam. Ah, como gostaria de ignorá-las e chegar àquelas luzes, a uma comida de verdade, pessoas de verdade, um chuveiro e um sono decente. Mas só um tolo ou um navegante com conhecimento do local se arriscaria na entrada perigosa à noite. Eu tinha que ficar lembrando a mim mesma que eu não tinha passado por tudo isso para agora acabar em um recife.

Então, de manhã bem cedo, velejei de um lado para o outro bem perto da entrada repleta de recifes. Eu estava tão perto e, ao mesmo tempo, tão agonizantemente distante. Não podia simplesmente estar lá? Não podia, não. Estava tão confusa. Sabia que era uma mulher transformada agora, que nunca mais seria aquela garota inocente e despreocupada. Eu estava com medo da humanidade a apenas algumas milhas de distância, mas também estava empolgada. Lágrimas escorreram pelo meu rosto.

— Essas lágrimas, de onde estão vindo? — perguntei para A Voz.

— *São lágrimas diferentes, Tami. Elas são lágrimas de alegria.*

— Mas é errado sentir alegria. Eu devia estar triste. Ainda estou triste. Sinto tanta falta de Richard.

— *Você sempre vai sentir falta de Richard e sempre vai amá-lo. Mas a vida continua, Tami. Você tem que acreditar em si mesma. A hora de Richard tinha chegado, mas a sua não. Você sobreviveu porque você é você. Nem todo mundo sobreviveria. Sinta alegria, você merece. Em breve, você vai estar com pessoas que te amam, e vai ser sufocada pelo amor do que agora sente falta.*

— Mas não vai ser a mesma coisa.

— *Vai ser o que você quiser que seja. Outro homem vai aparecer quando você estiver preparada, e ele vai te amar tão profundamente quanto Richard.*

— Mas será que eu vou ser capaz de amá-lo tanto quanto amei Richard?

— *Vai. Com o tempo, seu coração vai se abrir e ficar ansioso para amar de novo. Acredite em si mesma, no que seu coração fala.*

— Vou sentir falta de você.

— *Estou sempre aqui; sou parte de você.*

— Você é Deus?

A Voz nunca respondeu. Talvez não haja resposta.

...

A manhã se arrastou devagar. Eu sabia que seriam minhas últimas horas no mar, minhas últimas horas para ficar sozinha. Me perguntei quem seria meu primeiro

contato. Um barco de pesca? Um iate particular?

Olhando para bombordo, as luzes pastel ao longo da encosta das montanhas de Hilo, Havaí, estavam começando a se apagar uma por uma. Aguento firme, Tami, aguento firme.

Não consegui me impedir de perguntar de novo a mim mesma, como já tinha feito um milhão de vezes: *Por quê? Por que eu não percebi que estávamos vulneráveis; que um de nós ou os dois poderiam morrer ali no meio do oceano?*

Mas a essência do meu ser gritava em resposta, se defendendo: porque eu era destemida — Richard era destemido. Era verdade que tinha sonhado com ilhas tropicais e praias de areia branca, água quente, ondas perfeitas, portos exóticos e amor.

Finalmente precisei admitir que nada teria me afastado do mar.

Procurei minhas amigas estrelas no céu e me despedi de cada constelação que tinha me entretido com prazer e me guiado naquela longa e lenta jornada. O W no céu era de água em inglês, mas para mim ainda significava Impressionante, *Wondrous* em inglês. Impressionante e maravilhoso Richard. Impressionante e maravilhoso o fato de eu ter conseguido. Eu sabia que as estrelas nunca seriam tão visíveis em terra como eram ali no mar.

Levei a camisa florida de Richard até o coração e confessei desesperada:

— Eu te amo. Você sabe que eu te amo. Eu te amo de todo coração. — Foi tudo que eu consegui dizer. Não conseguia olhar para o mar lápis-lazúli sem ver os olhos dele. Não conseguia dizer aquele adeus final. Enfiei a camisa dele dentro da minha, perto do coração, segurei o anel de corda no meu dedo, que Richard tinha me dado, e girei e girei e girei.

...

Quando a aurora passeou sem rumo pelo céu, respirei fundo e preparei o *Hazana* para entrar no porto.

Na proa, tirei a âncora de seu compartimento e puxei a corrente para o convés. Eu queria que a âncora e a corrente estivessem preparadas para descer ao mar e ancorar o *Hazana* caso ele flutuasse para perto demais do recife ou da orla.

Icei a bandeira americana vermelha, branca e azul no lado esquerdo da estai lateral do equipamento temporário como uma cortesia, e depois automaticamente icei a bandeira amarela de quarentena sob ela, como todos os navegantes aprendem a fazer quando atravessam águas internacionais e entram em um novo porto. Procurei lá embaixo a bandeira do porto de origem do *Hazana*: Inglaterra. Quando

a desenrolei, tentei tirar o mofo e os amassados. Pensei em como aquela bandeira vermelha, branca e azul também era majestosa. Eu gostava de como o sinal de positivo e a cruz dissecavam o azul em oito seções. Coloquei a bandeira no suporte na balaustrada da popa, me lembrando de como Richard tinha orgulho de sua cidadania.

Voltei ao timão e alterei o curso para a entrada do porto. Assim que fiz isso, percebi um grande navio saindo por ali. Peguei o foguete sinalizador e comecei a disparar.

O navio pareceu parar.

Disparei mais alguns sinalizadores e depois peguei o remo com a camiseta vermelha desbotada. Na proa, acenei de um lado para o outro, não freneticamente como tinha feito em todas as malsucedidas vezes anteriores.

De repente, o navio piscou suas luzes móveis e alterou o curso.

Meu Deus, eles me viram. Eles me viram de verdade. Eu não sabia o que fazer. Sentia que devia fazer alguma coisa, mas o quê? Eles se aproximavam rapidamente. O que deveria dizer?

— Olá, meu nome é Tami Oldham, e aqui é o veleiro *Hazana*. Estou assim há muito tempo...

O *Hazana* começou a oscilar quando o navio que se aproximava reverteu os motores e diminuiu a velocidade, empurrando o rastro de proa para a frente. Tive medo de ele me atingir.

O navio era enorme, com duzentos pés, mais ou menos. Lançou uma sombra escura sobre o *Hazana*. Rostos de homens e mulheres asiáticos, polinésios e americanos estavam espiando por sobre a balaustrada e me encarando atentamente. Eu me senti exposta e vulnerável. De repente, um dos tripulantes a bordo gritou para mim no alto-falante. Mal conseguia ouvi-lo por causa do rugido dos motores que agora resmungavam na marcha neutra.

— VOCÊ ESTÁ BEM? — gritou ele.

Fiz que sim com a cabeça e caí no choro. Em meio aos soluços, vi a pena refletida nos olhos que me observavam. Ouvi alguns gritos e, olhando para cima, vi cabeças balançando e sorrisos de incentivo.

— ESTÁ TUDO BEM. VAMOS TE AJUDAR. VOCÊ VAI FICAR BEM — gritou o porta-voz.

Quando consegui me controlar, ouvi ele perguntar:

— ALGUÉM MORREU?

Mais uma vez, fiz que sim com a cabeça.

— AQUILO ALI É O CORPO? — indagou o oficial, apontando para o bote inflável laranja enrolado e amarrado no alojamento de popa a bombordo.

Desnorteada, neguei com a cabeça.

— NOTIFICAMOS A GUARDA COSTEIRA. VOCÊ PRECISA DE ALGUMA COISA?

Eu precisava de tudo — principalmente de Richard. Mas neguei com a cabeça e agarrei o púlpito com mais força para me impedir de cair no mar por causa da adernagem brutal do *Hazana* no rastro do navio.

Em pouco tempo, alguém balançou um recipiente de vidro, amarrado em uma corda, e o fez descer até mim pelo convés da embarcação. Fiz um sinal de agradecimento com a cabeça. Desamarrar a corda foi muito difícil, com minhas mãos fracas e nervosas. Dava para sentir o cheiro de café quente antes de prová-lo. Eu o deixei de lado para pegar a maçã que alguém queria me jogar. Parecia que tinha se passado uma eternidade desde a última vez que eu tinha comido uma maçã. Quando a mordi, o suco doce escorreu pelo meu queixo. Isso me fez voltar a chorar, porque o sabor era mais doce do que eu me lembrava para uma maçã fresca.

Foi um grande esforço o navio trocar a marcha; ficar perto e, ao mesmo tempo, longe o suficiente do *Hazana*. Ele estava ao meu lado pelo que parecia uma eternidade, esperando a Guarda Costeira.

— VAMOS JOGAR UM CABO DE REBOQUE — veio um anúncio, de repente.

Houve um grito do alto, e um nó punho de macaco foi jogado para mim. Estendi o braço para capturar a corda, depois puxei todo o excesso, finalmente alcançando a espia presa a ela. A espia era enorme — cinco centímetros de diâmetro. Eu mal consegui colocá-la a bordo; pesava uma tonelada. Era o tipo de corda que se usava para rebocar outro navio enorme, não um veleiro esguio. Não consegui decidir onde amarrar aquela monstruosidade. Finalmente, amarrei-a ao redor do guincho da âncora.

— VÁ DEVAGAR; DEVAGAR! — gritei depois que o preendi, e acenei as mãos, com as palmas para baixo, na minha frente.

Quando os motores do navio rugiram, eu me segurei com força. O *Hazana* se jogou para a frente. A cobertura de fibra de vidro do molinete da âncora foi destruída, mas o molinete continuou preso por dois dos seus quatro rebites. Em pouco tempo, parecíamos estar galopando pelas vagas. A velocidade mais lenta que o navio podia seguir provavelmente era o mais rápido que o *Hazana* jamais tinha ido. Estávamos nos movendo a pelo menos dez nós direto. Precisei de toda a minha concentração para pilotar o *Hazana* atrás do navio. Eu sentia todos os rostos me

observando. Tudo que conseguia pensar era: *Mantenha o rumo — mantenha o rumo, não entre em pânico agora.*



O navio me rebocou até dentro do recife e parou. A corrente minguante impedia o *Hazana* de bater nele. Em pouco tempo, a Guarda Costeira Auxiliar chegou em seu barco de vinte e seis pés. Soltei a espia do navio e amarrei as cordas que a tripulação da Guarda Costeira Auxiliar tinha jogado para mim. O *Hazana* agora estava amarrado à balaustrada do barco leve da Guarda Costeira Auxiliar.

Dentro da Radio Bay havia um cais de concreto. A Guarda Costeira Auxiliar me rebocou até ele, e outro barco da Guarda Costeira atracou ali. Em seguida, dois oficiais vieram a bordo. Um deles era o suboficial Rodenhurst. Eu continuava chorando e não conseguia falar sentenças inteiras. Ele foi excepcionalmente gentil comigo. Tenho certeza que eu estava em choque.

Também atracada ao cais estava a chalupa de casco azul, *Tamarii*, que Richard e eu tínhamos visto nas Marquesas. Quando olhei em sua direção dele, vi os proprietários observando a Guarda Costeira me rebocando. A mulher, Helga, gritou para mim:

— QUANDO TERMINAR, VENHA PARA O NOSSO BARCO.



O suboficial Rodenhurst sugeriu gentilmente algumas vezes que eles tinham um chuveiro que eu poderia usar. Eu precisava de um banho, mas não estava preparada para o isolamento. Precisava de contato humano.

Estava muito ansiosa para ir ao *Tamarii* e conversar com outros navegantes, ou pelo menos pessoas com quem eu achava que podia me conectar, e que podiam se conectar a mim e Richard. Conteí aos homens da Guarda Costeira uma versão resumida do que tinha acontecido, o suficiente para eles entenderem o cenário, e que de jeito nenhum eu precisava de uma ambulância ou ir ao hospital. Eles me disseram que eu precisaria fazer uma declaração por escrito em breve, mas que podia ir visitar os meus amigos.

Quando cheguei ao *Tamarii*, um banquete me esperava. Ovos, presunto, rosbife, queijo, salada de batata, pães doces, leite, suco e café. Sentei e abri o coração. Comi e chorei, chorei e comi, e ri uma ou duas vezes. O casal alemão estava fascinado com a minha história. Eles me fizeram perguntas, e eu respondi enquanto conversávamos e conversávamos. Eles me ofereceram um cigarro, que aceitei, e me deram uma taça de conhaque. Todo esse cuidado ajudou a me acalmar, me sentir unida à humanidade de novo.

Algumas horas tinham se passado quando o suboficial Rodenhurst veio bater no casco.

— Tami, precisamos daquela declaração agora, está bem?

Deixei o *Tamarii* com mais lágrimas, mas uma força renovada.

— Quer pegar uma muda de roupa pra poder tomar banho? — perguntou Rodenhurst.

— Quero, sim...

Só quando a água quente escorreu pelas minhas costas percebi por que o suboficial ficava me falando que eu podia querer tomar banho. Dava para sentir cada dia que passei no mar se derramando da minha pele, camada por camada. Meu cabelo tinha virado um dreadlock, e não havia nada que eu pudesse fazer para desembaraçá-lo. Eu ainda tinha uma ferida na perna por causa do corte profundo, mas o machucado na cabeça estava quase curado. Todos os outros ferimentos estavam curados — exceto o no meu coração. Meu corpo estava seco, esquelético, magro. Magro demais para mim.

Na pia, escovei os dentes muitas e muitas vezes; o charuto os tinha manchado.

Encarei as olheiras escuras e a cicatriz horrível na testa enquanto escovava os dentes. Aos poucos, até os meus dentes clarearam e voltaram ao branco natural.

Quando voltei ao escritório, percebi, pelos olhares masculinos, que eles estavam olhando para uma mulher — uma sobrevivente, não mais uma vítima destruída.

Depois que o relatório escrito foi terminado, o suboficial Rodenhurst me disse que era recém-casado e que a esposa e a filha tinham um quarto extra na casa deles, se eu quisesse dormir lá, e que eu podia chamá-lo de Chris.

— Obrigada, eu... aceito. — Acho que eu não teria conseguido passar mais uma noite no *Hazana*, agora que eu estava limpa e em terra.

A esposa de Chris, Perry Rodenhurst, veio até a estação com a filha de seis anos, Shannon, para me buscar. Perry tinha vinte e poucos anos, era atraente e magra, com cabelo louro na altura do ombro. Ela foi muito gentil comigo.

Perry me levou à sala de lazer de sua humilde residência, onde puxou o assento do sofá e o transformou em uma cama. Ela me disse para ficar à vontade e apontou o telefone. Quando Perry fechou a porta, disse que eu poderia usá-lo à vontade.

Sentei na beira da cama e olhei ao redor do cômodo aconchegante: uma escrivaninha, fotos emolduradas da família e livros. Tudo parecia sóbrio e normal.

Respirando fundo, peguei o telefone e disquei para a telefonista ligar a cobrar para minha mãe. Eram duas horas mais tarde lá, início da noite na Califórnia. Seu número estava ocupado. Tentei meu pai. Ninguém atendeu. Tentei minha mãe de novo — ainda ocupado.

Eu estava começando a me desesperar. Minha mãe não conseguia sentir minha necessidade de falar com ela? Nunca me ocorreu pedir à telefonista para fazer uma interrupção de emergência em seu número.

Meus avós tinham que estar em casa, mas e se não estivessem? Eu não ia aguentar. Tinha que falar com alguém — agora.

Meu avô atendeu no quarto toque.

— Alô.

— Vô, sou eu. Como você está?

— Como *eu* estou? Como está *você*?

— Ah, vô, eu não estou muito bem... — comecei a chorar — Richard está morto. — Assim começou meu telefonema altamente emotivo.

Em certo momento, minha avó apareceu na linha. Eu tinha que ficar me repetindo, porque a tristeza abafava minhas palavras. Minha mente estava cansada, confusa e ainda assustada. *E agora? E agora?*, ecoava em meu cérebro. Tenho certeza de que eu parecia louca; me sentia louca. Desejei poder rastejar pela linha telefônica e me encolher no colo do meu avô.

Depois de falar com meus avós, tentei minha mãe de novo. Seu número ainda estava ocupado. Decidi ligar para a irmã de Richard, Susie, na Inglaterra, apesar da hora. Jurrick, marido dela, atendeu e me disse que ela estava viajando. Disse que estava aliviado em ouvir a minha voz, porque eles estavam preocupados. Comecei a soluçar, depois consegui, com tristeza, dar a notícia em uma ordem razoavelmente precisa. Com nós dois atormentados e chorando, Jurrick me disse que conhecia Richard desde criança; que eles eram mais do que cunhados. Ele estava muito angustiado, mas se ofereceu para ligar para os pais de Richard e contar a eles. Garanti que ligaria de novo mais tarde.

Decidi ligar para os proprietários do *Hazana*, o casal Crompton, naquele instante e acabar logo com isso. Minha mão tremia violentamente quando tentei discar o número. Peter atendeu o telefone.

— Peter? Uma coisa muito terrível aconteceu — balbuciei. — Ah, aqui quem fala é a Tami. Você sabe, Tami... Fomos pegos pelo furacão. Richard caiu no mar. Ele morreu. — Eu mal respirava entre as frases. — Os mastros do *Hazana* caíram, ele está um desastre. Mas está flutuando.

— Ah, querida, ah, querida, ah, não — Peter dizia sem parar.

Eu tinha contado a história tantas vezes agora que minha voz estava quase monótona, perdendo a emoção, se apoiando na lógica.

— O *Hazana* provavelmente vai ter diagnóstico de perda total. Vocês precisam entrar em contato com a empresa de seguros. Como? Ah, estou em Hilo. Hilo, no Havaí.

Dava para ouvir a desolação na voz de Peter enquanto dizia que estava muito triste por saber de Richard, que os dois gostavam muito dele. Foi atencioso de sua

parte não me perguntar sobre a condição do *Hazana*. Tudo que disse foi que ele e Christine iriam imediatamente para o Havaí.

Eu finalmente consegui falar com minha mãe. Sua voz do outro lado da linha me fez desabar. Eu mal consegui falar com ela:

— Mãe...

— Tami? Meu Deus, por onde você andou? — Sua crítica familiar era uma bênção. — Estou preocupadíssima com você. Fui até a estação da Guarda Costeira duas vezes; onde você está?

— Ah, mãe...

— Querida? O que foi? Você está bem?

— Mãe... — Devo ter chorado durante dez minutos antes que sua voz tranquilizante e compreensiva conseguisse me deixar sob controle. Ela me garantiu muitas e muitas vezes que a morte de Richard e a destruição do *Hazana* não eram culpa minha. Eu precisava ouvir isso.

Finalmente, estava sem palavras. Minha mãe insistiu que eu lhe desse o número do telefone dos Rodenhursts. Ela ia ligar para o aeroporto para reservar um voo imediatamente, depois me ligaria de novo. Sua voz dizendo “Eu te amo, querida” ecoou muitas vezes quando deitei na cama e a esperei ligar de novo.

Pouco tempo depois, ela ligou; ia chegar dali a onze horas. Será que eu ficaria bem? Precisava de alguma coisa? Ela queria falar com Perry.

— Não, converse comigo — falei. Então conversamos muito, até ela finalmente dizer que eu precisava descansar.

...

Deitei e encarei o teto branco. Em pouco tempo, a superfície monótona se tornou o mar ondulando macio até os cantos do cômodo, descendo pelas paredes decoradas. Meu corpo, apesar de parado, balançava para frente e para trás, para frente e para trás. Uma batida leve na porta me assustou. Quando virei, Perry tinha aberto a porta e estava olhando para dentro. Eu não tinha dormido. Queria, mas minha mente não relaxava. Ela me convidou para jantar com eles.

À mesa, Shannon obviamente tinha sido instruída a não me fazer nenhuma pergunta, mas dava para perceber que ela estava cheia de perguntas, pela maneira como me encarava e acariciava o próprio cabelo.

Depois de uma refeição leve, todos nós nos reunimos diante da televisão para ver o filme *Aeroporto*. Sentada em um pufe confortável, minha mente ficava se perguntando como eu poderia estar perdida no mar em um minuto e no outro estar

diante de uma televisão, vendo um filme ruim de catástrofe. Simplesmente não fazia sentido. Não consegui ver o filme, então pedi licença e fui para a cama, mas ainda não conseguia dormir. Decidi tentar falar com meu pai de novo. Ele atendeu, aceitando a chamada a cobrar.

— Pai?

— Tami! Querida. Acertou em cheio, acabamos de entrar.

— Pai...

— Querida, o que há de errado? Você está bem? Onde você está? Eu estava esperando notícias.

— Pai... — Caí no choro. — Richard se foi.

— O que você quer dizer com Richard se foi?

— Se foi! O barco virou, o cabo de Richard quebrou e ele foi jogado no mar.

— Ai, meu Deus.

— Foi isso que Richard disse antes de o barco embocar. Quando despertei, ele tinha sumido.

— Ah, querida, onde você está?

— Hilo, no Havaí. Cheguei aqui hoje.

— Vou até aí. Posso chegar...

— Não, tudo bem, minha mãe está vindo. — Conversamos durante mais ou menos uma hora.

Ter que reviver tudo várias vezes era torturante, mas também curava.

Depois que desligamos, eu estava esgotada. Me vi de relance no espelho da cômoda e tentei passar os dedos pelo cabelo, mas não havia jeito de passar pela bagunça emaranhada. Desisti. A noite toda, eu virei de um lado para o outro, dormindo e acordando. Queria Richard e queria que o sol nascesse. Queria que minha mãe chegasse e me levasse para casa, me levasse para longe de tudo aquilo e de tudo que inevitavelmente ainda viria. Queria continuar com a minha vida e deixar tudo aquilo para trás, mas eu sabia que havia algumas coisas que eu tinha que fazer antes. Não podia fugir.

A maior parte da noite, encarei o reflexo perolado da lua na parede e no teto da sala de lazer. De algum jeito, me sentia mais presa dentro de uma casa do que tinha me sentido ao ar livre, presa em um barco.

...

Na manhã seguinte, fiquei ansiosa para voltar ao *Hazana*. Sentia falta dele. Chris já tinha saído para o trabalho. Perry, tentando me ajudar a me sentir melhor em relação à minha aparência, me deu um vestido para usar e me ajudou a esconder o cabelo embaixo de dois lenços estilosos amarrados. Era estranho ter uma amiga de novo. Ela me disse que eu ficava melhor no vestido do que ela e, apesar de eu saber que estava estranha, valorizei os elogios — a confiança que ela tentava infundir em mim.

Deixamos Shannon na escola. Ver todas as crianças rindo, provocando umas às outras e correndo de um lado para o outro gerou lágrimas nos meus olhos. Balancei a cabeça, porque as crianças não têm a menor ideia do que pode acontecer no futuro e de como a vida pode ser difícil. Perry me perguntou se eu estava bem, concordei com a cabeça e saímos em direção à estação da Guarda Costeira. Quando entrei, Chris me perguntou se eu tinha visto todos os repórteres lá fora.

— Não — respondi, ansiosa.

Repórteres de canais de notícias, jornais e revistas estavam enfileirados no cais, esperando eu aparecer. Chris me acompanhou até lá fora e ficou ao meu lado enquanto eu era entrevistada. Os repórteres me pediam para ir para lá e para cá com o objetivo de facilitar as câmeras e os vídeos. Fiquei completamente admirada com toda a atenção e passei uma hora e meia tentando servir à mídia: sorrindo, sorrindo, sorrindo, como se tudo estivesse ótimo agora. Vejam como eu sou boa, cooperativa. Não fazia ideia que meu suplício provocaria um tumulto tão grande. Depois que os repórteres foram embora, fugi para dentro do *Hazana*. Ali, relaxei e chorei desde o fundo da minha alma, sentada sozinha, olhando para a bagunça de novo. O que deveria fazer? Eu não sabia o que fazer, nem para onde ir, nem por onde começar.

Finalmente chegou a hora de pegar um táxi para o aeroporto e encontrar minha mãe. Parada no portão, não fiquei surpresa de ver que ela foi a primeira passageira a desembarcar. Ela saiu correndo e me envolveu em seus braços. Me abraçou, me apertou, chorou comigo. Ela me embalou por muito tempo e me deixou chorar e chorar, enquanto chorava comigo. Muitas cabeças viraram. As pessoas não tinham a menor ideia do milagre desse reencontro.

Brian, namorado da minha mãe, nos guiou para fora do fluxo de tráfego de pessoas, e finalmente, quando nos acalmamos, ela me apresentou a ele. Nós nos cumprimentamos com um abraço. Havia lágrimas de compaixão em seus olhos azuis. Olhos azuis — tive que desviar o olhar.

Pegamos um táxi para a cidade e fizemos *check-in* em um bom hotel não muito longe do cais. Depois do almoço e de muita conversa e mais choro, minha mãe decidiu que íamos cuidar dos dreadlocks primeiro. A mulher do salão de beleza do

hotel deu uma olhada quando tiramos os lenços da minha cabeça e, com uma expressão horrorizada, disse:

— Não posso fazer nada com isso — depois virou e desapareceu apressada nos fundos do salão. Fiquei parada ali, atônita, e minha mãe disse:

— Vamos, querida, ela provavelmente não é tão boa assim, na verdade.

Do lado de fora do hotel, dois repórteres nos pararam e se apresentaram. Eles perguntaram se tínhamos tempo para uma entrevista e algumas fotos. Minha mãe disse que não, porque era fundamental encontrarmos um salão de beleza. Eles me perguntaram se podiam ir junto.

— Claro, se vocês conseguirem nos acompanhar... — minha mãe me cutucou com uma risadinha.

Tentamos outro salão, e eles disseram com frieza que teriam que raspar o meu cabelo. Caí no choro. Eu não ia deixar ninguém cortar todo o meu cabelo; minha identidade já estava estilhaçada, e eu já tinha perdido tudo. De jeito nenhum eu ia abrir mão do meu cabelo. Os repórteres gentilmente não documentaram isso, mas continuaram a nos seguir enquanto procurávamos outro salão de beleza. Chegamos em um shopping ao ar livre com um grande cartaz na frente dizendo: “Inauguração — House of Lantz”.

Entramos e minha mãe explicou com firmeza o que tinha acontecido comigo, e que seria bom para o salão nos ajudar por causa do interesse da mídia na minha história. Eles concordaram em tentar. Quando me inclinaram para trás na cadeira confortável, minha cabeça foi emplastrada de condicionador e desembaraçante. Fiquei sentada durante horas enquanto três cabeleireiras penteavam os nós com toda delicadeza possível. Doía como o inferno. Elas pararam quando eu não aguentava mais. No dia seguinte voltei, e elas trabalharam no lado oposto. Meu couro cabeludo doía de tanto ser puxado, mas eu não deixava elas pararem. Depois de mais quatro horas, meu cabelo estava comprido e liso. Minha mãe segurou o meu rosto, olhou nos meus olhos e disse:

— Aí está minha linda bebezinha. — Finalmente comecei a me sentir eu mesma. Não consegui agradecer o suficiente à House of Lantz, e eles tiveram muita exposição na capa do jornal local.



...

Os Crompton chegaram no dia seguinte. Nervosa, andei de um lado para o outro na área de espera do aeroporto. Eles me cumprimentaram com um abraço quando desembarcaram, e eu comecei a chorar. Fomos direto para o *Hazana*.

Enquanto nos aproximávamos do barco, só conseguia ouvir Christine dizendo:

— Ah, não. Ah, não.

Peter estava muito calado. Mesmo com o *Hazana* diante de seus olhos, eles não conseguiam acreditar nos danos.

— É incrível ele não ter afundado — disse Peter, me olhando assombrado; era um milagre eu ter sobrevivido.

Ficamos sentados na cabine de pilotagem, e eu contei a história toda mais uma vez. Tentei responder a todas as suas perguntas. Algumas explicações eu conseguia dar com clareza; outras abalavam minha base, e uma inundação de lágrimas escapava. Peter estava com sua câmera e tirou muitas fotos do *Hazana*. Christine parecia mais comovida. Eu não tinha nenhum controle sobre minhas emoções, e simplesmente fiquei sentada ali, com um fluxo infinito de lágrimas escorrendo pelo rosto.

Minha mãe foi até o *Hazana*, e apresentei-a aos Crompton. Vendo como eu estava abalada e emocionalmente esgotada, ela se transformou na “Mamãe Ursa”, insistindo que eu voltasse para o hotel e descansasse. Voltei para o hotel com ela, deixando os proprietários do *Hazana* para digerir a tragédia e descarregar suas próprias emoções.

Os Crompton organizaram tudo para mandar os itens que restaram para a Inglaterra. Ofereceram-se para entregar os pertences de Richard à família dele, se eu quisesse — o que eu achasse importante mandar. Eu tinha tirado a maioria das minhas coisas do *Hazana* nesse ponto, mas empacotar os pertences de Richard mais uma vez me fez andar em uma montanha-russa psicológica. Eu ficava tentando não me lembrar de quando ele tinha usado determinada camisa ou short. Eu me pegava pensando: *qual é o objetivo de empacotar as coisas dele?* Mas não podia simplesmente deixar tudo, porque essas coisas podiam significar alguma coisa para alguém da sua família.

A polícia foi chamada, porque nós dois registramos a saída do Taiti, mas só eu tinha entrado no Havaí. Como Richard era um cidadão britânico perdido em águas

internacionais, o trabalho da polícia era investigar. Eles foram gentis enquanto me interrogavam atentamente, mas alguma coisa estava errada: minha linha do tempo e a deles para a colisão entre o furacão Raymond e o *Hazana* e os eventos que aconteceram depois não combinavam. Por meio de repetição e redesenho, eles finalmente suspeitaram que eu devia ter ficado desacordada por vinte e sete horas, não as três que eu sempre achei. Essa informação me abalou de novo. Vinte e sete horas! Não era de admirar que o mar e o clima estivessem tão mais calmos quando despertei. Onde estaria minha mente e meu amante durante esse tempo perdido? De jeito nenhum eu poderia ter salvado Richard. Fiquei desacordada por mais de um dia. Isso significava que eu estava um dia errada na minha navegação, e mesmo assim — pelo quê, a graça de Deus, A Voz, eu mesma — tinha chegado até o Havaí? A Voz estava certa, essa era mais uma prova de que eu estava destinada a sobreviver. Mas por que ela não me disse que eu tinha ficado desacordada durante vinte e sete horas? Onde estava A Voz, afinal?

...

Um porta-voz do *Hokusei Maru*, o navio japonês de pesquisa que tinha me rebocado, veio bater no casco do *Hazana* enquanto minha mãe e eu estávamos empacotando os últimos pertences de Richard. O homem, me dando um convite impresso para uma recepção naquela noite a bordo do navio, pediu desculpas pelo convite tardio, mas tinha demorado para conseguir me encontrar. No fim daquela tarde, minha mãe, Brian e eu chegamos ao grande cais comercial onde o *Hokusei Maru* estava ancorado. Quando subimos ao navio, vimos uma mesa onde os convidados — homens de uniforme branco de gala, mulheres com vestidos de festa — estavam sendo recebidos. Olhamos, inseguros, para nossas roupas enquanto uma mulher vestida de maneira refinada perguntou se poderia nos ajudar. Entreguei o convite a ela e disse:

— Meu nome é Tami...

— Tami, Tami! — Empolgada, ela nos entregou crachás.

— Sinto muito por não nos vestir melhor, nós...

— Não importa. Você bem... está bonita. Podem entrar. — Um homem nos conduziu pela prancha de embarque. No convés, um arranjo magnífico de comidas enfeitava as mesas enfileiradas no convés de popa, e um palco com um palanque e um microfone tinha sido armado. Havia música tocando, e as pessoas estavam dançando.

Enquanto éramos levados a um bar, recebemos muitos olhares inquisitivos. Ouvi meu nome sendo repetido algumas vezes, e oficiais e marinheiros do navio começaram a se aproximar de mim. Percebi, então, que eles não tinham me

reconhecido como a mulher destruída que tinham resgatado apenas alguns dias antes. Muitas pessoas se aproximaram para ver como eu estava e para conhecer minha mãe e Brian. Tomei um coquetel havaiano enfeitado com um guarda-chuva e uma cereja vermelha. Ah, uma cereja vermelha inteira. Minha mente voltou para a pilha de pedaços de cereja vermelha da lata de salada de frutas que abri depois de mergulhar sob o *Hazana* para verificar o casco, o que, apenas algumas semanas atrás? O tempo agora estava acelerado, apesar de ter passado tão lentamente naquela época. Minha mãe e Brian dançaram enquanto eu apertava aparentemente todas as mãos do navio.

A música de repente parou, e o primeiro imediato, batendo no microfone, chamou a atenção de todos. Ele agradeceu ao público pelo comparecimento. Falando em inglês e japonês, disse que eles estavam comemorando o fim de uma pesquisa conjunta bem-sucedida envolvendo alunos de faculdades japonesas e havaianas. Continuou explicando que o que tornara a viagem mais milagrosa foi ver um sinalizador na aurora, e encontrar um veleiro sem mastro e poder ajudar a navegante — sim, ela. A multidão explodiu em aplausos, e muitas pessoas me olharam com sorrisos largos. Olhei para baixo e vasculhei perifericamente a área — para onde eu deveria correr? Minha mãe segurou meu braço.

— Sorria, querida. Está tudo bem.

O capitão foi até o microfone, e o imediato traduziu para nós enquanto ele falava em japonês com muita animação. Era a primeira vez na sua carreira, contou o capitão, que ele tinha visto e ajudado uma navegante sobrevivente de um naufrágio. Tinha sido uma honra poder oferecer o serviço de seu navio e sua tripulação, e ele gostaria de me dar um presente. Eu não fazia ideia de que seria homenageada na recepção. Minha mãe me deu um leve empurrão. Tentei manter o queixo erguido enquanto subia ao palco. O capitão fez uma reverência. Eu fiz uma reverência. Ele fez uma reverência. Eu fiz uma reverência de novo. O público deu uma risadinha, depois o capitão, e depois eu. Delicadamente, o capitão fechou um colar com um pingente de pérola preciosa no meu pescoço. Lágrimas — as infindáveis lágrimas — fluíram para o vale do meu pescoço enquanto eu dava um beijo de agradecimento na bochecha dele.

— *Mauruuru* — falei, já que não sabia como agradecer em japonês. Então, com muitos aplausos, ele propôs um brinde *banzai*, me desejando dez mil anos de boa sorte.

Eu hesitava entre um arco-íris de emoções. Estava sendo homenageada por ter sobrevivido, mas será que alguém realmente entendia que em alguns dias, quando estava no mar, eu não queria viver? Será que alguém, exceto minha mãe, via quanta tristeza e quanta culpa eu carregava pelo destino de Richard? Sabia que teria que

encontrar um jeito de aceitar que era certo eu ter sobrevivido, mas será que eu merecia dez mil anos de boa sorte?

Gostaria de ter falado mais, para o capitão e para a tripulação, de ter exposto como me senti quando vi o navio e seus rostos me incentivando. Mas só tive forças para segurar o pingente e agradecer por terem me ajudado. A cacofonia dos aplausos era quase tão exasperante para mim quanto o rugido do furacão, e quando o imediato se aproximou e ofereceu-se para nos levar para conhecer o navio, aceitei com entusiasmo.

Eu respirava fundo enquanto subíamos para o passadiço. Olhando ao redor, fiquei encantada de como estávamos tão acima do mar. Olhei para baixo e imaginei como o *Hazana* e eu devíamos ter parecido minúsculos e miseráveis para a tripulação e os alunos a bordo do navio.

...

Virando na cama na última noite em Hilo, me senti agradecida ao ver a primeira luz da aurora. Levantei e coloquei o vestido que Richard tinha me dado na noite em que me pediu em casamento no Taiti. Analisando todos os vasos de lindas flores que os familiares e amigos tinham me mandado, eu me concentrei em uma extraordinária rosa vermelha. Não era um botão jovem e fechado, mas uma flor madura, com pétalas se estendendo gloriosamente para mim. Uma única rosa vermelha, o símbolo internacional do amor. Seu aroma despertou lembranças agradáveis, um lembrete agri-doce de que a vida continua. Eu me inclinei por sobre a flor, seu aroma provocando meus sentidos como um conhaque aquecido em uma noite fria. Essa era a rosa para Richard.

Saí sorrateiramente do quarto de hotel. Enquanto andava pela rua, me senti ansiosa. Se a névoa deixasse o ar e a paleta de cores da aurora se transformasse na luz do dia, a atmosfera de que eu precisava se perderia. Virou uma corrida contra o sol. Corri. Ofegante, cheguei à beira d'água. Olhei para o horizonte — o sol estava emergindo com a suavidade de uma foca. Observei as vagas baterem no quebramar, lançando borrifos de oceano por sobre as rochas na ponta, fazendo os pássaros voarem. Inspirei o perfume agradável da rosa mais uma vez, depois comecei a andar pelo píer. Eu estava bem consciente de como sentia falta dessa hora do dia. Em muitas manhãs, já estava acordada no *Hazana*, pilotando ou chorando ou meditando na proa. Tinha sido parte da minha salvação. Eu sentia falta disso. Como poderia deixar a aurora e ir para casa sem Richard? Como iria viver sem ele? Minha vida estava um caos. Mas eu tinha sobrevivido. *Realmente* sobrevivi.

Chegando a um ponto que me atraía, desci algumas rochas e cheguei a uma pedra lisa. Então levantei o vestido e sentei de pernas cruzadas alguns metros acima do

mar. Segui os contornos das pedras de granito enquanto elas escorregavam para a água lilás. O mar parecia tão calmo. A alma de Richard devia adorar a liberdade de vagar por ele, por todo o mundo. Um vislumbre de vermelho destacou a bochecha do mar. Será que era Richard sorrindo para mim?

Ah, Richard, se ao menos... Se ao menos a minha alma estivesse destinada a voar pelo céu, pela terra e pelo mar com você, eu estaria aí. Você sabe disso, não sabe? Durante quarenta e um dias no oceano, tentei entender o que tinha acontecido com você — conosco. A única coisa que consegui descobrir é que estávamos apaixonados. Simples assim. Nada aconteceu conosco, exceto um amor louco e apaixonado. Quero dizer que nunca, jamais vou amar de novo, mas eu sou fraca. Sou fraca, Richard. Não quero ficar sozinha. Eu não gosto de ficar sozinha. Sem ninguém com quem compartilhar um sol nascente, uma dança... Quero ser mãe um dia, e depois avó. Quero ver meu jardim crescer, e acariciar filhotinhos de cachorro e gatos velhinhos, e cantar músicas de Natal com amigos. Quero amar a vida tanto quanto a amei com você — se isso for possível. Eu tenho que libertar tudo — tenho que libertar você.

Observei o sol beijar o horizonte uma última vez antes de se erguer e me levantei com um pulo. Tirando o anel de corda que Richard tinha me dado, eu o levei aos lábios.

— Juro por Deus que sempre vou te amar, Richard. — Sufocando com as lágrimas, deslizei o anel pelo caule da rosa perfeita. Delicadamente ajeitei as folhas de volta através do anel, o círculo do amor, me assegurando que os caules das folhas manteriam o anel no lugar. Inspirei sua fragrância uma última vez e joguei a rosa no mar. Eu a observei flutuando para longe, oscilando no oceano texturizado. A rosa e o anel tinham uma missão: encontrar Richard. Os gritos agudos das gaivotas me trouxeram de volta. Eu as observei voando e mergulhando para verificar minha oferta, antes de admitir para mim mesma que eu também tinha uma missão. Estava na hora de ir para casa.

EM CASA, FINALMENTE

Eu nunca me despedi do *Hazana*. A palavra “Hazana” significa “façanha, proeza ou feito” em espanhol e, pensando bem, o nome não poderia ser mais adequado. Se o *Hazana* não tivesse sido construído com tanta integridade estrutural, ele teria afundado, comigo junto. Não consigo expressar em palavras meu respeito e meu amor pelo *Hazana*, e minha admiração por Anne Wever e os construtores do *Hazana* em seu estaleiro na Holanda.

Foi uma saída vertiginosa. Quando percebi, eu estava em um avião indo em direção ao continente. Não olhei pela janela, para o mar que eu tinha atravessado lentamente tentando chegar em terra. Dormi, encolhida embaixo de uma coberta a dois assentos de distância da minha mãe e de Brian, mantendo a ansiedade perto de mim.

No aeroporto de San Diego, saltei do avião e vi a passarela repleta de pessoas, luzes e câmeras. Meu pai veio correndo, com lágrimas no rosto; ele me agarrou e me abraçou e me abraçou e me abraçou. Em seguida me levou até os meus avós, que, como sempre, sabiam as coisas certas a dizer. Muitos familiares e amigos estavam lá para me receber, me parabenizar por conseguir — por sobreviver. Não consigo me lembrar muito desse reencontro, exceto uma sensação impressionante de amor e apoio. Era mais ou menos como A Voz tinha me prometido que seria. Passei aquela noite na casa dos meus avós, no meu antigo quarto, e no dia seguinte fui para a casa

da minha mãe.

Ao longo dos meses seguintes, enquanto me esforçava para reconstruir minha vida, descobri que eu não tinha vida. Estava me debatendo, correndo de um lado para o outro como uma louca, tentando fugir da dor e da indecisão. Fiquei em casa no dia de Ação de Graças e no Natal, o tempo todo sentindo uma compulsão opressora para ir até a família de Richard e explicar cara a cara o que tinha acontecido; era o mínimo que eu podia fazer. Assim, no início de janeiro, voei até a Inglaterra.

Pousei em Londres e peguei um trem para Southampton, onde os proprietários do *Hazana*, Peter e Christine Crompton, moravam. Pela janela do trem, a paisagem bem cuidada da Inglaterra — tão diferente da selva exuberante do Pacífico Sul — passava por mim.

A casa dos Crompton era impressionante. Eles foram anfitriões graciosos, fazendo de tudo para me deixar à vontade. Peter perguntou se eu gostaria de ir com eles e alguns amigos a uma corrida de veleiros na ilha de Wight. O último barco em que eu tinha estado era o *Hazana*. A seguradora dos Crompton tinha vendido o *Hazana* no Havaí. Agora, eles tinham uma chalupa de trinta e seis pés que usavam em corridas locais e passeios nos fins de semana. Deixei para decidir no dia seguinte, mas, estranhamente, eu sentia falta da onipresença do mar, então concordei em ir. Não vencemos a corrida, mas também não ficamos em último lugar. Fizemos um bom tempo, embora o movimento do barco sacudisse lembranças latentes de velejar muito rápido com Richard. Me obriguei a ficar no presente e não me arrepender de nada. Nenhum dos amigos dos Crompton mencionou o *Hazana* nem o emborcamento, embora eu tenha certeza de que todos sabiam do assunto.

Cortesia de Charles Start e The San Diego Union-Tribune



Não fiquei com os Crompton por muito tempo, pois estava ansiosa para chegar a Cornwall e à família de Richard. Os Crompton perceberam que eu ainda estava sofrendo; eram pessoas compassivas.

De Southampton, peguei o trem para Cornwall. Fiquei na casa de Susie, irmã de Richard. Foram dias cheios de lágrimas. Susie e Richard eram muito próximos — era difícil para ela acreditar que ele estava morto. Ela percebeu que eu estava emocionalmente frágil — sorrindo em um minuto e chorando no outro —, então andamos e conversamos e compartilhamos histórias.

O pai de Richard, senhor Sharp, foi até a casa de Susie pouco depois de eu chegar. Quando ele atravessou a porta da sala de jantar e entrou na sala de estar, eu me levantei, sem saber o que fazer. Deveria abraçá-lo ou apertar sua mão? Procurei uma semelhança com Richard, mas não encontrei. Comecei a chorar e depois me surpreendi ao dizer:

— Que tal um abraço? — Ele me abraçou e meu deu tapinhas nas costas. Depois de um minuto, Susie ajudou a aliviar a situação nos fazendo sentar à mesa para almoçar. Enquanto comíamos, a conversa se manteve leve; ninguém mencionou Richard. Tudo que eu queria era falar de Richard e que eles me perguntassem sobre ele, mas era como se um muro de negação tivesse sido erguido diante de mim, então segurei a língua.

Na noite seguinte, nos encontramos para jantar na casa dos Sharp. A casa deles também era impressionante. A refeição foi bem planejada e deliciosa, mas eu beliscava nervosa a comida. Meu estômago deu um nó com a expectativa do que eu ia dizer para a família reunida.

Depois do jantar, todos sentamos na sala de estar, e eu finalmente descrevi o terrível incidente sopro a sopro. Expliquei como tentamos ultrapassar o furacão, e que Richard tinha sido um herói enquanto lutava tão bravamente para impedir danos ao *Hazana* e a mim. A família ficou sentada escutando. Nem uma pergunta foi feita. Talvez seu silêncio fosse a aceitação da tragédia — não sei.

Eu estava lá porque, no meu coração, sentia que devia essa viagem a Richard. Ele ia querer que eu contasse em primeira mão à família como ele tinha morrido bravamente. Sei que sua dor era tão profunda quanto a minha. Sei que não poderia ser mais profunda — diferente, sim, mas não mais profunda. Eu queria desesperadamente me conectar com ele, encontrar um pedaço de Richard que ainda estivesse vivo. Foi difícil encarar o fato de que não existia uma extensão de Richard,

o que só confirmava o quanto ele realmente era único.

Algumas noites depois, fui com a família Sharp jantar na casa de amigos que conheciam Richard desde que ele era um menino. A mulher me levou para um canto e, com lágrimas nos olhos, me disse o quanto o amava. Disse que ela e o marido tinham orgulho de Richard por ter ido embora para viver o próprio sonho. Ela também só conseguia balançar a cabeça, consternada com sua morte triste e prematura. Foi muito importante ela se sentir confortável o suficiente para compartilhar seus sentimentos comigo.

Encontrei o advogado da família Sharp, e ele me explicou que Richard tinha deixado o *Mayaluga* para Jurrick, marido de Susie, em testamento. Mais tarde naquela noite, falei a Jurrick que, se ele quisesse vender o *Mayaluga*, eu o compraria, porque queria continuar velejando com ele pelo mundo, como Richard e eu tínhamos planejado fazer. Jurrick me disse que faríamos um acordo.

O pai de Richard nunca chorou na minha frente, nem a madrasta. Quase dois meses tinham se passado desde que eles souberam da morte de Richard; talvez eu os estivesse levando para trás no processo de cura, e não para a frente. Finalmente percebi que não podia ajudá-los a se curarem, e nem eles a mim.

...

Quando voltei para San Diego, duas semanas depois, havia uma mensagem para mim de Peter e Ann Deeth, que Richard e eu tínhamos conhecido no Taiti. Liguei para eles em Antígua, nas Índias Ocidentais, onde eram proprietários de um hotel. Os dois tinham visto minha entrevista com Diane Sawyer no jornal da CBS e expressaram suas sinceras condolências pela perda de Richard.

Eles me perguntaram se eu planejava voltar ao Taiti. Respondi que sim, e que ainda gostaria de fazer o trabalho de envernizamento da madeira do barco deles, *Petrana*, como tinha combinado antes de Richard e eu sairmos do Taiti, se ainda quisessem. Eles queriam.

Essa conversa me fez agir. Meus pais aceitaram o fato de que eu precisava voltar ao Taiti, onde estavam todos os meus pertences terrenos, mas, mais importante, onde o *Mayaluga* estava — esperando por mim.

...

Voar até Papeete foi emocionante. Quando encarei o mar azul-piscina reluzente, me lembrei de todos os momentos preciosos que eu tinha vivido com Richard. Peguei minha bagagem de mão no compartimento superior, saí correndo do avião e do aeroporto e chamei um táxi. Eu não podia chegar rápido o suficiente ao *Mayaluga*. O táxi me levou até Mataiea. Não havia ninguém na casa de Antoinette e Haipade

quando cheguei lá, então andei até a praia e fiquei em pé ali. Lá estava o *Mayaluga* flutuando, a bela chalupa que Richard tinha construído da proa à popa. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. Jogando a bagagem em nosso velho bote, eu o arrastei até a água e remei como louca para chegar até ele.

Quando abri a gaiuta de escotilha, o ar quente, como um suspiro de alívio, escapou, roçando no meu rosto. Desci alguns degraus da escada, sentei e chorei até esgotar minha última lágrima. Como Richard não estava aqui? Eu realmente achava que ele ia aparecer milagrosamente? Me senti totalmente sozinha mais uma vez.

Algumas horas se passaram. Enquanto estava sentada na cabine de pilotagem, ouvi a família Topa chegar em casa. Eu os observei por um tempo, depois senti vontade de ir cumprimentá-los. Quando remei até a orla, todos correram para me cumprimentar. Foi um reencontro feliz e triste ao mesmo tempo. Eles tinham ouvido falar da morte de Richard. Agradei por terem cuidado tão bem do *Mayaluga* e expliquei que agora eu estava de volta para terminar nossa viagem pelo mundo todo. Eles não gostaram da ideia de eu ficar sozinha no barco, pelo menos não enquanto ele estava atracado tão perto da casa deles. Antoinette me convenceu a ficar em terra por um tempo e morar com sua família. Ela estava certa; era melhor eu fazer parte de um núcleo familiar.

...

Toda manhã começava como um trem: as rodas começando a girar devagar, até que a casa toda estava de pé a toda velocidade. Os que iam para o trabalho e para a escola se espremiavam no carro. Íamos primeiro até a cidade e ao lugar preferido de Haipade para comer *poisson cru* — peixe marinado — e croissants no café da manhã. Depois, eles me deixavam no estaleiro, onde eu estava terminando de envernizar a madeira do *Petrana*.

O *Petrana* era um brigue Cheoy Lee de quarenta e oito pés. Eu esvaziava, lavava e lixava com muito cuidado, e depois aplicava dez camadas de verniz. Uma vez, estava tão concentrada no projeto que não percebi o efeito do sol tropical flamejante e desmaiei por causa do calor. Um homem que trabalhava em outro barco me viu cair e me levou ao centro médico, onde a equipe me fez beber água e deitar com um pano frio na testa. Na segunda vez que comecei a me sentir fraca, percebi o que estava acontecendo e parei de trabalhar naquele dia. Eu não era mais forte como costumava ser.

Fazer o acabamento do *Petrana* foi a melhor coisa para mim naquela época. Isso me manteve funcionando e longe de mergulhar na depressão quando eu me lembrava de Richard em todos os lugares que via. Quando os Deeth chegaram, ficaram encantados com a aparência do *Petrana*. Lançaram o barco imediatamente,

e passamos muitas noites sentados na cabine de pilotagem conversando. Era agradável relembrar com pessoas que conheciam Richard e compartilharam bons tempos conosco.

Durante esse tempo, escrevi cartas para Jurrick, cunhado de Richard, tentando fazer um acordo em relação à compra do *Mayaluga*. Tristemente, Jurrick e eu nunca chegamos concordamos em termos de preço. Ele disse que não tinha condições de doar o barco. Enquanto isso, eu era firmemente aconselhada, por pessoas que queriam o meu bem, a não pagar uma fortuna por ele, não importa quanto valor sentimental estivesse envolvido. Foi uma época triste, confusa e frustrante.

Jurrick escreveu para me dizer que ia contratar um homem que tinha feito uma circum-navegação para voar até o Taiti e velejar com o *Mayaluga* de volta para a Inglaterra. Não sei descrever como me senti desolada. Tive algum tempo para tirar minhas posses do barco. Eu me senti expulsa do *Mayaluga* — do nosso *Mayaluga*. Dava para sentir a alma de Richard chorando.

Como eu estava sem barco e sem direção, os Deeth me convidaram para encontrar com eles em Bora Bora e fazer parte de sua tripulação até Fiji. Agarrei a oferta. Tirei o que era meu do *Mayaluga* e guardei na casa dos Topa, enquanto decidia o que vender e o que mandar para casa. Mande para casa minha linda coleção de conchas, tapas que tínhamos comprado nas Marquesas, fotos, cartas e itens que eu não poderia levar. Com a última das minhas posses carregada no bote, desci no *Mayaluga* e me ajoelhei na cabine-V. Estiquei o braço na almofada e apoiei o rosto na cama. Foi aqui que eu aprendi sobre o amor verdadeiro. Ah, Richard — Richard, Richard, Richard. Com o coração pesado, entrei em um avião e não olhei para trás enquanto partia para Bora Bora.

...

Os Deeth velejaram o *Petrana* do Taiti até Bora Bora com alguns familiares a bordo. Depois que a família foi embora e eu cheguei, velejamos até o atol de Mopelia, que também faz parte do grupo do arquipélago da Sociedade.

Mopelia era mágica. Nadamos na lagoa clara e reluzente e andamos pelas praias de areia branca. Eu estava começando a me curar. Colhemos ovos das milhares de andorinhas-do-mar colocados nos recifes de corais. Os ovos são deliciosos quando você supera a cor laranja forte que assumem quando são cozidos.

Enquanto passava horas colhendo conchas na areia, eu pensava muito. A maior parte do tempo, meus pensamentos flutuavam até Richard e o tempo precioso que compartilhamos fazendo o que eu agora estava fazendo sozinha. Ainda me sentia vazia e confusa, mas sabia que estava seguindo o caminho certo voltando para o mar e para o estilo de vida que eu adorava.

De Mopelia, velejamos até o atol Suvarrow para ver o lar do famoso eremita, o falecido Tom Neale. Quando chegamos, encontramos o iate *Fleur d'ecosse* atracado na baía. Ele pertencia a Anne e Ron Falconer, que Richard e eu conhecemos enquanto viajavamos pelas Marquesas.

Andando pela praia, seguimos a trilha de corais esmagados até a cabana de Neale, onde encontramos uma grande placa de pedra. A inscrição dizia: 1959—1977 *Tom Neale viveu seu sonho nesta ilha*.

Anne e Ronald estavam morando na cabana de dois cômodos — Anne estava prestes a ter o primeiro bebê, por isso eles estavam com medo de se mudar. Havia galinhas correndo por ali, e o pequeno jardim de Tom Neale florescia com vegetais e plantas tropicais. Os Falconer ficaram felizes de me ver de novo e de conhecer os Deeth. Dentro da cabana, eles nos mostraram o diário de bordo que navegantes assinavam como prova de que tinham visitado o atol. Era fascinante ver quantos navegantes tinham vindo de longe para explorar Suvarrow. Até sobreviventes de iates encalhados nos recifes tinham morado na cabana até serem resgatados.

Ficamos em Suvarrow durante uns três dias, depois velejamos para a Samoa Americana, onde poderíamos reabastecer a caminho de Fiji. O porto de Pago Pago era sujo e cheio de fábricas de atum, mas, com uma caminhada por sobre a selada da montanha até o outro lado da ilha, encontramos belas praias de areia branca.

Com os compartimentos de comida lotados, partimos para as ilhas Vava'u no Reino de Tonga, onde nos encontramos com o filho dos Deeth, o jovem capitão de um iate particular de cem pés, o *Catalina*. O iate tinha seis tripulantes e todos os brinquedos com os quais alguém pudesse querer brincar: veleiros laser, pranchas de *windsurf* e barcos Cigarette rápidos, só para citar alguns. Curtimos piqueniques na praia, degustando comidas gourmet e brincando com tudo.

Infelizmente, as férias dos Deeth estavam chegando ao fim. Quando liguei para minha mãe e soube que ela e Brian iam se casar, decidi ir para casa. Fiquei feliz por ela querer que eu fosse sua dama de honra. Os Deeth encontraram uma ancoragem segura e um zelador para o *Petrana*. Quando partiram, fiquei para pintar o interior do barco como tinha concordado em fazer. Depois, fui para o casamento em San Diego.

No voo para casa, me perguntei se um dia me acostumaria a estar em uma área remota em um minuto e voando para o subúrbio no seguinte. Quantas milhas eu tinha atravessado nos últimos seis meses? Tudo que eu queria era velejar para sempre com Richard.

Era maravilhoso ver minha mãe apaixonada. Ela e Brian se casaram na casa dos pais de Brian, com vista para o Oceano Pacífico em Sunset Cliffs, Point Loma,

Califórnia. Usei uma saia de seda cor de vinho enrolada, com aves-do-paraíso pintadas à mão. As flores pintadas ondulavam nos meus quadris e subiam até uma blusa combinando. Minha mãe usava um vestido marfim de renda que mostrava sua silhueta atraente. Ela estava linda — eu estava muito orgulhosa e feliz.

...

Brian, agora meu padrasto, tinha se matriculado na escola de navegação em San Diego para obter sua licença de capitão para barcos de cem toneladas. Minha mãe sugeriu que eu me matriculasse também. Por que não? Eu tinha me mudado para o iate do meu amigo para dar um pouco de espaço para os recém-casados, e não sabia muito bem o que queria fazer em seguida. Estava com vinte e quatro anos.

Acabei conversando com um velho amigo da época do *Sofia*, Evan, que era capitão de uma escuna de três mastros com cento e seis pés, *Rambler*, na costa leste. A empresa para a qual ele trabalhava, Ocean Research and Education Society (ORES), estava procurando imediatos licenciados, e Evan disse que, se eu conseguisse a licença para barcos de cem toneladas, eles provavelmente me contratariam. Portanto, me matriculei.

Eu era a única mulher na turma de cerca de quinze homens. Ia para a escola três noites por semana, três horas por noite, durante oito semanas. Achei difícil estudar. Eu não conseguia me concentrar. Brian me ajudou.

Nós dois passamos na prova de capitão, e três semanas depois eu era segunda imediata a bordo da embarcação de pesquisa *Rambler*. O navio estava fazendo um trabalho científico em Silver Bank, um recife marítimo a cerca de duzentas milhas a nordeste da República Dominicana.

Eu me senti aliviada por finalmente ter uma direção. Fiquei a bordo do *Rambler* durante três meses, da República Dominicana até Gloucester, Massachusetts, seu porto de origem.

Fui contratada para mais seis meses como primeira imediata do *Rambler* e velejamos de Gloucester, Massachusetts, até Labrador, uma província do Canadá, e de volta. Velejar contornando icebergs era emocionante; de algum modo, a aventura ajudou a derreter o meu coração congelado. Depois daqueles seis meses, era hora de seguir em frente.

...

De volta a San Diego, passei o ano seguinte trabalhando com minha mãe e Brian no negócio de administração de iates e sendo capitã de um trimarã fretado chamado *Continental I*. Mas, depois de tanto viajar e explorar, eu queria um ambiente mais íntimo, com ritmo mais lento. Um local que tivesse mais ar fresco e natureza do que

concreto.

Durante esse ano, viajei para a ilha San Juan, no canto noroeste do estado de Washington, para visitar minha amiga Laura. Fiquei encantada com o fato de ela nunca trancar a porta da frente e poder caminhar pela floresta sem medo. Ela sempre cumprimentava outros ilhéus com um aceno, e eles sorriam e acenavam em resposta. Vi cervos, perus-selvagens, águias, lontras e baleias. Meu coração cantava; parecia o meu “lar”. Aqui estava o oceano que jamais poderia abandonar e a terra verde de Deus que eu desejava amar, tudo em um só lugar.

De volta a San Diego, o Pacífico Noroeste soprava na minha mente e me fazia dormir à noite. Eu me lembro de como a densa floresta esmeralda da ilha descia serpenteando até o mar. Ela parecia me chamar.

Poucos meses depois, me mudei para a ilha San Juan, em Washington. Agora, por fim, realmente estava em casa.

Eu fazia longas caminhadas pelo Mount Young, e pela South Beach ou pela propriedade do laboratório da Universidade de Washington, sempre descansando em algum ponto com uma linda vista do mar. Atualmente, era raro chorar, e eu ficava impressionada quando me pegava sorrindo — envolvida em uma lembrança maravilhosa com Richard.

Finalmente chegou o dia em que, perto da beira d’água, vi um reflexo diferente de mim mesma. As ondas sopradas pelo vento bagunçavam minha imagem espelhada.

— Olhe só pra você — falei em voz alta —, está bonita. Já era hora. Hora de destrancar seu coração também. De deixar outra pessoa te amar; de amar outra pessoa. Está tudo bem. Richard quer que você faça isso.

Caí para trás como quando os tubarões-galha-preta de olhos redondos apareceram na minha frente enquanto eu procurava conchas em Raroia.

Será que era A Voz falando comigo? Ou era eu mesma falando? Tudo que sei é que senti que a febre tinha passado, e a sensação de alívio era indescritível. Eu me levantei com um pulo e corri pela trilha remota. Quando cheguei a um ponto de terra com uma vista de beleza insuperável, congelei. Depois, como um vulcão em erupção, estendi os braços para o céu, inclinei a cabeça para trás e rosnei como um animal libertado — obrigando a última gota de tristeza a deixar minha alma.

Hoje, sou chamada com frequência para falar em iate clubes. Eles querem que a “sobrevivente do furacão” conte sua história ao vivo. A primeira coisa que destaco quando faço essas palestras é que não estou contando minha história para assustar nenhum futuro navegante da água azul, mas para encorajar qualquer pessoa que tenha o sonho de navegar. A vida de navegante é completa: cheia de aventuras, aprendizados, liberdade e diversão. Enfatizo que compartilho a minha história para informar a todos que vão para o mar, homens ou mulheres, da importância de estar preparado para assumir o papel de capitão. É responsabilidade de todos a bordo de um veleiro, incluindo as mulheres, aprender tudo que puderem sobre a operação do barco, além de navegação. É crucial aprender o básico de como usar uma carta de navegação, interpretar coordenadas de GPS e plotar uma linha de posição. No mundo de hoje, dos equipamentos eletrônicos de alta tecnologia, ter um sextante a bordo é uma raridade. No entanto, atravessar o oceano é uma tarefa imensa, e estar preparado é fundamental. No fim, os itens que salvaram a minha vida não precisavam de bateria.

A pergunta que me fazem com mais frequência quando faço uma palestra é:

— O que você faria diferente, se tivesse que repetir tudo?

Meu primeiro instinto é dizer que eu pediria a Richard para esquecer da tarefa de entrega e seguir com os nossos planos. Mas isso só funciona em uma visão retrospectiva. Então, respondo com sinceridade que eu não provocaria a Mãe

Natureza tentando velejar por uma longa distância na água azul durante nenhuma época da temporada de furacões. Reforço que a Mãe Natureza é maior que todos nós, e que é importante navegar nas temporadas de vela.

A segunda pergunta que mais me fazem é:

— Se estivesse de novo na mesma situação no mar (Deus me livre), o que você faria diferente? Voltaria? Colocaria uma âncora de mar? Faria com que os dois descessem?

Tenho que balançar a cabeça para essa pergunta, porque ela é difícil de responder. Não tenho uma resposta direta. Eu queria que Richard tivesse descido comigo, mas é difícil abrir mão do controle do timão, especialmente quando você sente que o pior está prestes a passar e a situação está mais ou menos sob controle. Nós fizemos o melhor que podíamos. Então não sei o que poderíamos ter feito diferente.

Nunca vou entender por que Richard morreu e eu sobrevivi, mas sei que ele salvou a minha vida me fazendo descer. Apesar de sua vida ter sido interrompida, ele me marcou muito, me ensinou a seguir o meu coração soltando as cordas da vida cotidiana normal e velejando em busca de aventura. Richard sempre será meu herói, e eu sempre vou amá-lo. Sou grata por estar viva e, em respeito a ele, continuo a seguir seu exemplo, levando a vida com paixão, amor pelo mar e um compromisso de encontrar a luz mesmo nos momentos mais sombrios.

Pela minha história, espero que você também encontre inspiração e força. Acredito que foi destino — vontade de Deus — o fato de eu ter sido poupada. Não era a minha hora. E, depois de passar quarenta e um dias sozinha, a única mensagem consistente que recebi de Deus, ou de uma força superior, ou do universo, ou da Voz é que nós, como indivíduos, *temos* cada um o nosso próprio destino. Acredito que Deus realmente trabalha “de maneiras misteriosas”. Essa é a minha crença — o curso pelo qual navego minha vida.

EPÍLOGO

Hoje em dia, tenho uma vida feliz e harmoniosa em Friday Harbor, na ilha San Juan, em Washington, onde sou proprietária e administradora de dois negócios bem-sucedidos. Ser empreendedora me dá uma sensação de realização, e adoro trabalhar no meu ritmo, ser minha chefe e ter clientes felizes.

Em 1992, me apaixonei por um homem muito talentoso, Ed Ashcraft, e nos casamos em 1994. Ele me chamou para dançar no Grange Hall em uma noite de sexta-feira. Seu braço era forte na minha cintura, seu aperto confiante e seguro. Ele me olhou direto nos olhos e sorriu com tanto carinho que eu me derreti. Ele também tem olhos azuis, só que não lápis-lazúli: são mais leves, mais suaves, de um azul-claro como o céu em um dia de sol sem nuvens. Uma dança levou a outra e outra. Nós nos movíamos com perfeição juntos, flutuávamos.

Ed constrói casas ideais para clientes e construiu uma para nós. Ele me trata como uma rainha nos momentos mais surpreendentes. Ele me ama profundamente e compartilhamos sonhos e objetivos semelhantes. Somos amantes e amigos, e fazemos o outro rir.

Minhas maiores realizações, além de sobreviver ao furacão, foram dar à luz nossas filhas: Kelli, em 1995, e Brook, em 1997.

Todos nós adoramos estar na água, e uma das minhas lembranças mais agradáveis é velejar no nosso quarter-tonner de vinte e seis pés, *Blondie*, com Kelli sentada no meu colo a estibordo da cabine de pilotagem. Estávamos perto da vau quando ela estendeu a mão ansiosa para o timão de teca e abeto.

— Quer me ajudar a pilotar, Kelli? — perguntei, enquanto guiava sua mãozinha

minúscula até a superfície macia da madeira em arco. Virando o timão lentamente na nossa direção, falei: — Assim é contra o vento.

— Contra o vento — repetiu ela.

Depois, empurrando o timão para longe, sussurrei com um suspiro:

— E assim é a favor do vento.

Kelli virou e me olhou com os grandes olhos azul-claros do pai, sentindo alguma coisa diferente em minha voz, talvez melancolia. Olhei para o seu rosto belo e inocente, desejando poder prometer que sua vida sempre seria velejada com a quilha reta, mas eu sabia que tinha que lhe dizer a verdade. Beijeí sua testa acetinada e confessei:

— A vida é como velejar, meu amor. É contra o vento e a favor do vento. — Ela sorriu e eu sorri, e papai afrouxou as escotas e depois desceu para pegar Brook, que tinha acabado de acordar de um cochilo.

Brook nasceu na lua da colheita, às 12h45, com a bolsa amniótica ainda intacta.

© South Bay Fotografia



— Isso é uma raridade — disse minha parteira Melinda. — Existe uma lenda das mulheres antigas, você conhece?

— Não — respondemos.

— A lenda é que uma criança que nasce com o revestimento do embrião nunca vai se afogar nem se perder no mar.

Minha respiração ficou presa. Melinda não sabia da minha tragédia no mar. Eu me lembro de estender a mão para Brook, pegá-la nos braços e analisar cada parte do seu rostinho de recém-nascida. Ela estava amassada, úmida, chorando — tinha muito cabelo, como Ed, Kelli e eu. Levei-a ao seio e a abracei em segurança.

Graças a Deus, ela nunca vai se perder no mar. Porque, como minha mãe me disse uma vez:

— Tami, se você ficasse perdida no mar, eu nunca, nunca, nunca ia deixar de procurá-la.

GLOSSÁRIO

À PROA À frente do barco; oposto à popa.

ADERNAR Virar para um lado, como “o barco estava adernando muito”.

ADRIÇA Cabo usado para içar uma vela e/ou bandeira.

AMARRA DA ÂNCORA Cabo preso à corrente da âncora.

ÂNCORA DE MAR OU DROGUE Um dispositivo, geralmente cônico ou em forma de funil, com extremidades abertas, rebocado por um barco, avião ou outro objeto em movimento para reduzir a velocidade ou melhorar a estabilidade.

ANEL EM FORMA DE D Anel de aço inoxidável através do qual um cabo pode ser passado.

ANEMÔMETRO Instrumento que mede a velocidade do vento.

ANTEPARA Divisória do barco. Parede que separa os camarotes de um barco que oferecem apoio ao casco pelo través — de lado a lado.

AQUARTELAR Lançar o timão para um lado e lançar a vela de proa para o outro, colocando-se em uma posição estacionária.

ARFAR Embicar e capotar no mar, quando se fala de um barco.

ARRIBAR Virar a sotavento (arribar) até o barco velejar com o vento de popa.

ATOL Um recife baixo em forma de anel que cerca uma lagoa.

BALAÚSTRE Peça de metal presa ao convés para apoiar os cabos do guarda-corpo; balaustrada.

BARÔMETRO Instrumento utilizado para medir a pressão atmosférica.

BOMBORDO Lado esquerdo de um barco.

BORRASCA Tempestade de vento, normalmente breve e violenta, e frequentemente com chuva.

BRAÇOLA Rebordes laterais ao redor de uma cabine de pilotagem, feita para impedir a entrada de água.

BUJARRONA (BUJA) Vela triangular colocada em um estai à frente do mastro.

CABINE DE PILOTAGEM Área abaixo da superfície do convés de um barco, onde se localiza o timão — volante.

CABINE DE PROA Cabine na proa do barco.

CABO DE SEGURANÇA Cabo que se estende pelo comprimento do barco; os tripulantes podem prender os cabos do colete de segurança para se movimentarem pelo convés.

CABO Termo náutico para corda.

CADASTE OU EIXO DO LEME Haste vertical do leme, que permite que ele gire sobre o eixo quando o timão ou roda do leme é operado.

CAIXA DE BÚSSOLA Suporte ou pedestal que guarda a bússola, normalmente localizado na área de pilotagem.

CALMARIA Nenhum vento.

CAMBAR/CONTRAESTEIRA (1) Cambar; alterar o curso de navegação. (2) Contraesteira. Canto inferior frontal de uma vela de proa e popa.

CAPOTA TIPO DODGER Capota ou para-brisa, normalmente de lona e plástico ou fibra de vidro transparente e acrílico, usada para reduzir o vento e os borrifos na cabine de pilotagem. (*Ver também* para-brisa.)

CHALUPA Barco com um mastro e uma vela de proa.

compartimento do assento Compartimento para estocagem localizado embaixo de um assento.

CONDUZIDO Arrastado pela corrente.

CONTRAVENTO Velejar na direção em que o vento está soprando, ou o mais perto do vento que seja eficientemente possível. Muitas vezes significa fazer progresso velejando em ziguezague.

CRUZETA Escora de madeira ou metal em um mastro que mantém os estais

esticados.

CÚTER Veleiro de pequeno porte com um mastro, com uma vela mestre e duas velas de proa, uma vela de estai e uma buja ou genoa.

DIÁRIO DE BORDO Livro de registro de uma viagem.

ENVERNIZAMENTO (BRIGHTWORK) Madeira envernizada. Partes em madeira que são lixadas e envernizadas, não pintadas.

EPIRB Radiobaliza indicador da posição de emergência.

ESCOTA Cabo usado para controlar a posição de uma vela.

ESCUNA Barco com velas de proa e popa, com dois mastros ou mais, com o mastro principal sendo o mais alto ou igual ao mastro de proa.

ESPIA Cabo muito grosso.

ESTAÇÃO DE NAVEGAÇÃO Área dentro do barco designada para a navegação.

ESTAI Cabo de aço que suporta um mastro na proa e na popa.

ESTAI DE POPA Cabo, normalmente de aço, que dá suporte ao mastro na popa.

ESTAI DE PROA Estai móvel que passa do convés de proa até o mastro só para suportá-lo.

ESTAI DE PROA Estai, normalmente um cabo de aço inoxidável, que corre da proa — parte da frente de um barco — até o topo do mastro.

ESTAI LATERAL OU BRANDAL Cabo de aço preso na lateral de um barco ao topo do mastro, para oferecer suporte de través — lateral — ao mastro.

ESTIBORDO Lado direito de um barco.

FERROCIMENTO Mistura de cimento, areia e pozolana — um agregado fino — argamassada em uma estrutura de varetas, canos e tela de arame.

FINCA-PÉ Ponta elevada ao redor do convés de um barco.

GAIUTA DE ESCOTILHA A entrada e os degraus do convés para a parte interior do barco.

GALÉ Cozinha de um barco.

GARLINDÉU Instrumento que conecta a retranca ao mastro.

GENOA Vela de proa triangular grande que se estende além do mastro.

GUINCHO Guincho que tem um tambor horizontal e pode empunhar cabos e/ou correntes.

GURUPÉS Trave, normalmente de madeira, que se estende para a frente na proa do navio.

HIDRÁULICA Máquina operada pelo movimento e força dos líquidos.

LEME Placa submersa com dobradiça vertical de metal ou madeira que é ajustada pelo timão para pilotar o barco.

LINHA D'ÁGUA Linha horizontal no casco de um barco, indicando o deslocamento determinado.

LINHA DE VIDA Cabo que prende um colete salva-vidas a um barco.

MANILHA Conexão de metal em forma de u com um olho em cada braço, através do qual um pino pode ser aparafusado ou movido.

MASTRO DE MEZENA Mastro mais próximo da popa em um brigue ou veleiro.

MEIA-NAU No meio do barco, na parte mais larga.

MOITÃO Roldana.

MORDEDOR DE CABO Peça de madeira, metal ou plástico ao qual os cabos são presos.

NAVEGAÇÃO ESTIMADA Cálculo do curso velejado, da distância percorrida, do fluxo da corrente e do tempo, usado para determinar a posição de um barco no mar.

NAV-SAT Navegação por satélite. Instrumento que recebe as coordenadas de satélites para navegação.

NÓ Medida de velocidade, 1 milha náutica por hora, cerca de 1,15 milhas terrestres por hora.

PARA-BRISA Uma capota que bloqueia o vento. (*Ver também dodger.*)

PÉ DA VELA Parte mais baixa de uma vela.

PINO DE MANILHA Pino preso em uma conexão em forma de u para segurar um item do cordame.

POPA Perto da traseira ou dos fundos do barco.

PORÃO Parte interna mais baixa do casco de um barco.

PÚLPITO Guarda de aço inoxidável ao redor da proa ou da popa de um barco.

PUNHO DA VELA O canto inferior de uma vela, onde se prendem as escotas ou cabos.

PUNHO DE MACACO Nó na ponta de um cabo, usado para jogar.

QUILHA Elemento de proa e popa ao longo do centro da parte inferior do barco, no qual a estrutura do barco é construída.

RETRANCA Vara horizontal que sustenta a base de uma vela.

RIZAR Reduzir o tamanho de uma vela para diminuir a área exposta ao vento.

SOTAVENTO Lado oposto ao que o vento está soprando.

SUPORTE DE RETRANCA Suporte que apoia a retranca quando não está em uso.

TABERNÁCULO Compartimento no convés que apoia o pé e o pivô de um mastro para que ele possa ser arriado até o convés.

TESTA (1) Lado da vela preso ao mastro. (2) Ato de apontar o barco para o vento, panejando as velas.

TIMÃO Roda do leme de um barco.

TIMÃO/CANA DE LEME Alavanca usada para pilotar um barco.

TOP DA VELA (1) Banheiro. (2) Canto ou ponta superior de uma vela.

TRAVE Qualquer poste que apoia a vela de um barco: por exemplo, mastro, gurupé ou retranca.

TRIMAR Ajustar, regular a escota de uma vela para que ela fique colocada corretamente.

VELA BALÃO Vela de três cantos feita de tecido de vela leve e esticado, usada ao velejar de vento em popa.

VELA DE ESTAI Vela triangular usada entre a vela de proa e a vela mestre.

VELA DE PROA Vela triangular colocada na frente do mastro principal.

VELEIRO KETCH OU BRIGUE Barco com dois mastros com o mastro da mezena colocado em frente ao cadaste do leme. (*Ver também* mastro da mezena.)

VENTO DE TRAVÉS Navegar quando o vento está atingindo a meia-nau — lateral do barco.

VENTO SUJO Vento resultante de uma vela de proa para barlavento — lado oposto ao que o vento está soprando — de uma vela de popa.

VENTOS ALÍSIOS Sistema extremamente consistente de ventos que ocupa a maior parte dos trópicos.

VHF Rádio de frequência muito alta, normalmente eficaz para curtas distâncias e dentro da linha de visão.

VIAGEM DE TESTE Teste de velejar; teste de mar.

VIRAR Mudar o rumo do barco, indo em direção ao vento até as velas guinarem sobre o barco.

AGRADECIMENTOS

Sem a ajuda e a dedicação de muitas pessoas, a ideia de colocar minha história em um livro teria continuado apenas em minha cabeça. Em todas as viradas, este livro criou vida própria. Gostaria de agradecer às diversas pessoas que o ajudaram a se desenvolver, e aos meus amigos e familiares pelo apoio infinito.

Sou especialmente grata a Marie Ashcraft por editar cuidadosamente cada revisão. A Oscar Lind, que se tornou um farol na névoa. Lynne Mercer, por seu desafio de “faça o que diz”. Debbie Bledsoe, cuja energia é contagiante. Mitzi Johnson, por sua conceitualização. Steve e Eric Brandt, que me deram conselhos e inspirações inestimáveis. Teri Thompson, Cathy Johnson, Mary Stone, Neva Beach e Gerard Woldtvedt pelas horas de edição que mantiveram este projeto no curso. Bruce Conway, que é um mago do Mac e cujos conselhos eram precisos. Dorothea Augutziny, uma força inspiradora que me anima.

Um agradecimento generoso à Jill Grinberg, minha agente, pela escolha de destinos de férias que mudaram minha vida. A Peternelle van Arsdale, por sua caneta gentil. Que joia trabalhar com você.

Obrigada a Jon Cassir, da CAA, por encarar essa e pensar fora da caixa. Obrigada a Jessica Sindler e à equipe da Dey Street Books pela paciência e pela orientação, a Tom Killingbeck e à equipe da HarperUK pelo apoio.

Um grande *aloha* para Aaron Kandell e Jordan Kandell, cuja amizade leal e persistência são o motivo de o filme *Vidas à deriva* se tornar realidade. Obrigada a Baltazar Kormákur, cuja paixão criativa e atenção aos detalhes fazem dele o melhor.

Meu agradecimento e encantamento pelo elenco de *Vidas à deriva*, incluindo Shailene Woodley e Sam Claflin, que trabalharam incansavelmente no implacável mar aberto dia após dia.

Agradeço à equipe de filmagem e à comunidade dos bastidores que estavam lá o tempo todo para dar apoio e foram verdadeiramente vitais para o sucesso da produção. Sou eternamente grata à STX Productions, que se adiantou e transformou meu sonho em realidade.

Tenho verdadeira gratidão por Susea McGearhart pelo entusiasmo e foco neste projeto, porque sem ela este livro ainda seria apenas um sonho. Obrigada a Gene Gearhart por escalar Susea nessa longa jornada de escrita.

Obrigada à minha família: à minha mãe por me dar energia e força para encarar a vida de frente. Aos meus queridos avós Oldham por me inculcarem seus valores e por serem a estabilidade na minha vida. Ao meu pai, prova viva de como se divertir na vida, pelo apoio moral. Ao meu irmãozinho, Dane (que não é tão pequeno), que me deu vontade de viver quando eu estava no fundo do poço.

Ao amor da minha vida, Ed: obrigada pelo seu compromisso total comigo e com nossa família. Sua paciência ao longo deste projeto foi comovente.

Obrigada às minhas meninas, Kelli e Brook, que me ensinaram sobre amor incondicional, e tornaram o motivo real para eu viver.

Primeira edição (julho/2018)
Tipografias Adobe Devanagari



TAMI OLDHAM ASHCRAFT É UMA ÁVIDA MARINHEIRA. Capitã licenciada, ela compartilha suas experiências e já registrou mais de cinquenta mil milhas ao mar. Atualmente, ela mora com o marido e a família em Friday Harbor, Washington.

SUSEA MCGEARHART é uma escritora freelancer que navega há mais de vinte anos.

Tami e Richard, que se conheceram e se apaixonaram em uma marina no paradisíaco Taiti, viveram uma intensa história de amor até o destino interferir nesse sonho e lhes pregar uma peça.

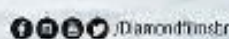
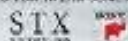
O que era para ser uma viagem tranquila e romântica se transforma em desespero após a passagem do inesperado furacão Raymond.

Vidas à deriva é uma história real sobre a força de um casal que encarou a fúria da natureza e enfrentou a morte de perto. Tami, ao compartilhar sua história, nos faz lembrar que, mesmo nos momentos mais sombrios, o amor nos mantém vivos.

VIDAS À DERIVA

STX FILMS LAKESHORE ENTERTAINMENT HUAYI BROTHERS PICTURES E INGENIOUS APRESENTAM
UMA PRODUÇÃO: RYK STUDIOS UM FILME DE: BALTAZAR KORMÁKUR "ADRIFT" SHAILENE WOODLEY SAM CLAFLIN
MONTAGEM: VOLKER BERTELMANN EDIÇÃO: JOHN GILBERT ACE: DENNIS PERAZICH HEIMIR SVERRISSON
SUPERVISOR DE FOTOGRAFIA: ROBERT RICHARDSON, ASC PRODUTORES EXECUTIVOS: RALPH WINTER SHAILENE WOODLEY
MAGNUS VIBAR SIGURDSSON ANDREA SCARSO STEPHEN FLUSS
TOM ROSENBERG GARY LUCCHESI ERIC REID WANG ZHONGJUN WANG ZHONGLEI
FELICE BEE ROBERT SIMONDS ADAM FOGELSON DAVID KOSSE
PRODUTORES: BALTAZAR KORMÁKUR AARON KANDELL JORDAN KANDELL
BASEADO NO LIVRO DE TAMI OLDHAM ASHCRAFT COM: SUSEA MOGEARHART
ROTEIRO POR: AARON KANDELL & JORDAN KANDELL E DAVID BRANSON SMITH
DIRIGIDO POR: BALTAZAR KORMÁKUR

AL SUM DE TIEN HA SONO SA EM



ADRIFT © 2018 STX PRODUCTIONS, LLC. ARTWORK AND SUPPLEMENTARY MATERIALS © 2018 STX FINANCING, LLC. ALL RIGHTS RESERVED.



O VAZIO
É UMA NOVA
OPORTUNIDADE
DE SE PREENCHER.

PURO ÊXTASE

Josy Stoque



Puro êxtase

Stoque, Josy

9788582463482

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Trinta anos, bonita, bem-sucedida, casada. Aparentemente, não faltava nada na vida de Sara, mas não era bem assim. Faltava amor, cumplicidade e estímulo. Faltava se lembrar de que estava viva, e o divórcio foi uma maneira dolorosa de entrar em contato com essa realidade. Agora, é tempo de recolher os pedaços e se reinventar. Resgatar os amigos esquecidos, investir na carreira, ser dona do seu futuro. Uma noite, um bar, um estranho. Pouco a pouco, todos os preconceitos são deixados de lado. E todas as possibilidades de prazer se tornam reais. Puro êxtase é o livro mais ousado de Josy Stoque. Dispa-se dos preconceitos e venha se surpreender com a coragem de Sara.

[Compre agora e leia](#)



AuthenticGames: Vivendo uma vida autêntica

Túlio, Marco

9788582463147

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O mineiro Marco Túlio sempre foi apaixonado por games. Tão apaixonado que decidiu enfrentar a timidez e criar um canal no YouTube para falar dos jogos de que gostava. Com seu jeito simples e engraçado, Marco Túlio transformou o AuthenticGames em ponto de encontro para quase 4 milhões de crianças e adolescentes. É lá que eles trocam ideias, aprendem estratégias secretas sobre Minecraft e acompanham as séries exclusivas. Neste livro, os fãs vão saber como surgiu o projeto do canal, quem são os amigos da internet que o Authentic levou para a vida real e muito mais! Um dos youtubers mais amados do Brasil conta todos os seus segredos. Mais de 1 bilhão de visualizações!

[Compre agora e leia](#)



AuthenticGames: A batalha da Torre

Túlio, Marco

9788582465424

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um sequestro misterioso coloca o nosso herói AUTHENTICGAMES em uma grande enrascada, e ele vai precisar de ajuda para sair dessa. Mas ele sabe que pode contar com um grande amigo para salvá-lo: você! Prepare-se para destruir aranhas, acabar com creepers e derrotar tantos outros mobs aterrorizantes para libertar o Authentic dessa confusão. Escolha uma armadura bem resistente, pegue a sua espada mais poderosa e comece já o caminho de A BATALHA DA TORRE, o primeiro livro de uma trilogia eletrizante e cheia de aventura!

[Compre agora e leia](#)



AuthenticGames: A batalha contra Herobrine

Túlio, Marco

9788582465417

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de ser resgatado de um terrível sequestro, AUTHENTICGAMES está de volta para proteger a Vila Farmer. Mas antes ele precisará encarar uma nova aventura para recuperar sua espada de diamante. Para isso, Authentic conta mais uma vez com a sua ajuda! Ao lado do herói, você – na pele do aventureiro Builder – e a esperta Nina vão partir para uma perigosa jornada até o Nether, onde os mobs esconderam a poderosa arma. Mas o maior desafio ainda está por vir: encontrar e derrotar Herobrine, que está por trás do roubo da espada e quer, junto com o Ender Dragon, acabar com o mundo da superfície. Preparado para mais um desafio? Então, mergulhe em A BATALHA CONTRA HEROBRINE, o segundo livro da trilogia AuthenticGames, uma história recheada de ação, mistérios e muitos enigmas para você decifrar.

[Compre agora e leia](#)

UM NOVO ESTILO DE VIDA PARA VOCÊ EMAGRECER,
SER MAIS FELIZ E CONQUISTAR UMA VIDA MAIS LONGA.



DR. ASEEM MALHOTRA E DONAL O'NEILL



Detox 21 dias

Malhotra, Aseem

9788582466155

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

As informações sobre nutrição e alimentação saudável transbordam nas mídias sociais e nos jornais e revistas. Porém, será mesmo que estamos no caminho certo? Dr. Assem e Donal acompanharam a vida de um vilarejo italiano chamado Pioppi e descobriram que lá a vida é simples, longa e saudável – como sempre foi. Em Pioppi, não há supermercado, nem academia, a comida é deliciosa e os habitantes desse pequeno vilarejo não abrem mão de uma taça de vinho todos os dias à noite. Os autores decidiram, então, unir a sabedoria da longa população de Pioppi a pesquisas científicas muito recentes e criaram um programa de 21 dias para você mudar a sua vida, seu corpo, seu sono e sua saúde. E, consequentemente, diminuir os riscos de diabetes tipo 2 e doenças do coração. Em Dieta 21 dias, você conquistará um novo estilo de vida de forma simples e sem passar horas na academia – e, o melhor de tudo, que essas mudanças serão definitivas. Mudanças que todos nós – por mais ocupados que estejamos – podemos fazer.

[Compre agora e leia](#)